DONÊTA LEITE:

BIOGRAFIA DE UMA EDUCADORA RELIGIOSA

ANTONIELE SILVANA DE MELO SOUZA
LIA MACHADO FIUZA FIALHO
JOSÉ ALBIO MOREIRA DE SALES

Ed UECE

Práticas Educativas
130

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

Editores
Lia Machado Fiuza Fialho | Editora-Chefe
José Albio Moreira Sales
José Gerardo Vasconcelos

CONSELHO EDITORIAL EXTERNO

Conselho Nacional Externo
Charliton José dos Santos Machado, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Emanoel Luiz Roque Soares, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Brasil
Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, Universidade Tiradentes, Brasil
Jean Mac Cole Tavares Santos, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Brasil
José Rogério Santana, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Lia Ciomar Macedo de Faria, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
Maria Lúcia da Silva Nunes, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Norberto Dallabrida, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil
Robson Carlos da Silva, Universidade Estadual do Piauí, Brasil
Rosangela Fritsch, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Samara Mendes Araújo Silva, Universidade Federal do Paraná, Brasil
Shara Jane Holanda Costa Adad, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Conselho Internacional
António José Mendes Rodrigues, Universidade de Lisboa, Portugal
Catherine Murphy, University of Illinois, Estados Unidos da América
Cristina Maria Coimbra Vieira, Universidade de Coimbra, Portugal
Dawn Duke, University of Tennessee, Estados Unidos da América
Hugo Heredia Ponce, Universidad de Cádiz, Espanha
Nancy Louise Lesko, Columbia University, Estados Unidos da América
Oresta López Pérez, El Colegio de Michoacán, México
Ria Lemaire, Universidade de Poitiers, França
Susana Gavilanes Bravo, Universidad Tecnológica Metropolitana, Chile
Emilie Zola Kalufuak, Université de Lubumbashi, Haut-Katanga, Congo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

Reitor – Hidelbrando dos Santos Soares
Vice-Reitor – Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

Coordenação Editorial – Cleudene de Oliveira Aragão

Conselho Editorial
Antônio Luciano Pontes • Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes • Emanuel Angelo da Rocha Fragoso
Francisco Horacio da Silva Frota • Francisco Josênio Camelo Parente • Gisafran Nazareno Mota Jucá
José Ferreira Nunes • Liduina Farias Almeida da Costa • Lucili Grangeiro Cortez • Luiz Cruz Lima
Manfredo Ramos • Marcelo Gurgel Carlos da Silva • Marcony Silva Cunha • Maria do Socorro Ferreira Osterne
Maria Salete Bessa Jorge • Silvia Maria Nóbrega-Therrien

Conselho Consultivo
Antonio Torres Montenegro (UFPE) • Eliane P. Zamith Brito (FGV) • Homero Santiago (USP)
Ieda Maria Alves (USP) • Manuel Domingos Neto (UFF) • Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC)
Maria Lírida Callou de Araújo e Mendonça (UNIFOR) • Pierre Salama (Universidade de Paris VIII)
Romeu Gomes (FIOCRUZ) • Túlio Batista Franco (UFF)

Antoniele Silvana de Melo Souza
Lia Machado Fiuza Fialho
José Albio Moreira de Sales

Donêta Leite:

Biografia de uma educadora religiosa

Ed UECE
1ª EDIÇÃO
FORTALEZA | CE
2021

DONÊTA LEITE: BIOGRAFIA DE UMA EDUCADORA RELIGIOSA

© 2021 *Copyright by* Antoniele Silvana de Melo Souza, Lia Machado Fiuza Fialho e José Albio Moreira de Sales

O conteúdo deste livro, bem como os dados usados e sua fidedignidade, são de responsabilidade exclusiva dos autores. O *download* e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – *Campus* do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel.: (85) 3101-9893 – Fax: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Coordenação Editorial
Cleudene de Oliveira Aragão

Projeto Gráfico e Capa
Carlos Alberto Alexandre Dantas
carlosalberto.adantas@gmail.com

Revisão Vernacular e Normalização
Yls Rabelo Câmara

Esta publicação foi realizada com apoio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Bibliotecária Responsável: Doris Day Eliano CRB-3/726

S729d Souza, Antoniele Silvana de Melo

Donêta Leite: biografia de uma educadora religiosa / Antoniele Silvana de Melo Souza; Lia Machado Fiuza Fialho; José Albio Moreira de Sales. - Fortaleza: EdUECE, 2021.

207p. il.

ISBN: 978-65-86445-96-1

doi: https://doi.org/10.47149/978-65-86445-96-1

1. Donêta Leite – biografia. 2. Educação de mulheres. 3. Fialho, Lia Machado Fiuza. 4. Sales, José Albio Moreira de. I. Título

CDD 370

DEDICATÓRIA

A Deus, familiares e amigos, em especial à Donêta Leite, pelo compartilhamento de suas memórias.

Colégio Sta Teresa

SUMÁRIO

PREFÁCIO ▪ 9
Yls Rabelo Câmara

APRESENTAÇÃO ▪ 13
Zuleide Fernandes de Queiroz

DONÊTA LEITE: BIOGRAFIA DE UMA EDUCADORA RELIGIOSA
Antoniele Silvana de Melo Souza
Lia Machado Fiuza Fialho
José Albio Moreira de Sales

1 PALAVRAS INICIAIS ▪ 19

2 O CAMINHO PERCORRIDO PARA O DESENVOLVIMENTO DA BIOGRAFIA ▪ 30

3 A VIDA DE FRANCISCA DONÊTA LEITE ▪ 41
3.1 Francisca Donêta Leite: constituição familiar e ingresso na vida religiosa ▪ **44**
3.2 Contextualização da Infância e Juventude 59

4 FORMAÇÃO ESCOLAR ▪ 86
4.1 As Primeiras Letras ▪ **86**
4.2 De Estudante do Grupo Escolar das Escolas Reunidas de Mauriti a "Açucena" ▪ **90**
4.3 Ação Missionária e Educação: caminho para o Noviciado ▪ **104**
4.3.1 Colégio Madre Ana Couto e o Exame de Admissão ▪ **107**
4.3.2 Do Colégio Nossa Senhora Assunção ▪ **116**
4.3.3 Colégio Imaculada Conceição ▪ **122**
4.3.4 Centro Educacional Castro Alves – "O Cenecista" ▪ **126**
4.3.5 Colégio Agrícola ▪ **129**
4.3.6 Colégio São José ▪ **132**
4.3.7 Colégio Estadual Wilson Gonçalves ▪ **136**

5 FORMAÇÃO SUPERIOR ▪ 143

6 CONTEXTO DE FORMAÇÃO EDUCACIONAL RELIGIOSA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL ▪ 149

7 ÚLTIMAS PALAVRAS ▪ 185

REFERÊNCIAS ▪ 189

PREFÁCIO

YLS RABELO CÂMARA
Hispano-brasileira, é Pós-Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará; Doutora Cum Laude em Tendencias Actuales en los Estudios Ingleses y sus Aplicaciones pela Universidad de Santiago de Compostela; Mestra em Tendencias Actuales en los Estudios Ingleses y sus Aplicaciones, também pela Universidad de Santiago de Compostela; Especialista em Ensino de Línguas Estrangeiras - Inglês pela Universidade Estadual do Ceara; Especialista em Ensino de Língua Espanhola E/LE pela Faculdade Ateneu e Licenciada em Letras Português-Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual do Ceará. É docente substituta de língua inglesa e suas literaturas no Curso de Letras Inglês da Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Tem experiência os no ensino das línguas portuguesa, inglesa e espanhola e suas correspondentes literaturas, atuando tanto em um curso livre de idiomas de sua propriedade como em diversos cursos livres de idiomas no Brasil e na Espanha, assim como em faculdades cearenses (graduação e pós-graduação) e piauiense (pós-graduação), nas modalidades presencial e semipresencial.
e-mail: ylscamara@hotmail.com

A mulher e a Educação caminham lado a lado desde a aurora de nossa Civilização e a história de uma se mescla e se funde à história da outra, construindo um caminho que vem sendo trilhado com muita entrega, com muito compromisso e, principalmente, com muito sentimento por parte de quem ensina.

Nós, mulheres, sempre tivemos um papel educador nas mais diversas sociedades que vimos passar por nós, enquanto seres humanos, ao longo de milênios de História. Contudo, nem sempre temos recebido a mesma preparação e, mais do que isso, a mesma educação formal que os nossos pares masculinos. O acesso à escola, à Universidade e aos estudos do *strictu sensu* não nos equaliza – mulheres e homens – na mesma balança, malgrado nosso. Mesmo assim, nos reinventamos para seguir ensinando, aprendendo e ensinando – nessa espiral que retroalimenta uma de nossas missões mais nobres: a arte de concretizar em ensinamento o que nos é confiado ou como saber ancestral, via oralidade, ou como saber técnico e/ou científico.

Dentre as pioneiras da Educação em nosso país temos as professoras de Primeiras Letras, as professoras rurais leigas e as professoras formadas pelo Curso Pedagógico e pela Escola Normal. Dentre elas, muitas que abdicaram do casamento e da maternidade para se dedicar a crianças e jovens que não lhes saíram do ventre, mas que lhes entraram no coração. Para estudar, inúmeras abraçaram os votos de uma vida conventual e, *pari passu*, limitante.

A educadora tratada neste livro, Francisca Dôneta Leite, é o amálgama das características supramencionadas: desafiando o destino traçado para ela por seu pai, ousou prescindir de marido e filhos para seguir estudando, ensinando e aprendendo. Da casa paterna para o convento, do convento para a escola, de ambos para a vida. Donêta, que sonhava em ser enfermeira e professora, sempre teve em si a empatia e o cuidado do Outro como meta de vida. São mulheres como ela que nos legam não apenas amor em forma de assistência e de ensinamentos que levamos conosco, mas os frutos de seus anos de denodada e abnegada dedicação ao mister que escolheram, fazendo, como digo sempre, do Magistério o seu ministério.

O fato de Francisca Dôneta Leite estar conosco, viva, empresta ainda mais validade acadêmica a este trabalho, uma pesquisa laboriosamente que merece e deve ser apreciada tanto pelo público especializado como pelo público leigo por se tratar de uma investigação científica que faz jus tanto à pesquisada como aos pesquisadores.

Professora Doutora Yls Rabelo Câmara
(Universidade Estadual do Ceará – UECE)

Colégio Sta Teresa

APRESENTAÇÃO

ZULEIDE FERNANDES DE QUEIROZ
Possui Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará , Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará, Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará e Pós - Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É professora da Faculdade de Medicina de Juazeiro do Norte - FMJ e dos Programas de Pós-Graduação: Programa de Mestrado Profissional em Educação PMPEDU/URCA, PROFHISTÓRIA/URCA e PRODER/UFCA. Pesquisa nas áreas de: Educação, com ênfase em História da Educação, Política Educacional e Formação de Professores; Saúde e Violência; Feminino e Violência; Infância - adolescência e Violência. Atua em ações de Extensão nas áreas de: Educação e Saúde; Educação e movimentos sociais.
e-mail: zuleidefqueiroz@gmail.com

Os estudos em história da educação, ao longo do tempo, têm nos permitido realizar encontros importantes e trazer para a academia uma história que outrora não contaram e não escreveram, nos deixando, assim, órfãos de conhecimentos muitos.

Digo isso por toda vez que tivemos a oportunidade de ler artigos, capítulos de livros e livros sobre história de instituições escolares, histórias de territórios, biografias e autobiografias de mulheres, em especial na região Nordeste.

Nas últimas décadas temos assistido os esforços de professores pesquisadores em registrar a história daqueles e daquelas que mudaram o modo de vida de um espaço, pessoas que colaboraram na constituição da história da sua comunidade. Lembramos quantas vezes visitamos bibliotecas, museus, espaços públicos e não os encontramos. Na verdade são os invisíveis da história oficial.

As vezes quando lemos sobre biografias e autobiografias, especialmente quando fazemos o recorte de gênero e étnico/racial, acabamos concordando com Eduardo Galeano com sua poesia "Os ninguéns":

> Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada. Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos: Que não são embora sejam. Que não falam idiomas, falam dialetos. Que não praticam religiões, praticam superstições. Que não fazem arte, fazem artesanato. Que não são seres humanos, são recursos humanos. Que não tem cultura, têm folclore. Que não têm cara, têm braços. Que não têm nome, têm número. Que não aparecem na história univer-

> sal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local. Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.

Assim, faço um convite aos leitores para atentar para a leitura desta obra em que apresenta a história de uma mulher em seu tempo. Donêta Leite, em um período também chamada de Irmã Vicentina, pois já foi freira da *Congregação Jesus, Maria, José* atuando em algumas cidades do Nordeste, em especial no Crato, sul do Ceará. Uma mulher que, quando freira cuidava da vida de todos os "ninguéns", que cuidou das crianças e adolescentes quando se tornou professora e diretora escolar.

Depois, ela resolveu ser mãe e cumpriu fielmente esta tarefa. Realizou mais um sonho, diz ela, hoje contando que se sente completa com tudo o que fez, sem esconder a dor das decisões que tomou.

As autoras Antoniele Souza e Lia Fialho e o autor Albio Sales foram muito felizes em trazer para nós a história dessa mulher-educadora-mãe-lutadora, Donêta Leite. O estudo nos apresentou uma biografia envolvente e bem contextualizada, além de importante explanação acerca da história oral e memória, ficando para o leitor um grande roteiro de fontes para seus estudos atuais e futuros. Apresenta, de maneira original, mais um estudo para compor o mosaico epistemológico dos estudos da história da educação de mulheres.

Para o leitor da obra, apresento uma pesquisa minuciosa acerca da história de uma educadora ímpar, que perpassa por questões gênero, e estabelece um lugar de centralidade acerca dos estudos biográficos de mulheres do Ceará, antes sem registro sistemático, aprofundado e com a devida abrangência. Na verdade, uma pesquisa que deixa para nós, e para as gerações futuras, os registros de quem antes, muitas vezes, eram considerados "ninguéns".

Colégio Sta Teresa

DONÊTA LEITE: BIOGRAFIA DE UMA EDUCADORA RELIGIOSA

ANTONIELE SILVANA DE MELO SOUZA
Minicurrículo.
E-mail:

LIA MACHADO FIUZA FIALHO
Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, Pós-doutorada em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (CED/UECE), Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UECE) e do Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas (MPPP/UECE). Líder do Grupo de Pesquisa Práticas Educativas Memórias e Oralidades. Editora da revista Educação & Formação. Pesquisadora produtividade CNPq.
E-mail: lia.fialho@uece.br

JOSÉ ALBIO MOREIRA DE SALES
Minicurrículo.
E-mail:

Colégio Sta Teresa

1 PALAVRAS INICIAIS

A palavra *biografia*, conforme o E-Dicionário (2018), tem sua etimologia oriunda do grego, identificada como *bios* (significando "vida") e *graphein* (que significa "escrever"). No ato de "escrever uma vida" se possibilita interpretação excepcional, singular e particular do indivíduo no imbricamento com o coletivo (POLLAK, 1992). A investigação biográfica que concebemos por meio do trabalho denominado *Francisca Donêta Leite: formação educativa e atuação no Magistério na cidade do Crato-CE*, como um campo de estudo, nos permite enveredar e conhecer modelos e metodologias sociais, políticas e culturais. Acreditamos que também nos proporciona vislumbrar a História da Educação e os sujeitos que definiam e eram influenciados direta e ou indiretamente pela organização da formação educacional e das instituições escolares estabelecidas em seus tempos.

O gênero biográfico passou por um período de consolidação e acreditação científica. Ainda há quem nutra desconhecimento e preconceitos que permeiam o fazer biográfico enquanto sua estrutura, objetividade, relevância e validade. No entanto, os estudos biográficos já ocupam relevância considerável nos espaços acadêmicos (DOSSE, 2009). Le Goff (2008), por exemplo, é um autor que já fez em seus escritos diversas críticas à biografia em tempos passados pelo caráter positivista e heroico com que eram tratadas as bio-

grafias. Contudo, temos de esclarecer aqui que não temos pretensão de fazer o que por muito tempo foi marca das biografias mais antigas: santificar e enaltecer a narrativa descritiva de um sujeito que gostaria de se eternizar e ou de se tornar, assim, exemplo social (MACHADO, 2010).

A escola francesa dos *Annales*, grande influenciadora das teorias da História, vai trazer outras possibilidades de narrativas históricas desde a ampliação da concepção de fonte história, ou seja, após compreender que todo vestígio que conta a história do homem no tempo pode ser considerada fonte para a História. Ao longo de três gerações, consolida-se a importância da História Cultural e as fontes que possibilitam uma narrativa micro-histórica. A primeira e a segunda gerações trouxeram novos posicionamentos de ruptura com o produzir positivista, possibilitando um marco para o Marxismo e para a inserção de uma discussão mais social. Posteriormente, tivemos a possibilidade de ampliação dos objetos com a chegada da micro-história e valorização dos sujeitos por tempos invisibilizados na perspectiva macro histórica, lançando luz nos grupos até então excluídos ou pouco considerados, como mulheres, negros, índios, etc.

Sem embargo, esclarecemos que a terceira geração dos *Annales* nos possibilitou ainda mais variações e transformações para com o campo historiográfico, pois possibilita dar visibilidade à voz de sujeitos obscurecidos como as mulheres religiosas. É isto o que pretendemos fazer com Donêta Leite: lançar um olhar sobre a sua história e suas possíveis contribuições para o quadro educacional da cidade do Crato, no interior sul-cearense.

O gênero biográfico, ao ser ressignificado e galgar novos olhares de compreensão, ganhou o respeito por parte dos historiadores e pesquisadores de modo geral (LE GOFF, 2008). A biografia é um campo de possibilidades e de pesqui-

sas, agregador de diálogos e memórias (MEIHY; HOLANDA, 2013). Permeando a correlação entre o coletivo e o individual, entre a memória compartilhada e a pessoal, temos muitas nuances a descobrir e desvelar, caminhando entre o micro e o macrossocial, pois podemos desenvolver um estudo sobre a história de um indivíduo e, a partir deste, perceber o que estava posto na sociedade em que estava inserido, questionando as ideologias e práticas vigentes.

Em uma acepção possível de informações, iremos discorrer sobre as perspectivas de uma docente – mulher simples, de vida interiorana, que se tornou freira e exerceu a maior parte de suas atividades profissionais no campo educacional. Porém, a religiosa que muito empreendeu no cenário educacional do Crato, ao desobedecer às regras da Congregação Filhas de Santa Teresa, à qual se vinculara, rompe paradigmas e passa a ter sua vida exposta às críticas, sendo obrigada a reconstituir seu modo de vida com outra identidade, por não aceitar se subjugar às normas instituídas.

De maneira provocativa e desafiadora, a pesquisa empreendida, denominada *Francisca Donêta Leite: formação educativa e atuação no Magistério na cidade do Crato-CE*, objetiva compreender a trajetória formativa educacional e a atuação profissional de *Francisca Donêta Leite* como professora escolar na supracitada cidade. Tal escopo permite problematizar como se deu a formação educacional e a atuação profissional de Irmã Vicentina, na condição de freira, e de Donêta, após sua saída da Congregação religiosa.

O momento em que Donêta evoca, conseguindo descrever, rememorar as situações vivenciadas e transmiti-las, por meio da oralidade, sobre sua história de vida; o seu relato é considerado, além de uma fonte merecedora de apreciação, um elemento de vestígio e/ou reminiscências sinalizadoras da atividade humana no tempo histórico. As projeções

memorialísticas oralizadas pela biografada carregam em si experiências e vivências singulares que demonstraram ser capazes de revelar as interações das concepções coletivas que cerceavam a educação e a profissionalização feminina na sociedade (STAMATTO, 2002), bem como a cultura patriarcal que submetia a mulher ao casamento encomendado segundo interesses econômicos e sociais do chefe de família, o pai, a figura de maior autoridade na casa, ou o ingresso na vida religiosa.

De maneira breve, importa apresentar o sujeito dessa pesquisa, sujeito singular, Francisca Donêta Leite, com uma síntese da sua história para podermos compreender a escolha de seu nome e sua relevância antes de discutirmos o panorama sociocultural que se imbrica à vida da biografada, com ênfase na sua interseção no contexto educacional.

Donêta é uma mulher interiorana, nascida em 1946, na zona rural, no município de Mauriti, situado ao sul do Ceará. Com uma família constituída de pai e mãe analfabetos, foi, de uma prole de dezessete filhos, a décima terceira filha do casal. Aprendeu as primeiras letras pela antiga *Cartilha do ABC*, com sua madrinha chamada Zefinha, que era a professora da comunidade local e ensinava as crianças a ler e escrever em sua própria residência, além de exercer a atividade leiga-cristã de catequista do mesmo grupo infantil. Posteriormente, para dar continuidade aos estudos, nas séries iniciais do que hoje chamamos de Ensino Fundamental I, Francisca Donêta Leite passou para o Grupo Escolar das Escolas Reunidas de Mauriti. Após os conhecimentos elementares das letras e escrita, as crianças passavam a estudar nas Escolas Reunidas, que depois se tornaram Grupo Escolar das Escolas Reunidas de Mauriti, com ensino multisseriado.

Em contrapartida, diferentemente dos outros familiares seus, Francisca Donêta Leite foi a única que conseguiu

dar prosseguimento à sua escolarização e concluir o nível superior. A continuidade de seus estudos decorreu do ingresso na vida religiosa, especificamente no período do seu Noviciado. Foi durante sua adolescência que ocorreu o ingresso na vida religiosa, e, mesmo contrariando os interesses do pai, que almejava um casamento seu com um sujeito de posses, tornou-se freira congregacionada das Filhas de Santa Teresa no Crato-CE.

Ao firmar os votos como freira, a identidade nominal de Donêta[1] seria suprimida e mudada para Irmã Vicentina, o nome designado seria uma homenagem ao 3º Bispo da Diocese do Crato – Dom Vicente de Paulo Araújo Matos. Decerto, podemos perceber a estima que as religiosas mantinham para com Donêta, pois ao ingressar na vida religiosa, tem o seu nome designado em homenagem ao Bispo do Crato. O nome assumido pelas religiosas ao confirmarem seus votos diante do "casamento com Cristo" era escolhido pela Madre Superiora e demais religiosas que faziam parte da Congregação, cabendo à noviça apenas ter conhecimento da sua "nova identidade" no dia do "Casamento com Cristo"

Assim, assumindo o percurso de vida como freira, encarregava-se de cumprir os votos das congregacionistas religiosas da Igreja Católica, com base em três eixos, a saber: "Pobreza, Obediência e Castidade". Tais pontos são considerados como superestruturas para a vida religiosa advindas do Concílio Vaticano II (1962-1965) e, consequentemente, do Direito Eclesial (CÂNONES: 575-576; 578-602). Portanto, possuía uma repercussão direta nas estruturas

[1] A partir desse ponto, passamos a identificar, no decurso do trabalho, a biografada Francisca Donêta Leite apenas por Donêta, no período que antecede a sua entrada na Congregação e que se estende até depois de ao seu afastamento. No entanto, quando a correlacionarmos à sua atividade religiosa, a identificamos com o nome que lhe foi atribuído pela Congregação: Irmã Vicentina.

administrativas e formações de religiosas na Igreja Católica (BENEDETTO, 2005).

A articulação e imersão dessa filosofia religiosa insere-seno campo educacional por meio das instituições religiosas, bem como na formação pedagógica das religiosas – educação direcionada para a atuação nesses estabelecimentos. Em congruência, o direcionamento da atividade profissional de Irmã Vicentina seguia essa vertente para que auxiliasse nos empreendimentos sociais, educativos e assistencialista da Igreja Católica; era necessária uma formação educacional.

A biografia de Francisca Donêta Leite, ex-religiosa e professora aposentada aqui estudada, centrou-se no seu período ativo profissional (1973-2004), que marcou seus anos de atuação na formação educacional em uma instituição confessional no Crato, no Colégio Santa Teresa de Jesus, que a engajava como relevante religiosa. Todavia, suas atitudes romperam vários paradigmas, iniciados em sua juventude, ainda no seio familiar, quando divergiu da sina predestinada às mulheres de sua família de se casarem – até consolidarem-se respeitadas na sua Congregação e na contrariedade das normativas ao adotar uma criança. Importou considerar sua narrativa acerca das rupturas e permanências, tomando como crucial o tempo de sua formação educacional na interface com os contextos sociais vividos.

A história sobre a educação de religiosas e as instituições confessionais interioranas direcionava um olhar atento para a relevância desses estudos no contexto da História da Educação. A compreensão acerca da trajetória das religiosas docentes, que assumiam a gestão das escolas, se caracteriza por possibilitar compreensões que ultrapassam os princípios da Igreja Católica, mas, como estes, foram disseminados e tencionados para constituir e problematizar

um modelo de educação formal e social para as mulheres. E, nesse sentido, o trabalho biográfico de Donêta possibilitaria reconstituir e ressignificar a narrativa histórica acerca da Educação no Crato ao percorrer um recorte temporal que perpassou pela infância e adolescência dela, mas centrou-se no período de sua atuação educacional, findo com sua saída do Colégio Santa Teresa de Jesus – CSTJ em 2004.

Desenvolver pesquisa biográfica na cidade do Crato, envolvendo questões sobre a História da Educação, tornou-se um projeto alinhado ao projeto guarda-chuva denominado Educação e educadores (as) no Ceará do século XX: práticas, leituras e representações", sob coordenação da Professora Doutora Lia Machado Fiuza Fialho, financiado pelo CNPq, e que teve como objetivo principal a compreensão das práticas educativas, saberes, leituras e representações de educadoras cearenses que atuaram no século XX. A partir desse delineamento, consideramos oportuno trabalhar com a metodologia da História Oral como procedimento basilar para a condução da pesquisa.

Inseridas na linha de pesquisa Formação, Didática e Trabalho Docente, que se concentra na área de "Formação de Professores", extensivo do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade Estadual do Ceará – UECE, optamos por desenvolver um estudo no campo da História da Educação, com amparo teórico na história cultural que, em uma perspectiva micro histórica, biografaria Donêta a partir da metodologia da História Oral de vida híbrida, com análise hermenêutica, que permitiria não apenas preservar a história e memória de uma educadora, mas refletir sobre leituras e comportamentos instituídos socialmente, que desvelam o contexto educacional, cultural e social de uma época.

Na perspectiva da metodologia em História Oral, com o procedimento do gênero biográfico, tornou-se viável coletar fontes e realizar análises para contribuir com a constituição do desenvolvimento de uma narrativa histórica e a possibilidade da expansão do conhecimento da História da Educação, especialmente no Crato. O lançar-se para dentro do debate historiográfico educacional, lançando lume sobre aspectos singulares e subjetivos, ampliou a qualidade da análise de informações, que considerou a memória, as vivências e as experiências dos sujeitos com possibilidades de desnudar uma micro-história que reconhece as "[...] opiniões das pessoas comuns e com sua experiência em mudança sócial." (BURKE, 2011, p. 13), um substrato para a pesquisa científica.

A Educação tem como característica o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e interações das atividades humanas. Estas se apresentam como reflexo das estruturas de formação humana da sociedade. Estas estruturas, durante o século XX, decorreram de mudanças e transformações que, dentro das perspectivas sociais, econômicas e políticas, se formaram como propulsoras para os delineamentos educacionais. Assim, Romanelli (1993, p. 14) esclarece que "[...] a forma como se organiza o poder também se relaciona diretamente com a organização do ensino", e essa compreensão implica investigação acerca desses princípios como incentivadores ou delineadores de uma proposição educacional.

Decerto, às leis, normas e instituições provedoras da Educação são atribuídas um papel de legitimidade efetiva dos condicionantes sociais; é possível evidenciar que, nesses espaços, com a atuação profissional docente, se configura a interface com os interesses das esferas de organização da sociedade.

A pesquisa é retratada na indissociabilidade entre a História da Educação e o percurso profissional docente de Donêta Leite, pois por meio do relato em História Oral Biográfica, "[...] traçar-lhe a identidade refletida em atos e palavras; é cunhar-lhe a vida pelo testemunho de outrem; é interpretá-lo, reconstruí-lo, quase sempre revivê-lo." (CARINO, 1999, p. 154). Portanto, relacionamos tanto os aspectos da formação educativa como os da atividade profissional docente de Donêta, seus saberes, as práticas empreendidas, percursos de Educação e atuação profissional vinculados pelos delineamentos do campo da História e memória educacional ao considerar o contexto sociocultural como imprescindível para a compreensão desse processo.

A pesquisa tende ao campo denso da articulação da História com a memória de idosos, que trazem em si elementos contributivos mnemônicos como um "diamante bruto"[2] e que necessitam ser estudados sob o crivo da profissionalização no sentido *lato*, tendo essas ocorrências individuais como uma partícula de pertença contida no universo do contexto educacional (BOSI, 1994). O estudo recorre ao gênero biográfico por intermédio dos múltiplos olhares que um indivíduo, sujeito histórico, Francisca Donêta Leite, (ex) irmã Vicentina, assume, para se entender melhor a Educação na cidade do Crato.

É interessante destacar a escassa narrativa histórica cratense, em especial no âmbito educacional biográfico, pois diante da procura de literaturas sobre o contexto histórico da cidade natal de Donêta, sobre o munícipio de Mauriti-CE, foi possível constatar um acervo fragmentado e antigo, como

[2] A autora Eclea Bosi (1994, p. 81), ao falar sobre o ato de lembrar, expressa que "[...] uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito.". Isso corresponde a verificar e dar sentido ao que é contido nos bastidores memorialísticos da profissionalização de um indivíduo.

é o caso do *Annuário do Ceará*, de 1953, como sendo o único demonstrativo oficial sobre a história do local. Outro documento que incluímos na pesquisa, porém com informações breves, é o *link* do *site* da Prefeitura Municipal de Mauriti. As informações contidas nesses dois registros elencados, concernentes ao contexto histórico da cidade, são os parcos registros escritos na constituição da história de sua municipalização, relegando a população ao anonimato.

O problema encontrado às vistas da contextualização torna ainda mais relevante a biografia, por ensejar luz aos aspectos sociais da coletividade, ainda considerado desafiador o desenvolvimento da pesquisa devido às lacunas de fontes existentes na história local. A incidência escassa dos registros para obtenção das informações sócio históricas permite implicar os sujeitos locais às circunstâncias do contexto nacional, da sociedade brasileira pela história dita oficial, desconsiderando as particularidades locais e regionais. Com efeito, os aspectos educacionais, como mecanismo de instância de formação da sociedade, revelaram na atividade docente de Donêta a possibilidade de ampliação da historicização dos processos de desenvolvimento de um espaço.

Assim, as marcas da atividade humana na sociedade são reportadas também nas questões de formação do docente, ou seja, como um sujeito ativo e reflexivo no processo educacional, durante o percurso de uma vida, pode colaborar com sua narrativa para alargar a compreensão não só da ação do indivíduo no meio social, mas da articulação desta com a prática social para a ressignificação do coletivo.

Ozga e Lawn (1991, p. 146) sugerem, para pesquisas na área da profissão docente, a necessidade de "[...] ver se podemos estabelecer o quê, precisamente, está no coração do trabalho docente", expressam um significativo importante por fazer buscar os discernimentos historiográficos da Edu-

cação por meio da profissão docente, elencando aspectos que podem comungar e externar pontos de apropriação, e assim, investigar pressupostos capazes de gerar novos entendimentos e compressões ao longo de um determinado período histórico.

Neste sentido, as últimas décadas do século XX, no Brasil, identificaram a possibilidade de analisar o percurso da história de vida dos professores, em uma projeção que vislumbra que:

> Compreender como cada pessoa se formou é encontrar as relações entre as pluralidades que atravessam a vida. Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e sobretudo o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos. (MOITA, 1992, p. 114).

Diante da concepção de que "o modo singular" é apresentado pela citação acima, optamos por utilizar a fonte oral como primária, a fim de conduzir os respectivos eixos, a saber: percurso educacional, a trajetória de formação e a experiência profissional.

2 O CAMINHO PERCORRIDO PARA O DESENVOLVIMENTO DA BIOGRAFIA

O projeto inicial "Educação e Educadores (as) no Ceará do Século XX: práticas, leituras e representações" coordenado pela professora Doutora Lia Fialho, foi o suporte para a pesquisa da biografia de Francisca Donêta Leite, concebendo sua história de vida como objeto de estudo. Definida a mulher educadora a ser biografada, importava tecer escolhas teóricas e metodológicas que se adequavam ao objetivo e assegurariam suporte científico e amparo criterioso para desenvolver a pesquisa e discuti-la.

Assim, ao optarmos por trabalhar com o campo da História da Educação Cearense, apoiadas na história de vida de uma docente, nos inserimos em uma abordagem de pesquisa qualitativa por se aprofundar nos aspectos subjetivos, significativos e representativos da vida do indivíduo (MINAYO, 2001). A docente em estudo é um indivíduo social possuidor e constituidor de História, cuja interferência e interações ante as instâncias sociais implicam importância, especialmente na dinâmica histórica-educacional na cidade do Crato.

Nesse entendimento, para a realização da pesquisa, foi necessário nos debruçarmos na fundamentação teórica recorrente às concepções da historiografia no que concerne à história cultural, mais especificamente ao gênero biográfico, que durante o século XX promoveram mudanças na

concepção da História, já que as perspectivas de análises, da Europa ao Ocidente, como afirma o pesquisador Peter Burke (2010), foram ampliadas a partir do alargamento da compreensão do que seriam fontes históricas.

Para tanto, não pretendemos inserir na textualização desse livro os detalhes e as minúcias acerca dos estudos aprofundados que foram dinamizados pelos historiadores ao longo dos últimos tempos, mas clarificar as projeções que foram latentes em torno das discussões historiográficas como viáveis para os estudos da biografia histórica na interface com a Educação, proporcionando, assim, um olhar aguçado da forma cientificista do "[...] instrumento de enriquecimento da História, por sua aproximação com as ciências vizinhas e pelo incentivo à inovação temática." (BURKE, 2010, p. 8).

Os primeiros decênios do século XX foram considerados anos de muitas transformações e mudanças para a História como ciência, alterando significativamente o percurso de sua historiografia. O processo de desenvolvimento diverso de novos métodos, abordagens, fontes e concepções representavam os debates e discussões ocorridos entre historiadores por questionarem a elaboração dominante do "fazer História" como insuficiente, pois deveriam abordar o conhecimento histórico como objetivo acerca do tratamento das fontes e no entendimento da História da Humanidade (FERREIRA, 2002), considerando todos os vestígios que contam a história do homem como fonte importante para História.

A ampliação das fontes e métodos impulsionaram a credibilidade de alguns historiadores (ALBERTI, 2015; FERREIRA, 2006) acerca da fonte oral. Eles começaram a dar importância científica à oralidade, fonte principal utilizada para este trabalho. Portanto, a ação de narrar se configura

também pelo intermédio no qual o indivíduo utiliza sua oralidade para expressar as vivências, experiências, reflexões, emoções e sentimentos. Neste caso, utilizamos a oralidade da biografada Francisca Donêta Leite, suas lembranças e esquecimentos constituintes da memória e suas reflexões acerca da própria história de vida como ponto de partida deste estudo. Fialho (2015, p. 134) explica que abordagem importa por:

> Ensejar visibilidade às memórias dos professores e professoras, às impressões guardadas nas lembranças sobre o que eles pensavam ser a educação naquele período, através das narrativas e de outros documentos se torno oportuno. Afinal, entender o alcance dos relatos que passeiam pelas conversas informais, mas que ainda não chegaram com força à História oficial e servir-se da memória, para escrever história continua sendo função dos historiadores da educação

Nesse sentido, corroborando com Fialho (2015), acreditamos que os relatos orais se tornam relevantes por exprimir valores significativos a uma dada realidade que não pode ser compreendida destituída de subjetividades adjacentes ao narrador, ao entrevistador e ao leitor. Logo, na contramão de uma "História rankeana" que utiliza metodologias eruditas restritas a "[...] padrões profissionais estabelecidos por Ranke para a história política" (BURKE, 2011, p. 16), lança-se lume ao individual, ao comum, às rupturas e às permanências micro históricas.

O poder político e econômico, implícito na formulação da hegemonia histórica positivista, estava expresso e difundido como se a História possuísse uma verdade única e inquestionável, contida em documentos oficiais, ou seja, nessa perspectiva se deixavam muitos sujeitos como diáfanos historicamente, ou mesmo com pouca importância. De

encontro a esse movimento, busca-se uma história humana, interpessoal, que reporta sentimentos e significados não registrados oficialmente, mas que, ao mesmo tempo, está inevitavelmente imbricada com o coletivo, com o social, com o cultural – enfim, com o contexto macro- histórico.

A História narrada unicamente com base em documentos oficiais, segundo Peter Burke (2010), seria contestada por alguns historiadores, o que culmina no movimento estabelecido como *grupo do Annales*. Os pesquisadores partícipes dos *Annales* empreendiam uma nova maneira de pesquisar a História, indo além da "[...] crônica monástica, memória política, tratados de antiquários, [...] narrativas dos acontecimentos políticos e militares, apresentada como grandes feitos de grandes homens – chefes militares e reis." (BURKE, 2010, p. 17). Em contrapartida, os caminhos seguidos pela História, começavam a refletir em aspectos científicos mais próximos à humanidade.

A chamada "história do presente" protagoniza reflexões diante do campo historiográfico que representa a ação e atuação do homem no tempo e em sua história, no seu passado, considerando que esse passado pode ser pouco remoto em tempos atuais, compreendido com as lentes do presente. A ideia que configura uma nova forma historiográfica a ser principiada e conhecida como possível durante o desenvolvimento da pesquisa Histórica, ao colocar o "Homem do presente" em face aos acontecimentos e fatos presenciados e vividos do passado, possibilitaria concepções para o pensar e/ou refutar a "História Clássica", que se realizava de maneira objetiva e sistemática ante fatos incontestes. Por isso, a abordagem e percepções para uma nova história conduz a um reinterpretar histórico, com possibilidade de inclusão de novas civilizações e sujeitos (DOSSE, 1992).

A biografia de Donêta se situa na história do presente, por não possuir característica de grande recuo temporal, e possibilita um olhar micro histórico por partir de uma vida única para holisticamente refletir o contexto na qual este sujeito se insere. Levi (2015, p. 247), ao explicar sua conceituação do que é definido como micro história, afirma que esta se constitui como um dos modelos de análises derivados das novas reformulações da historiografia, em que os sujeitos subpostos historicamente permitem "[...] ver o particular, não para falar do local, mas para encontrar perguntas gerais que permitam realizar infinitas constatações.".

Rodrigues (2015) acrescenta que o sujeito, para a micro história, estaria à disposição dos aspectos de entendimentos diversos dentro da historiografia, a exemplo da biografia de São Luís escrita por Jacques Le Goff durante a terceira geração do grupo dos *Annales*. Rodrigues (2015) explica que a referida obra expõe a história de vida do sujeito – São Luís, embora de grande notoriedade histórico-religiosa, na interface com o contexto da sociedade, o Estado político e religioso, concomitante ao processo de sua canonização. Cabe ressaltar que o reconhecimento devido da obra deu-se ao distinto tratamento realizado na biografia, em que o autor difere das biografias hagiográficas comumente elaboradas pela sociedade para religiosos.

Inspirados nessa nova visão, a biografia de Donêta atém-se aos fragmentos das narrativas de uma mulher interiorana que foi religiosa e docente, no imbricamento com os aspectos que se referem à História da Educação. O entrecruzamento das fontes, a oralidade com as complementares (imagéticas e documentais, entre outras), findam como sustentáculo para o fundamento contextual do estudo científico. Como afirma a pesquisadora Loriga (2011), em sua obra *O Pequeno X*: da biografia à história, devemos complementar

a História por uma historiografia que busque dar cientificidade às atuações dos sujeitos, e para isso, a apresentação da História hodierna deve estar condicionada a ser o inverso do que predominava como História oficial, que perdurou durante o século XIX, com resquícios no tempo posterior.

O método biográfico, segundo Palhari e Machado (2014), tem a capacidade de proporcionar uma visão estreita do indivíduo com sociocultural, isso por meio de sua história de vida como uma fonte repleta de informações e dimensões, constituindo, assim, a partir da visão de um indivíduo em seu tempo, presente, passado e espaço social, para o qual podemos conceber outras vielas para o conhecimento da História. Essa compreensão inclui os sujeitos em abordagens históricas "policêntricas", vinculando o pensamento historiográfico estrito com as variadas áreas e temáticas (BURKE, 2010).

Segundo Giovanni Levi (2011, p. 135), ao se referir à condução feita pelos historiadores sobre a micro história como possibilidade de uma abordagem, "[...] prática historiográfica em que suas referências teóricas são variadas e, em certo sentido, ecléticas", por manuseá-las de forma interdisciplinar, a micro história ensejava variações descentralizadoras do contexto eurocêntrico, especificamente na França – o epicentro dos movimentos historiográficos, rompendo as limitações da História. Seria o despertar da historiografia para os demais países do Ocidente, na adequação entre suas populações e sociedades, quando ensejam uma prática metodológica interpretativa da realidade de um dado objeto de estudo, considerando o contexto singular e não apenas o universalizante.

Segundo Perrot (2017), na obra *Minhas Histórias das Mulheres*, em relato reflexivo nas primeiras páginas, demonstra-se que a questão marginalizada de pesquisas sobre

o gênero feminino, por exemplo, como o desinteresse em saber sobre as problemáticas que envolviam o gênero em locais comumente masculinos, decorreram, em parte, da maneira de se produzir História. Perrot (2017) acrescenta que na década de 1950 o ambiente educativo era predominantemente de representação masculina.

Contudo, algo contribuía para existir um quantitativo elevado de matrículas de jovens mulheres que pretendiam ingressar na universidade, mas com o transcorrer dos semestres, o número de estudantes femininas que abandonavam o curso era exorbitante. Isso demonstra a importância de se refletir sobre a educação feminina ante o universo de problemas culturais ou sociais que perpassavam as entrelinhas das histórias de cada mulher estudante. A autora ainda acrescenta que as questões sobre o gênero feminino continuam urgentes, pois "[...] conhecer suas histórias e trabalhar nelas, visto que não existiam ou eram escassas" (*ibidem*, p. 14) geraram uma lacuna acerca da história de mulheres.

A procura por conhecer a história de mulheres, como afirma Perrot (2017), constitui, a partir das configurações simples, tradicionais do gênero feminino até o processo de rupturas, segregações e continuidades, sendo assim, em síntese, "[...] a história do corpo e dos papeis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação." (p. 15).

A 'Nova História Cultural' (BURKE, 2008) alicerça uma das principais contestações do movimento dos historiadores dos *Annales*: visibilidade aos sujeitos e suas individualidades e subjetividades ao debater e inclusão sobre a História das mulheres, que ocorre com maior ênfase após meados do século XX – o que podemos considerar historicamente re-

cente e campo ainda muito fértil em possibilidades de contribuições mediante pesquisas.

Por isso, corroborando a explicação de Silva e Machado (2015) sobre as contribuições da Nova História Cultural, importa destacar que esta motivou os pesquisadores às novas visões acerca da "[...] multiplicidade de objetos, novos métodos e abordagens diversas, além de uma variabilidade de fontes, em especial a partir da História Oral da Micro-História" (p. 21), que resultam em tornar o conhecimento da História em escala aproximada entre o tempo passado e presente da Humanidade. O científico está agora imerso nos conceitos historiográficos dinâmicos, que possibilitam discutir, por exemplo, peculiaridades da temática de gênero feminino.

A 'Nova História Cultural' (BURKE, 2008) alicerça uma das principais contatações do movimento dos historiadores dos *Annales*: as fontes históricas são amplas e pertinentes à visibilidade dos sujeitos e suas individualidades e subjetividades, pois importa a todos os homens, como sujeitos históricos, e, naturalmente, isso inclui a História das mulheres, especialmente, com maior ênfase após meados do século XX. Podemos considerar historicamente recente e campo ainda muito fértil em possibilidades de contribuições mediante pesquisas que tratam da Educação e História das mulheres.

Por isso, corroborando a explicação de Silva e Machado (2015) sobre as contribuições da Nova História Cultural, importa destacar que esta motivou os pesquisadores às novas visões acerca da "[...] multiplicidade de objetos, novos métodos e abordagens diversas, além de uma variabilidade de fontes, em especial a partir da História Oral da Micro-História" (p. 21), que resultam em tornar o conhecimento da História em escala aproximada entre o tempo passado e presente da Humanidade. O científico está agora imerso

nos conceitos historiográficos dinâmicos, que possibilitam discutir, por exemplo, peculiaridades da temática de gênero feminino.

A História Cultural, segundo Chartier (2002), é identificada como uma das perspectivas capazes de expandir o campo historiográfico porque permite pensar sobre o objeto de estudo, tendo como consequência, considerar as novas formas metodológicas de se fazer História. Portanto, no mesmo sentido em quem se alargavam as possibilidades de abordagens, temáticas e métodos para as pesquisas na área da História, estreitavam-se as fronteiras sobre o conhecimento dos territórios, civilizações e culturas nos campos da Sociologia, Antropologia, Psicologia, Educação dentre outras áreas, permitindo (re)pensar e (re)interpretar as fontes e análises históricas.

A abertura do campo historiográfico, pela Nova História Cultural, ganha espaço nas pesquisas como abordagem de notória expansão, por permitir conhecer as arestas dos sentidos e percepções das construções humanas (CHARTIER, 2002). Todas as pessoas são consideradas como membros detentores de uma História, seja essa vivenciada, herdada e/ou assistida.

A compreensão em torno do indivíduo, no campo da História como fonte, parte em face de suas múltiplas percepções que ficam por estar designadas diante de suas práticas e representações; seria do que se detém como "[...] realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 2002, p.17). Assim, ao partir da concepção desse indivíduo tomado de percepções da sua realidade social, Donêta é possuidora da sua oralidade como fonte, revestida da sua história de vida ao compasso das transformações, ações e dimensões religiosas e do Magistério. Portanto, a fonte mencionada é utilizada como basilar e articuladora para os

caminhos a serem pesquisados para este trabalho, com entrevistas desenvolvidas sendo o quadro abaixo:

Quadro 1 – Entrevistas com a biografada

Entrevistas	Data
01	21/07/2017
02	24/11/2017
03	08/05/2018
04	01/09/2018
05	18/11/2018

Fonte: Elaboração dos Autores.

Em face das cinco entrevistas realizadas, o enquadramento das fontes expressadas pela biografada preenchiam o tempo, lugares, instituições e percepções de si no espaço memorialístico e histórico.

Nesse entendimento, uma das inclusões ou reformulações trazidas por essa metodologia foi permitida após as discussões do grupo dos *Annales* que foi a História Oral, que surge direcionando uma reformulação da oralidade como fonte para a História como ciência. Assim, no ensejo dessa metodologia, o gênero biográfico, inserem-se as pesquisas científicas por meio das perspectivas historiográficas, trazendo a narrativa de um sujeito histórico singular, particular e inerente como possível para a construção do conhecimento sobre o tempo e espaço da História humana.

Pois, no intento de apresentar uma nova ideia de "[...] possibilidades de interpretação do passado" (ALBERTI, 2015, p. 155), a História Oral ganha importância por possibilitar desvelar vestígios do homem na história, especialmente daqueles que não tiveram suas memórias preservadas mediante documentos e escritos. Thompson (1992) explana que o surgimento da História Oral, apesar de ser uma práti-

ca antiga, teve sua readaptação no movimento historiográfico contemporâneo mediante proficuidade e aceitação da fonte oral como embasamento científico para utilização nas pesquisas.

Em congruência com Thompson (1992), a coleta de informações sobre algum acontecimento ou momento, que fica disposto pela narrativa de um indivíduo, faz da memória algo que transpassa a significância de um processo de busca seletiva das percepções assimiladas pelas lembranças do fato. Diante dessa relação memorialística com a narrativa, Thompson (1992) identifica que "[...] a memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.". (p. 17). Logo, a rememoração dos indivíduos diante dos acontecimentos, emoções e reflexões em eventos comuns estavam a convergir comumente para as práticas e representações dos acontecimentos coletivos. Nessa linha de raciocínio, de acordo com Halbwachs (2006, p.77), "[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva" e, portanto, o ponto de vista permeado por reflexões pessoais e coletivas.

3 A VIDA DE FRANCISCA DONÊTA LEITE

A educação feminina na Região do Cariri, especialmente no Crato, nos decênios do século XX, foi fortemente marcada pela atuação da Igreja Católica. As religiosas buscavam se tornar personagens protagonistas referenciando um modelo sócioeducacional para a sociedade no cenário educacional no Crato, que envolvesse instrução escolar de conhecimentos propedêuticos e a educação para adequação social mediante o desenvolvimento de comportamento e habilidades que diziam respeito à mulher: dona de casa, boa esposa e mãe de família temente a Deus e ao seu esposo.

Para tanto, o cotidiano formativo educacional, vivenciado pelas alunas e religiosas do Colégio Santa Teresa de Jesus, na primeira metade do século XX, mantinha em sua direção e apoio pedagógico as freiras da Congregação Filhas de Santa Teresa. A combinação dessa parceria refletia na difusão dos princípios fundantes de religiosidade da Igreja Católica como extensiva para a atuação social, familiar e profissional docente.

Eram mulheres comuns, entre freiras e leigas, que trabalhavam para a construção de um projeto educacional na região do Cariri cearense (NORONHA, 2015, p. 287), transmitindo e disseminando como valorativo para a educação da sociedade uma formação baseada na fé, na moral, na es-

trutura organizacional e na identidade religiosa. A contemplação de uma educação como forma possível de relacionar-se aos princípios da Igreja Católica, ao longo do tempo, na cidade do Crato e demais localidades da região caririense, influenciavam o âmbito familiar e os diversos setores profissionais, pois muitas ex-alunas começavam a ocupar espaço além dos lares e da docência, como diretorias e áreas técnicas das secretarias municipais (LOPES, 2015).

Foi a partir dos espaços profissionais ocupados por essas mulheres, com alicerces na formação educacional católica na cidade do Crato, algumas seguiram como sentido de expansão para outras cidades da região caririense e outros estados. Muitas dessas mulheres, indiferentemente das que assumiam uma vida mais restrita direcionada à fé, como as freiras, ou na atuação leiga em outros campos profissionais da sociedade, sinalizavam a participação da inserção feminina como contributiva no desenvolvimento da história local.

Mesmo que essas mulheres religiosas tenham sua participação protagonizada em determinados campos de nossa sociedade, especialmente na Educação, o destaque da "invisibilidade feminina", em sua maior parte, circunstanciava as linhas de reconhecimento do registro histórico. A religiosa Irmã Rita Romio (SUSIN, 2015, p. 51), ao pesquisar sobre a vida religiosa feminina católica, confere na obra *Vida Religiosa Consagrada em Processo de Transformação*, a situação da presença feminina como uma esfera que a Igreja Católica ainda confere à "subalternidade às mulheres", por isso a primazia de apoio ao desenvolvimento educacional direcionado ao "clero-celibatário, masculino, exclusiva autoridade oficial", relacionava como superação para as religiosas que transcendiam formação elementar característico da Igreja Católica.

Nesse entendimento, o espaço ocupado por Francisca Donêta Leite, o qual tomamos como base para análise e desenvolvimento desse trabalho, que foi delimitado em seu período como docente-religiosa, foi definido pela sua trajetória formativa educacional e atuação profissional como religiosa, é um complexo imbricamento entre a atividade educacional e sua formação religiosa cristã. Vale ressaltar que no período em destaque o seu nome fora adotado como "Irmã Vicentina"[3], identidade designada pela Congregação Filhas de Santa Teresa de Jesus após o ritual religioso de recebimento dos votos, para o qual a situação nominal era modificada e deveria se estender para todo convívio social até o fim da vida.

Elaborar a biografia científica de uma mulher, ex-religiosa, docente e interiorana, é buscar compreender o gênero feminino em nossa sociedade, em especial, quando o enfoque envereda pelos caminhos da memória social e da História da Educação como vertentes que atribuem fragmentos possibilitadores de subsídios a contribuir para com a ciência histórica. Estaremos, inevitavelmente, a desvelar aspectos da vida de um sujeito, uma mulher do sertão interiorano nordestino, que ingressou na vida docente e religiosa rompendo paradigmas socioculturais, mas também se subjugando subjugando-se nesse mesmo contexto que condicionava o gênero feminino.

A ênfase da biografia foi compreender a formação educativa e a atuação profissional como professora e gestora escolar, na cidade do Crato, de Francisca Donêta Leite, no período de 1973 a 2004. Esta delimitação temporal justifica-se por remeter à inserção de Donêta na Congregação (1973) – marco para a continuidade da escolarização, sua inserção

[3] A justificativa para mudança de nome, justificamos nos capítulos vindouros.

e atuação no Magistério e sua saída (2004), marcada por uma nova organização social e profissional decorrente do afastamento da Congregação religiosa.

Assim, é possível discutir a formação feminina do fim do século XX, bem como os *tabus*[4] impostos pela sociedade cearense em congruência com o contexto macrossocial no Brasil, problematizando mecanismos de fuga e o lugar social do gênero feminino. As tensões existentes nesse campo possibilitam contribuir para repensar paradigmas e despertar movimentos dinâmicos nas cruzadas das pesquisas científicas entre o que foi exposto e validado socialmente em uma época específica e as rupturas que proporcionaram mudanças conceituais. Enseja-se lume a assuntos que foram deixados às margens ou suprimidos pela historiografia séculos atrás.

3.1 Francisca Donêta Leite: constituição familiar e ingresso na vida religiosa

Importa, para esse trabalho, compreender como era constituída a estrutura familiar de Donêta, já que esta diz muito sobre a educação dispensada a ela e suas escolhas futuras. Sua história familiar reafirma as características do patriarcado no Brasil ainda propagadas na segunda metade do século XX, especialmente no interior do Ceará, terra do "povo nordestino", "cabras macho", que difundiam a imagem do homem rude e poderoso para quem mulheres e as crianças deviam obediência.

As narrativas de Donêta asseveram o patriarcado. A relação matrimonial de seus pais, com o denominado "ar-

[4] *Tabu* tem o significado de: "[...] proibição de determinada ação, de aproximação ou contato com algo ou alguém que é considerado sagrado; lugar, animal, objeto, coisa ou ação proibidos por temor de castigo divino ou sobrenatural; medo ou proibição de origem religiosa, social ou cultural.".

ranjo de casamento", por exemplo, foi perpetuado em sua geração. Para entendermos essa história de relevância para o contexto social-familiar da biografada, teremos que voltar o nosso olhar atento para três pessoas específicas, a saber: o Senhor Celerino de Souza Leite (pai de Donêta), Dona Donina Leite de Jesus (tia de Donêta) e Dona Maria Leite Evangelista (mãe de Donêta).

O Senhor Celerino de Souza Leite era casado com Dona Donina Leite de Jesus, tia em primeiro grau de Maria Leite Evangelista, conhecida como Mãezinha – "[...] o apelido dela era mãezinha, o nome dela era Maria, mas o apelido era mãezinha.". (DONÊTA, 21/08/2018). Mãezinha era uma jovem adolescente que ajudava sua tia na criação dos primos enquanto estes eram crianças, com as atividades ligadas à maternidade e ao cuidado "do lar". Tais atividades eram uma imposição de seus pais sobre ela, com o intuito de direcioná-la para o casamento e para a realização das prendas do lar com o aprendizado prático desde a experiência na casa de parentes, iniciando-se desde cedo nas atividades domésticas e se acostumando com essa labuta. Esse labor era mais presente com as filhas mais novas, que não podiam colaborar em sua própria casa, com o cuidado dos irmãos mais novos.

Mãezinha, mãe de Donêta, vivenciou esses padrões formativos de maneira ímpar, pois refletiram fortemente, por muito tempo, na educação das mulheres da família Leite, especialmente de suas filhas, já que Dona Donina Leite de Jesus faleceu após o nascimento do sexto filho com o Senhor Celerino de Souza Leite, que em face da viuvez repentina, se preocupou com a obrigação e a responsabilidade na criação dos seis filhos e transferiu tal responsabilidade para a jovem Mãezinha.

O Senhor Celerino era um agricultor, residente da zona rural de Mauriti, no Sítio Cruzinha, e não se achava em condições satisfatórias para assumir a criação dos seis filhos órfãos, alegando já ter que cumprir o trabalho da roça diariamente para assegurar o sustento da família. Repassou, então, essa responsabilidade para Mãezinha. A preocupação com as atividades domésticas, as crianças e o lar, o fez, em poucos dias, procurar os cunhados, irmãos de sua falecida esposa, inclusive o pai de Mãezinha, e propor casamento com a jovem, – resolvendo assim seu problema com a criação dos filhos.

Donêta recorda-se haver escutado sua avó contar a história do matrimônio como uma situação incômoda, pois ela não admitia o casamento da filha por achar constrangedor o fato, além de ter uma aversão ao jeito ríspido do Senhor Celerino. Mas como a mulher não possuía autoridade na constituição familiar e eram os homens, provedores e chefes de família, quem davam a palavra final nas decisões, seu avô, o Sr. José Leite Evangelista, entregou sua jovem filha (Mãezinha) para contrair casamento com o antigo cunhado, sensibilizado com a dor deste e com sua falta de habilidade no cuidado da casa e dos filhos sozinho, independentemente da acentuada diferença de idade entre este e sua nova esposa e da vontade da noiva: "Minha avó não queria o casamento. Ele era cunhado de minha avó. E minha avó disse que ele era muito ignorante com ela (a esposa). Papai era muito durão, sabe? Papai era do século de mil e oitocentos (risos), do outro século.". (DONÊTA, 21/08/2018).

Donêta ainda acrescenta que sua mãe, ao contar essa situação, dizia repudiar contrair matrimônio com o Senhor Celerino. Assim, no momento em que seu pai a procurou para comunicar a decisão acertada, ela teve muita raiva,

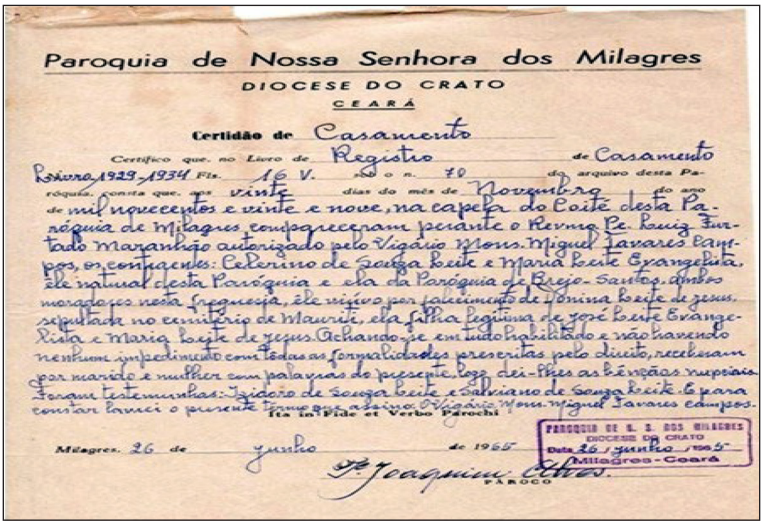
pois tratava-se do marido-viúvo de sua tia, com a qual manteve além da proximidade dos laços consanguíneos, uma sincera amizade, e não nutria qualquer admiração pelo Senhor Celerino:

> "Mãezinha, mas quem é que vai criar meus filhos se não tu? A pessoa que dá certo criar meus filhos é você.". E ela disse: "Eu não quero saber de filhos, nem de nada" e ficou [...] Mas ela (Dona Mãezinha) disse que quando foi de noite, não dormiu, pensando nas crianças. (DONÊTA, 21/08/2018).

O pai e o tio de Mãezinha jogaram nela toda a carga de responsabilidade pelo cuidado das crianças, que não tinha outro sentimento para com o pai que não fosse o de obediência. Segundo Freyre (2006, p. 510), "[...] as meninas criadas em ambiente rigorosamente patriarcal, estas viveram sob a mais dura tirania dos pais – depois substituída pela tirania dos maridos.". Assim, o casamento arranjado de Mãezinha não possuiu estreitamento sentimental, ao contrário, era apenas um arranjo para solucionar o problema de Celerino na criação dos filhos e, ao mesmo tempo, um sacrifício desmedido para Maria, mãe de Donêta, que se viu obrigada a abdicar de seus sonhos e objetivos de vida para assumir um papel para o qual não teria nenhum interesse.

Conforme acordados entre os homens da família e consoante os padrões de uma sociedade patriarcal, o avô de Donêta e o Senhor Celerino resolvem marcar a data do casamento para menos de quarenta dias após o falecimento da primeira esposa deste. Em 20 de novembro de 1929, é realizado o matrimonio de Celerino de Souza Leite e Maria Leite Evangelista na Capela do Coité, em Milagres, como comprova a Certidão de Casamento a seguir.

Imagem 1 – Certidão de Casamento dos Pais de Donêta



Paroquia de Nossa Senhora dos Milagres
DIOCESE DO CRATO
CEARÁ

Certidão de Casamento

Certifico que, no Livro de Registro de Casamento Livro 1929/1934 Fls. 16 V. sob o n. 70 do arquivo desta Paróquia, consta que, aos vinte dias do mês de Novembro do ano de mil novecentos e vinte e nove, na capela do Coité desta Paróquia de Milagres, compareceram perante o Revmo. Pe. Luiz Furtado Maranhão autorizado pelo Vigário Mons. Miguel Tavares Campos, os contraentes: Celerino de Souza Leite e Maria Leite Evangelista, ele natural desta Paróquia e ela da Paróquia de Brejo-Santo, ambos moradores nesta freguesia, êle viúvo por falecimento de Donina Leite de Jesus, sepultada no cemitério de Mauriti, ela filha legítima de José Leite Evangelista e Maria Leite de Jesus. Achando-se em tudo habilitado e não havendo nenhum impedimento com tôdas as formalidades prescritas pelo direito, receberam por marido e mulher em palavras do presente, logo dei-lhes as bênçãos nupciais. Foram testemunhas: Izidoro de Souza Leite e Salviano de Souza Leite. E para constar lavrei o presente termo que assino: o Vigário Mons. Miguel Tavares Campos.
Ita in fide et Verbo Parochi

Milagres, 26 de junho de 1965

Pe. Joaquim Alves
PÁROCO

PAROQUIA DE N. S. DOS MILAGRES
DIOCESE DO CRATO
Data 26 / junho / 1965
Milagres - Ceará

Fonte: Arquivo Pessoal da Biografada. Transcrição do Documento[5], 1965.

O registro matrimonial, celebrado pela Igreja Católica, é circunscrito na cidade de Milagres, devido a que, no ano anterior, em 1828, o Decreto de Lei nº 2.634/28, por questões

[5] Paróquia de Nossa Senhora dos Milagres/ Diocese do Crato/Ceará/ Certidão de Casamento/ Certifico que no Livro de Registro de Casamento/ Livro 1929 – 1934 Fls. 16 V. sob o n. 70 do arquivo desta pa-/róquia, consta que, aos vinte dias do mês de novembro do ano/ de mil novecentos e vinte e nove, na capela do Coité desta Pa-/roquia de Milagres compareceram perante o Revmo. Pe. Luiz Fur/tado Maranhão autorizado pelo vigário Mons. Miguel Tavares Cam/-pos, os contraentes: Celerino de Souza Leite e Maria Leite Evangelista,/ ele natural desta paróquia e ela da paróquia de Brejo-Santo, ambos/ moradores nesta freguesia, êle viúvo por falecimento de Donina Leite de Jesus,/ sepultada no cemitério de Mauriti, ela filha legítima de Jose Leite Evange-/lista e Maria Leite de Jesus. Achando-se tudo em habilitado e não havendo/ nenhum impedimento com tôdas as formalidades prescritas pelo direito, receberam/ por marido e mulher em palavras do presente, logo dei-lhes as bênçãos nupciais./Foram testemunhas: Izidoro de Souza Leite e Salviano de Souza Leite. E para/ constar lavrei o presente termo que assino: o vigário Mons. Miguel Tavares Campos./ Ita in fide et Verbo Parochi/ Milagres, 26 de junho de 1965/ Pe. Joaquim Alves/ Pároco. (Transcrição dos Autores).

políticas-econômicas, extinguir diversas cidades no estado cearense, incluindo Mauriti. Todavia, em 1938, pela Lei nº 448, a cidade de Mauriti é elevada à categoria definitiva de "[...] sede de município, fato ocorrido com todas as demais vilas do Ceará, nestas circunstâncias, isto é, sede de município.". (*Annuário do Ceará*, 1953-1954, p. 163.)

Entre o ano do casamento, em 1929, e o nascimento de Donêta, em 1946, seus pais tiveram outros treze filhos, e no período que sucede o seu nascimento, ainda nasceram mais quatro, totalizando dezessete filhos somados aos seis enteados. Deveriam haver vingado vinte e três filhos de Celerino, caso não tivessem morrido sete ainda bebês, da sua união com Maria. Mary Del Priore (2017, p. 244) enfatiza a elevada taxa de mortalidade infantil presente no sertão nordestino, "[...] principalmente de crianças em sua primeira semana de vida, pelo chamado 'mal de sete dias', causado por infecção no corte do cordão umbilical. Além disso, muitas mulheres morreram no momento do parto com seus filhos ainda no ventre.".

Dessa maneira, a morte infantil era naturalizada. Quando Donêta relatava sobre o quantitativo de filhos das famílias em seu tempo, concomitante relacionava o fato da morte de bebês e expunha que: "Era uma escadinha (o nascimento dos filhos), aqui acolá morria um, [...] entre um e outro, sempre morria." (DONÊTA, 21/08/2018)

A mortalidade infantil, durante vários decênios do século XX, foi um problema que gerou visibilidade em decorrência da elevada taxa de óbito, principalmente nas regiões predominantemente rurais. O luto era frequente e, em geral, pouco sofrido, já que havia conformismo com a situação e a consciência da impotência da população, passiva ao fato, ante a sofrida realidade. O governo, mesmo ciente da triste realidade, fazia acordos por meio de programas de saúde, porém

não chegava a contemplar em amplitude a população para o atendimento adequado. O contexto do "[...] interior que foi conhecido como sertão", assinala Mary Del Priore (2017, p. 183), como uma região que "[...] sofria, porém, de abandono. Nem saúde e nem educação chegavam lá", ou seja, havia o descaso das políticas de saúde e de educação pelo governo.

Donêta relata, com precisão de detalhes, os momentos de morte precoce dos seus irmãos, denominando-os de "cicatrizes da memória", em uma narração centrada na ênfase do tétano infantil, que era uma mazela recorrente nas décadas de 1940 e 1950, como explicita:

> [...] antes dos sete dias, infecção, gritam dia e noite, morrem de dor, que o tétanos (sic) é assim. Encuba quatro a cinco dias, e quando vem, em vinte e quatro horas, morre. Ainda lembro dos últimos que vieram depois de mim, foi desse jeito e morreu (sic). Sarampo matava, caxumba matava, a preocupação antigamente era só comida. Tenho uma irmã mais velha que teve dezoito filhos e morreram dez, uma pessoa que enterra dez filhos, não pode ser normal. (DONÊTA, 24/11/2017).

Os pais de Donêta, com grande número de filhos, mantinham a agricultura como meio de sobrevivência e renda, não diferindo do perfil da constituição familiar no interior do Nordeste. Uma literatura interessante, rica em detalhes sobre a constituição sociocultural da população nordestina é apresentada por Gilberto Freyre, ao abordar em sua obra *Casa Grande & Senzala* a influência dos vestígios do colonialismo que repercutem na passagem do século XVIII para o século XIX. Contudo, Rigonatti (2003) explica que esses traços ainda foram repassados pela sociedade brasileira durante todo o século XX e assevera a contradição do desenvolvimento social ao manter aspectos característicos do século remoto, ao mencionar que:

> O século XX foi cenário de grandes transformações na estrutura da família. Ainda hoje, porém observamos algumas marcas deixadas pelas suas origens. Da família Romana, por exemplo, temos a autoridade do chefe de família, onde a submissão da esposa e dos filhos ao pai confere de chefe. Da família medieval perpetua-se o caráter sacramental do casamento originado no século XVI. Da cultural portuguesa, temos a solidariedade, o sentimento de sensível ligação, abnegação e desprendimento. (p. 42).

Essa relação patriarcal se apresenta na foto (IMAGEM 2) da família reunida de Donêta: o pai – Sr. Celerino ao lado da mãe – D. Mãezinha sentados à frente dos demais. Outra curiosidade da imagem é o fato da quinta pessoa, identificada por Donêta como sendo cunhada dele, que assumiria o papel familiar como a mais nova integrante, ajudando nas atividades domésticas, estando em posição lateral da foto, perpetuando a tradição familiar.

Imagem 2 – Família Reunida em Mauriti-CE

Fonte: Arquivo Pessoal da Biografada, 1964.

Segundo a biografada, o motivo da posição lateral da cunhada era em razão das palavras ditas na hora em que as pessoas plasmadas na fotografia se organizaram para o re-

gistro fotográfico – falaram que só seriam as pessoas da família, e como o casamento da sua cunhada com seu irmão teria sido alvo de problemas, porque o seu pai, o Senhor Celerino, não aceitava a união do casal, sua cunhada carregava esse "desgosto" com a família do seu marido, o irmão de Donêta.

Desde o tempo do casamento do Sr. Celerino com D. Mãezinha, em 1929, até a fase da adolescência de Donêta, ou seja, já na década de 1960, quase nenhuma mudança no modo em que os sujeitos contraíam o matrimônio foram observadas. Em dinâmica similar, foi possível perceber os "casamentos arranjados" das irmãs mais velhas de Donêta, em que, geralmente, os pais ou responsáveis[6] pela moça adolescente, com a chamada "idade para casar", combinavam o casamento das filhas com os pretendentes sem considerar o desejo feminino.

> Como eu estava com 14 anos, já tinham pessoas me falando em casamento, e minhas irmãs tudo casaram com rapazes mais velho (sic), com dez anos ou quinze anos mais velho (sic). E esses caras eram todos trabalhadores, já tinham casa e eram as pessoas que (sic] papai fazia os casamentos e tinha gosto. (DONÊTA, 24/11/2017).

[6] Os responsáveis por jovens órfãos ou em outros casos, como os de meninas que tinham se "perdido", isto é, engravidado antes do casamento e os pais as expulsavam de casa por ter "envergonhado a família", a assistência provinha muitas vezes de instituições religiosas que davam suporte de sobrevivência a esses jovens, suprindo a alimentação e hospedagem. Em troca, dedicavam-se às atividades religiosas e manutenção desses estabelecimentos. Além disso, os dirigentes os prepararem para a vida matrimonial como serviços domésticos, preparação para o laborial, no qual a chegada da maturidade para contrair matrimônio, os religiosos, diretores desses estabelecimentos, organizavam o "arranjo de casamento". Como exemplo, podemos citar as Casas de Caridade, fundadas pelo Padre Ibiapina durante as últimas décadas do século XIX no sertão nordestino, mas que mantiveram seus princípios assistenciais durante os decênios iniciais do século XX (OLÍVIA NETA; GILSON SILVA, 2016, p. 6).

Esse tipo de combinação matrimonial, não levava em consideração o consentimento das moças; era uma maneira de buscar estabilidade socioeconômica, garantir a sobrevivência familiar e até mesmo ascensão econômica para moças no interior do sertão nordestino, que eram dependentes economicamente do pai e, depois, do marido. O "casar bem" era sinônimo de contrair matrimônio com homem de posses que tivessem condições de assumir o papel socialmente constituído de provedor do lar:

> Uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de "dominação masculina" ou de opressão das mulheres. Essas expressões, contemporâneas dos anos 70, referem-se ao mesmo objeto, designado na época precedente pelas expressões "subordinação" ou "sujeição" das mulheres, ou ainda "condição feminina". (DELPHY, 2009, p. 173).

Donêta, prestes a seguir o mesmo destino de suas irmãs e de outras mulheres da sua região, ser encaminhada para o casamento arranjado, percebera que "[...] uns caras já vinham falar com papai, para saber se podiam me pedir em namoro. Me (sic) dava uma raiva tão grande (risos): uns homens velhos tão brancos, era tão brancos que me dava raiva, mas era o estilo que papai gostava.". (DONÊTA, 24/11/2017). Sobre essa preferência de seu pai, que nos remete à tese do branqueamento, muito em voga na época, podemos dizer que:

> A tese do branqueamento [...] baseava-se na presunção da superioridade branca, às vezes pelo uso dos eufemismos raças "mais adiantadas" e "menos adiantadas" e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntaram-se mais duas. Primeiro – a população negra diminuiria progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de

> natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo – a miscigenação produzia "naturalmente" uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procuravam parceiros mais claros que elas. (A imigração branca reforçaria a resultante predominância branca). (SKIDMORE, 1976, p. 81).

O casamento arranjado para as moças era tido como um negócio entre as famílias, no qual o pai definia alguns critérios que influenciavam o consentimento matrimonial, a exemplo da condição financeira, cor da pele e influência social do sobrenome, por exemplo, e as mulheres recebiam a imposição nupcial. Afinal, na união do casal estaria o grifo da pressuposição de perpetuação dos critérios estabelecidos e almejados pelo pai da moça, ou seja, a futura noiva não deveria opinar na seleção de seu futuro marido, já que era o pai quem tinha a autoridade e o conhecimento suficientes para escolher "o melhor para sua filha.".

Como a escolha do noivo perpassava por seu poder econômico e fenótipo do futuro noivo, o estilo de pretendente preferido pelo Sr. Celerino – branco, com posses e mais velho – não destoava em nada da ambição das famílias abastadas da capital, circunstância explicada por Mary Del Priore (2017, p. 229) ao mencionar a constituição do casamento entre as famílias com o intento de "[...] degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do *status.*".

O fator econômico assim, para a união matrimonial, era preponderante. No entanto, para a família pobre de Donêta, era restrito à subsistência, já que a ascensão socioeconômica da família, em localidade tão desfavorecida para família de pouco prestígio, era difícil. Donêta (24/11/2017) explica que "[...] a preocupação antigamente era só comida", como algo frequentemente demonstrado pelas pessoas

de sua localidade e de sua família, devido à precariedade do contexto social vivido.

Segundo ela, sua mãe foi obrigada a casar com um homem que "já tinha seis filhos". Sua "irmã mais velha que teve dezoito filhos, e morreram dez." (DONÊTA, 24/11/2017). A junção desses antecedentes fazia Donêta se preocupar como a perpetuação desse costume para a sua vida, com destino igual ao de suas irmãs. Nessa compreensão, começou a temer a aproximação de homens em sua casa, pois eram comuns as visitas à residência da família das moças adolescentes, e isso as deixavam atentas para uma possível proposta de casamento a ser realizada por algum deles.

No caso de Donêta, não foi diferente. Ela já percebera o movimento para lhe encaminharem algum pretendente. Cabe ressaltar que a proposta dos rapazes era analisada pelo pai das moças (situação mencionada anteriormente) devido à forma patriarcal da sociedade; tinha valor decisório inconteste, ainda que não levasse em consideração o interesse das moças, bem como na casa de Donêta. A decisão final deveria ser dada pela figura paterna, no caso, pelo Sr. Celerino, e as filhas possuíam o dever de cumprir sua decisão, pois tal atitude era um sinal de respeito e obediência ao pai, que se estendia, por conseguinte, ao marido. Sobre isso, Donêta narra:

> Eu olhava a vida de minhas irmãs (cara de reprovação), e é porque nenhuma teve problemas sérios com marido. Eles cumpriram os deveres de casa, os deveres de esposa e isso eu não via vantagem na vida delas, [...] eu não vejo vantagem nisso, é um menino na barriga, outro nos braços e outro na barra da saia, e quase todo ano um filho. (DONÊTA, 24/11/2017).

Donêta sabia que não queria esse destino; ao mesmo tempo, tinha ciência de que caso acontecesse sua discordân-

cia ao destino escolhido por seu pai, o ato seria considerado uma afronta ao poder paterno, desrespeito ao "chefe da família". O modo de vida, como determinava a sociedade patriarcal acerca do lugar esperado para a mulher no arranjo familiar não era instigante ou atrativo para Donêta. Ela pensava em uma maneira de não ser obrigada a contrair casamento indesejado e ter que servir a um homem sem que nutrisse qualquer sentimento pelo mesmo.

Posto o destino quase imutável, a busca de uma saída ao determinismo social que lhe fora reservado deu-se com a chegada de freiras em sua região. Estas atuavam na implantação do Sindicato Rural, apoiado pela Igreja Católica, por meio do Bispo Dom Vicente e do Padre Lorildo, com obras de assistência social. Nesse momento, o primeiro contato de Donêta com as freiras despertou-lhe interesse particular, por visualizar uma saída para fugir do casamento forçado.

Donêta informou-se acerca do estilo de vida assumido por essas religiosas e explica:

> Então, fui querer saber sobre a vida das freiras e tal, e fiquei sabendo que elas trabalhavam nos hospitais, e a partir disso, fui falar com a minha catequista e ela disse que eu tinha que participar mais da missa. Entrei logo a ser Filha de Maria e já não podia mais vestir roupas sem mangas, e a catequista me deu maior cobertura e disse que muitas freiras iam ser freiras sem os pais quererem, e que isso não era pecado; muito pelo contrário, porque eu ia rezar para a conversão dele. (DONÊTA, 24/11/2017).

Ao rememorar esses fatos, ela assevera que revive, por meio de uma lembrança do passado, no tempo presente, e diz-nos emergir-lhe uma gama de emoções e inquietações sobre a constituição das estruturas sociais da população na sua época. Explica que, então, os arranjos familiares eram comuns e aceitos socialmente como algo não apenas natu-

ral, mas importante para agregar valor às famílias, da mesma maneira que era comum a Igreja servir de refúgio para moças órfãs ou que não queriam se casar e desejavam escapar do domínio paterno.

O ingresso na vida de religiosa no Brasil configura-se uma temática abordada por vários pesquisadores. Salientamos, por exemplo, a tese de Silvia Regina Alves Fernandes (2004), em que a autora revela que a experiência de servir a Deus por meio do ingresso na vida religiosa partia, muitas vezes, de uma experiência educacional negativa no seio familiar, pois a experiência de algumas jovens no trato do âmago da família pode ter ocasionado insatisfações com o domínio do sistema patriarcal, uma vez que as relações de atritos vinculavam como inconvenientes a forma mantida da autoridade paterna na família.

Eventos que marcavam a presença dos homens como chefes de família, autoridade exclusiva e guardião da proteção dos entes familiares ganhavam destaque nos fatos citados por Donêta, gerando insatisfação na mesma, que alega minimizar o poder de atuação do feminino que se torna pouco aparente em suas narrativas, como menciona Fernandes (2004).

A ruptura com o ambiente bucólico e romântico e a vida relacionada ao sítio onde a família morava estaria comprometida quando o Sr. Celerino decidiu transferir a residência familiar para a zona urbana de Mauriti. A motivação para o fato foi apresentada por Donêta: "[...] mudei-me para a cidade do mesmo município, após meus pais terem sido assaltados por cangaceiros, ocasião em que foi morto o vizinho Miguel Loriano e baleado o Senhor Aristides Loriano, filho da vítima fatal.". (DONÊTA, 24/11/2017). Os cangaceiros ainda campeavam naquelas paragens em meados do século XX, como explica Pericás (2010, p. 194), ao dizer que o can-

gaço "[...] conseguiu penetrar no imaginário social nacional e permaneceu presente de maneira significativa na cultura brasileira contemporânea.".

Mesmo com a morte de diversos cangaceiros como Lampião, Corisco, Bom–de–Veras e Cruzeiro, dentre outros, a população do sertão nordestino permanecia com a memória compartilhada e/ou vivida dos ataques e saques relacionados aos cangaceiros. Percebe-se, então, que o cangaço referenciava parte de um processo histórico aos que o vivenciaram, direta ou indiretamente, deixando sequelas como os vestígios na memória. Essa memória coletiva, como fala Halbwachs (2006), ficou presente em cada indivíduo como lembrança apoiada pela impressão vivida e dos outros, por isso a afirmativa foi identificada pelos familiares de Donêta como o grupo do cangaço que assombrava a região e retirava o sossego dos interioranos.

Barros (2018), em seus estudos sobre o cangaço no Nordeste, explica que a descrição desse grupo era resultante do panorama "áspero e miserável" que a população sertaneja enfrentava, diante das constantes secas, fome, violência e luta, dentre outras situações. Em continuidade à explicação de Barros (2018), a tipificação do grupo de cangaceiros é destacado em duas vertentes: na primeira, o cangaço aparece sendo caracterizado nos Diários Oficiais, notícias da imprensa e documentos, como marginais e perigosos. Contudo, na segunda classificação, a sua fiel descrição estaria narrada pelas pessoas comuns como os pobres, as mulheres, os analfabetos, os cordelistas e os cantadores de feiras; para essa população, as maiores vítimas da violência do cangaço, havia um verdadeiro pavor.

Com efeito, o ataque dos cangaceiros possibilitaria a visualização do episódio sob outra ótica, o contexto narrado pela história de uma mulher situada na segunda vertente

apontada por Barros (2018), com quem se deveria evitar contato a qualquer custo. Giovanni Levi (2015, p. 249), ao atentar sobre as projeções de seguimento da História, afirma que "[...] os documentos são socialmente determinados, os ricos produzem mais documentos que os pobres, os homens mais que as mulheres, os brancos mais que os indígenas.". Provavelmente, muitas das histórias do sertão nordestino não estiveram em amplo espaço com as narrativas femininas, principalmente se as mulheres em questão tivessem o perfil de indígena, negra e pobre.

Foi ante esse entendimento que consideramos importante biografar Donêta, lançando luz à sua voz devido ao enfoque da sua constituição como indivíduo mulher, ex-religiosa e docente. Sem marginalizar a mulher, mostram-se outros panoramas temporais de sua vida, ao empreender esforços para sinalizar o máximo de traços socioculturais possíveis que dizem respeito à sua vida religiosa e docente.

Temos primado pelo enfoque na sua trajetória formativa-educacional e em sua atuação profissional. Entretanto, a partir dos fatos relatados por Donêta, pudemos perceber vários episódios e eventos que promoveram rupturas e conciliações. Em outras palavras, como passava de dominada para dominante, e assim, constituíam-se as imersões dessas experiências de vida que possibilitaram um contributo para uma narrativa na História da Educação cearense.

3.2 Contextualização da Infância e Juventude

Ao propormos que Donêta relembrasse a sua infância e juventude, período entre 1940 a 1960, percebemos que suas lembranças estavam vinculadas principalmente com os pais e familiares, que de imediato foram destacadas. Afinal, a infância constitui-se como uma fase em que mantemos os

primeiros contatos com as pessoas próximas a nós, ou seja, a família[7]. Esta se torna um elemento crucial de socialização para Donêta, pois são essas pessoas que a direcionam a incorporar os hábitos, costumes, cultura e modos de viver, inserindo-a no mundo reproduzido por elas e por outros antecedentes familiares.

Inicialmente, ao falar sobre a infância e, consequentemente, explicar a sua relação com a família e como a enxergava diante dos acontecimentos, as ações de cada ente para consigo e as relações interpessoais na família de uma maneira geral, Donêta retrata o entendimento de sua posição de mulher e, consequentemente, seu enquadramento social.

Uma das mudanças de vida de grande importância para Donêta foi a mudança de endereço e de estilo de vida. Isso envolveu uma nova dinâmica de vida para todos os familiares – momento em que seu pai, como chefe da família, decide transferir a moradia da zona rural – o Sítio Cruzinha, para o centro urbano da cidade de Mauriti, e deixa de investir na criação de gado para assumir uma nova atividade econômica: a agricultura, por meio de vários produtos.

O episódio dos cangaceiros foi a grande motivação para essas mudanças significativas na família, ao gerar um impacto no cotidiano familiar e no seu estilo de vida. A família possuía costumes e hábitos campestres que se relacionavam como a maioria da população mauritiense, e mudou-se para uma vida mais agitada. O *Anuário do Ceará* (1954) apresenta a demografia dessa época:

[7] O estudo sobre a conceituação de família é abordado por Gomes (1987, p. 23) como "[...] um grupo de pessoas, vivendo numa estrutura hierarquizada, que convivem com a proposta de uma ligação afetiva duradoura, incluindo uma relação de cuidado entre os adultos e destes para com as crianças e idosos que aparecem nesse contexto.".

Imagem 3 – Dados Estatísticos do *Annuário do Ceará*, 1954

MUNICÍPIOS, CIDADES E VILAS	POPULAÇÃO		
	Total	Homens	Mulheres
48. **Mauriti**	24.400	12.159	12.241
Cidade	2.183	1.026	1.157
Vilas			
Anauá	179	84	95
Coité	163	74	89
Maraguá	79	38	41
Mararupá	450	221	229
Umburanas	164	74	90
Quadro rural	21.182	10.642	10.540

Fonte: *Anuário do Ceará*, 1954.

A Imagem 3 apresenta o quantitativo referente à população da cidade (zona urbana), vilas e área rural em relação ao comparativo total, descriminando, assim, o quantitativo de homens e mulheres na região, mostrando que quase toda a população de Mauriti morava na zona rural. O sítio Cruzinha pertencia à zona rural de Mauriti, uma localidade considerada distante do centro urbano da cidade. Nesse período, seu pai criava e nogociava com gado, atividade econômica inicial da família. As condições climáticas deixavam esse ramo econômico em situações desfavoráveis, razão que também influenciou o Sr. Celerino a colocar o gado à venda para mudar de atividade e assumir a agricultura.

A população de Mauriti estava majoritariamente concentrada na zona rural. Isso explicava a razão da atividade econômica principal da cidade ser baseada na agricultura. A cidade possuía a produção agrícola em diversos produtos de cultivo, a saber: cana-de-açúcar, milho, feijão, arroz, mandioca, laranja, banana e algodão, dentre outros[8]. Então, o Sr.

[8] Cf. *Anuário do Ceará* (1953-1954).

Celerino como agricultor, cultivava milho, feijão, algodão e mandioca; era o proprietário de suas terras e contratava outros agricultores para ajudá-lo na lavoura, mantendo o hábito de sempre pagar antecipado para ter bons prestadores de serviço. Donêta relata essa situação como uma estratégia do seu pai para assegurar o comparecimento dos agricultores diariamente ao trabalho. abastada

O Ceará estava inserido historicamente na problemática do fenômeno climático com grandes períodos de estiagem, a "seca", que resultavam em fome, migrações e a presença do cangaço, dentre outras situações que assolavam a população. No entanto, o Vale do Cariri e, de maneira peculiar, Mauriti, atraíam os vitimados pela seca dos estados circunvizinhos para trabalharem na agricultura, por possuirem melhores condições climáticas. A cidade de Mauriti deleitava-se por ter "terras privilegiadas", como descreve o *Anuário Cearense* (1954, p. 162), ao identificar a região assim:

> [...] relativamente fértil, é beneficiada quase sempre pelos invernos que caem no Vale do Cariri[9], vez que fica exatamente na fronteira das terras privilegiadas do sul do estado. É município que não produz propriamente para o Ceará, indo o fruto do seu labor rural fazer praça nas feiras e mercados paraibanos que sempre oferecem bom preço.

[9] A cidade de Mauriti é inserida na região Sul do estado do Ceará denominada Vale do Cariri ou, como chamam atualmente de Região do Cariri, Joaquim Alves, em um texto publicado na *Revista do Instituto Cultural do Cariri* situa a posição mencionada: "O vale do Cariri tem como prolongamento os municípios de Santanópole e Araripe, situados na serra sob a influência do meio-caririense. Os sertões do Sul e o estado de Pernambuco traçam contornos dos seus limites territoriais, que são, ao norte Varzea Alegre, Lavras e Aurora; a leste, Milagres e Mauriti; ao sul, Pernambuco; e a oeste Santanópole e Quixará.". (1946, p. 94).

No tempo referenciado, Mauriti possuía o registro de quatro lagoas: Buriti, Buritizinho, São Miguel e Sêca. Esses reservatórios abasteciam a população e beneficiavam a agricultura. Assim, a prosperidade agrícola era contemplada não só pela força de trabalho da população nativa de Mauriti, mas também de migrantes de outras localidades que procuravam se estabelecer na cidade, em busca de melhor condição de vida e sobrevivência, que na maioria dos casos se tornavam funcionários dos proprietários de sítios e fazendas, como nas terras do Sr. Celerino.

Em raras situações, o estado procurava contratar, por tempo determinado, essas pessoas vitimadas pela seca. Trabalhadores que atuariam nos projetos do governo, como na abertura de "Estradas para o Progresso e o Trânsito de Riquezas" (*Anuário do Ceará*, 1954, p. 184), que ligavam as cidades cearenses de Mauriti a Milagres.

Logo, em relação aos fatores climáticos na cidade de Mauriti, a seca não afetava criticamente a renda, nem a produção e a economia da população, pois, em comparação às demais regiões em que as secas dizimavam os animais por não terem o que comer e beber, Mauriti se tornava um refúgio. Porém, por conta do fenômeno da seca, Mauriti também sofria com o ataque dos cangaceiros, assim como todo o Vale do Cariri, desde o final do século XIX. Ressaltamos aqui a atuação do João Calango, figura que notoriamente ganha reconhecimento, temido na região, no século XIX.

Imagem 4 – Mapa do Cangaço na Região do Cariri

Fonte: http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/Canga%C3%A7o.%20Insurgentes%20do%20Nordeste.%20Origens%20no%20S%C3%A9culo%20XIX%20(joined).pdf. Último acesso em 10 jun. 2018.

A imagem 4, com o círculo destacado em vermelho, é a área que revelava a atuação do cangaceiro João Calango no Vale do Cariri, precisamente em Milagres, a cidade limítrofe de Mauriti. O cangaceiro mencionado tinha a circunscrição na área de Milagres e Vale do Cariri, em uma época em que Mauriti era denominada de "Buriti", um povoado pertencente à cidade de Milagres.

Assim, mesmo com o desaparecimento de João Calango na região do Vale do Cariri entre as décadas de transição entre o século XIX e o século XX, as vilas e cidades ainda sofriam com os ataques violentos e saques de grupos com práticas semelhantes ao cangaço. A população prontamente indicava como atuação dos cangaceiros. Ainda que Mauriti sofresse com ações dos cangaceiros, essas eram efetivas, especialmente, na zona rural.

O relato de Donêta exemplifica fielmente a situação anteriormente exposta. O fato ficou marcado na história familiar e nas pessoas que presenciaram o ocorrido, inclusive Donêta, que no tempo era apenas uma criança, e já possuía registro como cicatrizes da memória, em que a luta gerava emoções de terror e medo. Logo, em decorrência do episódio violento do ataque dos cangaceiros, o Sr. Celerino resolveu mudar seu estilo de vida, mudando-se com a família de sua residência e de atividade econômica, como medida de proteção e segurança.

Imagem 5 – Ruínas da Casa em que Donêta Morou na Infância, no Centro Urbano da Cidade de Mauriti-CE

Acervo: Arquivo Pessoal da Biografada, 2018.

O Sr. Celerino, instalou a família numa casa humilde, comfachada simples, constituída apenas de uma janela e porta (Imagem 5). Com a mudança residencial, a família deslocou-se do Sítio Cruzinha para o centro da cidade de Mauriti (Imagem 5). O estabelecimento e a adaptação familiar no centro da cidade durou pouco tempo e em relação a isso,

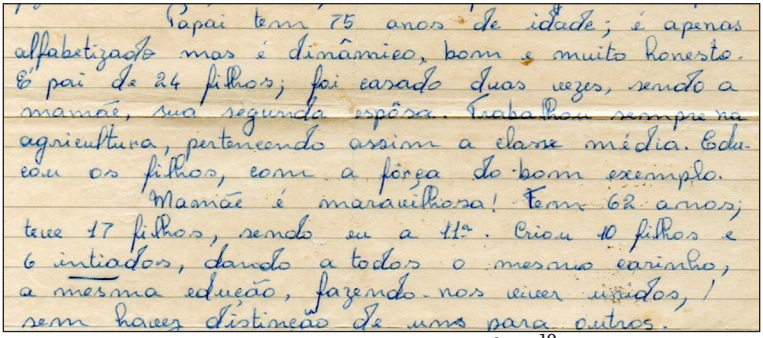
Donêta comenta que logo o seu pai tratou de levá-los para outra localidade, uma fazenda no "Sítio Dantas", próxima ao centro de Mauriti, e não mais tão distante da zona urbana como o Sítio Cruzinha. Ali a família fixou moradia, e assim, Donêta viveria sua infância e juventude no Sítio Dantas.

O lugar preencheria, prontamente, os anseios familiares: era um local com mais habitantes, possuía vizinhos mais próximos e essas características davam o sentido de proteção e segurança. Somadas as circunstâncias e a proximidade ao centro urbano, fariam com que a família absorvesse as influências dos ares citadinos sem romper com a cultura rural, que passaram a se mesclar no cotidiano familiar.

Entre a antiga e a nova moradisa, Donêta compreende aquela como uma fase conjunta de diversas situações relacionadas ao tempo e ao espaço, convivências e conflitos, conhecimentos e discernimentos. Esses elementos são equivalentes às reflexões referentes ao tempo presente pela biografada; o período referenciado caracteriza sua formação, a constituição de si como indivíduo. Essa perspectiva de análise é explicada por Bérgson (1990, p. 196) quando diz que "[...] a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas pelo contrário, num progresso ao presente.". Por isso, apontamos como crucial emergir as recordações da biografada relacionadas ao contexto social, por viabilizar os acontecimentos que implicavam em seu cotidiano sócio familiar.

Os relatos sobre a sua infância e o meio vivido descrevem sua família, considerando-a como formada por pessoas simples, de classe média, com pais apenas "alfabetizados". Donêta possuía vários irmãos provenientes dos dois casamentos do Sr. Celerino, e a sua mãe – D. Mãezinha – assumiu a criação de todos os filhos, tanto do primeiro casamento do marido, como os que nasceram dela.

Imagem 6 – Trecho do "Dever de Casa – A Carta"


Papai tem 75 anos de idade; é apenas alfabetizado mas é dinâmico, bom e muito honesto. É pai de 24 filhos; foi casado duas vezes, sendo a mamãe, sua segunda espôsa. Trabalhou sempre na agricultura, pertencendo assim a classe média. Educou os filhos, com a fôrça do bom exemplo.
Mamãe é maravilhosa! Tem 62 anos; teve 17 filhos, sendo eu a 11ª. Criou 10 filhos e 6 intiados, dando a todos o mesmo carinho, a mesma educão, fazendo-nos viver unidos, sem haver distincão de uns para outros.

Acervo: Arquivo Pessoal da Biografada.[10], 1972.

Na carta (Figura 5) escrita por Donêta, em 1972, é apresentado o cerne da sua constituição familiar. Representando o contato com várias pessoas, entre seus pais e irmãos, fica perceptível a diferença de idade entre ela e esses últimos. Mas, durante a narrativa, outro parente seria acrescentado à convivência familiar desde o dia do seu nascimento, em 20 de abril de 1946: sua avó passa a morar com a família, participando do dia-a-dia e ajudando D. Mãezinha nas atividades domésticas e no cuidado com as crianças.

O cenário situacional de uma infância em contato com pessoas de variadas idades pode explicar que essas crianças, por meio desse contato social, vão se constituindo como parte do processo em formação, sendo capazes de perceber a distinção dos papéis desempenhados entre as pessoas próximas (FIALHO, 2015). Dessa forma, as crianças vão compre-

[10] Papai tem 75 anos de idade; é apenas alfabetizado, mas é dinâmico, bom e muito honesto. É pai de 24 filhos; foi casado duas vezes, sendo a mamãe sua segunda esposa. Trabalhou sempre na agricultura, pertencendo assim à classe média. Educou os filhos com a força do bom exemplo. Mamãe é maravilhosa! Tem 62 anos; teve 17 filhos, sendo eu a 11ª. Criou 10 filhos e 6 intiados (sic), dando a todos o mesmo carinho, a mesma educação, fazendo-nos viver unidos, sem haver distinção de uns para os outros. (Transcrição dos Autores).

endendo e/ou assimilando comportamentos concernentes a suas hierarquias, subordinações, deveres e obrigações. Esses elementos citados figuram em si, a partir do momento em que a criança é dotada de consciência do seu enquadramento, da inserção para assumir sua colocação diante do processo social.

Donêta retrata que no tempo de criança, a aproximação com a família a colocou em um tratamento com muita afeição e carinho, e especifica uma peculiaridade desse esmero por parte de sua avó. As "paparicações" (ÁRIES, 1981) de avó interferiam diretamente no seu desenvolvimento infantil, a ponto de sua avó destoar da posição da biografada na família. A demonstração dessa situação está presente na fala de Donêta, quando menciona que "[...] eu (Donêta) era dela, e me ensinou a chamar de Mãezinha e Celerino" (DONÊTA, 24/11/2017, grifo nosso) os seus pais biológicos, e diz ser uma constante esse tipo de comentário durante a sua infância.

Devido ao cenário convivido motivado por sua avó, Donêta destaca que seu irmão mais velho brincava constantemente com sua incompreensão diante do seu nascimento, e dizia: "[...] que eu (Donêta) era filha de uma cigana, uma romeira que tinha passado e me dado à minha mãe. E eu achava tanto que isso era verdade que eu não tinha coragem de perguntar à minha mãe.". (DONÊTA, 24/11/2017, grifo nosso).

A intensidade das "brincadeiras" na relação das pessoas adultas com as crianças é explicada por Philippe Áries (1981, p. 10) como "[...] um sentimento mais superficial da criança – a que chamei de 'paparicação', era reservado a criancinhas em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha.". Logo, o caso a que nos referimos condiz com o que o pesquisador relaciona sobre a forma de percepção vista da infância pelos adultos, em que sua avó a paparicava e fazia todas as suas vontades. A

maneira concebida por meio das pessoas que acompanham o desenvolvimento da criança para tratá-la de forma lúdica com as incompreensões ainda não adquiridas significava para as pessoas "mais velhas" um divertimento.

O período referido anteriormente trata da fase em que os momentos da infância de Donêta eram circunstanciados por diversas manifestações de apego, carinho e superproteção, ora por parte de sua avó e, em outros momentos raros, disfarçadamente, por Sr. Celerino, que tentava não demonstrar seu afeto. Contudo, Donêta afirma que era em vão, pois apenas calava-se e fingia não perceber, agindo de forma carinhosa.

Desde a infância e juventude, Donêta relata que já possuía alguns irmãos casados e tinha contato com cunhadas e cunhados (Imagem 2 – Família Reunida). Mesmo assim, para seus irmãos, as brincadeiras com Donêta expressavam certo divertimento, aparentemente a longo prazo. Podemos perceber, em outro momento, quando a biografada relata os episódios de sua juventude, algo relacionado a um dos seus irmãos que fazia bebida alcóolica e que sempre depois do horário da escola passava pelo local onde seus irmãos estavam.

Durante as visitas aos seus irmãos, um dia ficou marcado em sua memória: quando Donêta estava cansada, com bastante fome e resolveu degustar a bebida produzida pelo irmão, que prontamente lhe deu a cachaça do tanto que ela quis e que ela apenas parou de beber quando ficou tonta. Era comum que essas brincadeiras ocorrerem sem o conhecimento dos seus pais, uma vez que o Sr. Celerino frequentemente mostrava-se de forma dura e com autoridade exemplar. Sendo assim, era temido por ela e seus irmãos, e a conduta desse tipo de brincadeira jamais seria aceita por ele.

Decerto, a postura familiar da biografada colocava seu pai em nível supremo hierárquico, sendo essa uma das

principais características da hegemonia do sistema patriarcal em nosso país naquele momento. A família patriarcal caracterizava o chefe familiar como uma pessoa de feições, postura e condução no trato das questões familiares de forma rígida. Portanto, o Sr. Celerino se apresentava aos filhos com o perfil "rígido". Para isso, mantinha-se como um homem que não demonstrava risos, alegrias ou tristezas, como afirma Donêta:

> [...] meu pai era um homem durão, era uma pessoa que parecia não ter sentimento, mas era a impressão que a gente tinha porque um homem com esse tanto de filho, no interior, para ter a moral que ele tinha, só tinha moral para se criar bem os filhos. (DONÊTA, 24/11/2017).

O estilo patriarcal atribuído ao Sr. Celerino representava a preocupação com a "moral", significada nesse contexto pela manutenção das estruturas em vias hierárquicas. O estilo e o modo de viver no patriarcalismo asseguravam uma "boa moral", canalizada pelo sentido do poderio em conduzir o comando de sua família. A evidência relatada nas entrelinhas da narrativa de Donêta colocava a "moral" entendida no mando e no desmando, na obediência e na subserviência designados a cada membro da família pelo pai.

Portanto, os pais criavam os filhos deixando-os cientes de seu posicionamento superior na família, e assim, perante a sociedade. Na realidade, procuravam construir, impondo delineamentos, fronteiras sócio familiares. Concomitantemente à circunstância apresentada, o sistema patriarcal na família de Donêta não destoava da forma social vivida pelas mulheres do sertão nordestino. O Nordeste incorporou o sistema patriarcal, independentemente da região, assumindo conotações específicas próprias. Contudo, a maneira geral estava na disposição que Falci (2017) revela:

> Hierarquias rígidas, gradações reconhecidas: em primeiro lugar e acima de tudo, o homem, o fazendeiro, o político local e provincial, o culto pelo grau de doutor, anel e passagem pelo curso jurídico de Olinda ou Universidade de Coimbra, ou mesmo o vaqueiro. (p. 242).

A pesquisadora sintetiza a força do patriarcalismo centrado na atuação masculina, no comando do homem para gerir e administrar as circunstâncias políticas, econômicas, sociais e familiares – como nos costumes cotidianos e morais da sociedade. Decerto, ao serem acrescidos os princípios de um homem gozar de melhorias financeiras, a garantia de mais um patamar de elevação social era certo, situação que passa a ser seguida dos modos tradicionais como "casamentos arranjados", a fim de perpetuar a tradição social e econômica da família (FALCI, 2017).

O homem patriarcal deveria buscar manter atitudes que emanassem a autoridade seguida da obediência dentro do espaço convivido, como de patrão para empregado, pai/chefe familiar para parentes dependentes financeiramente (esposa, filhos e agregados). A criação dessa verticalização nas relações de convívio sociais estabelecia a intenção de reprodução, e assim, a perpetuação do modelo familiar.

O domínio patriarcal no sertão nordestino resplandecia no posicionamento da sua relação como chefe familiar, na figura autoritária do pai, como a pessoa que garantia o sustendo econômico da família e escolhia os pretendentes dos seus filhos considerando o *status* das famílias, suas posses e seus relacionamentos. Donêta infere que o trato do pai com os empregados às vezes parecia o trato dele com os filhos, sempre dando ordens. Donêta relembra das condições de trabalho dos funcionários da fazenda do pai, quando era exigido o comparecimento dos funcionários ao trabalho independentemente do dia, da situação climática, do credo ou

da religiosidade, que não houvesse abono ou falta ao serviço, e as atividades ficavam à mercê das ordens especificada pelo Sr. Celerino. A justificava alegada pairava sobre a forma de pagamento, que sempre era realizada de maneira antecipada, como uma estratégia do Sr. Celerino para assegurar o dia de serviço aos empregados e que seus mandos fossem obedecidos sem questionamento:

> [...] sempre pagava aos [...] funcionários dele antecipado, para que eles trabalhassem todos os dias, pois para meu pai, todo dia era santo, e muita gente dizia que ele era herege. (DONÊTA, 24/11/2017).

O relato reflete a forma como era conduzido o sistema de trabalho na fazenda. As ordens conduzidas por seu pai sujeitavam os funcionários a aceitarem sua condição, inclusive Donêta, para quem os dias considerados sagrados eram dias laborais, pois assim dizia seu pai. Então, a relação de "domínio" centrado na figura do senhor proprietário de terra, como na forma traçada anteriormente, também era empregada na família. Os filhos e esposa deveriam atender às ordens do chefe da família, pois era ele quem garantia a subsistência.

Nas cidades que fazem parte da região do Vale do Cariri, as conjunturas sociais e econômicas estavam ligadas às formas das relações de trabalho; possuíam similaridades quanto ao processo constituição, produção e desenvolvimento. Os empregados da região, em sua maioria imigrante das secas, trabalhavam como agricultores, feirantes e demais serviços subordinados a um patrão, muitas vezes na esperança de se tornar proprietário de terra, como Joaquim Alves relata para a *Revista do Instituto Cultural*, mencionando as sujeições dos empregados a fim de obterem ascensão social e econômica:

> Da nova situação econômica, criada pela valorização da terra e da produção agrícola, surgiu uma nova camada de proprietários, saído dos moradores que economisaram o produto das suas moagens, nos bons tempos, para aquisição das primeiras braças de brejo. São inarráveis as dificuldades experimentadas para se tornarem proprietário, desde a privação do indispensável para viverem com a mulher e filhos, até o excesso de trabalho, das 6 da manhã às 18 horas da tarde, prolongando-se quando as faz necessário a molha da cana pela noite a dentro.[11] (p. 130)

Seguir como proprietário de terra, nas áreas de solos férteis no Vale do Cariri, em tempos considerados economicamente difíceis, configurava um desafio, mas também um privilégio. Pois a condição social de patrão configurava como de prestígio para todos na família. Mesmo que a infância de Donêta tenha sido caracterizada com "paparicos", a figura do pai causava-lhe medo e, por vezes, sinalizava cuidados para Donêta e os irmãos Com isso, ao passo que iam ingressando na fase juvenil, aos filhos as condutas sociais eram exigidas com mais rigidez. Então, diante de alguma travessura, ela e os irmãos temiam alguma punição ou castigo: "[...] a gente tinha era medo de papai, quando ele chegava, a gente dizia: 'Lá vem papai', 'Oh, meu Deus! Lá vem papai'" (Donêta, 24/11/2017).

A figura materna de D. Mãezinha, que durante a sessão não aparecia com tanta visibilidade, teve sua importância marcada pela complementariedade na reprodução e execução dos anseios e discernimentos planejados pelo Sr. Celerino. A gerência educacional familiar exercida por D. Mãezinha estava sendo reservada aos cuidados do lar e à educação da prole. O sentido da "mãe" estava no perfil de mestre da educação das filhas, ensinando-lhes os afazeres domésticos.

[11] Mantivemos a originalidade ortográfica do texto publicado.

Assim, a percepção que podemos fazer do papel de D. Mãezinha estava delegado à responsabilidade de perpetuação do estilo de vida da família, dando continuidade à tradição sociocultural familiar – isso desde a infância e juventude, para preparar os filhos para o casamento.

Donêta relata ter gostado bastante de seus pais e que compreende que as atitudes dos dois, apesar de haver sido uma época difícil em termos políticos e econômicos, estavam voltados para contribuir com o melhor para o futuro dos filhos e da família. Por isso, agiam conforme a educação que conheciam; vinham de famílias humildes, que primavam pela formação familiar em que cada genitor possuía sua responsabilidade, em paralelo à preparação do caminho futuro para os filhos.

Segundo Fialho (2015, p. 24), "[...] o contexto sociocultural interfere diretamente na internacionalização das regras de conduta social", e assim, moldar o comportamento dos filhos ficava na responsabilidade de D. Mãezinha. É interessante que Donêta se referia a ela sempre vinculando-a à maternidade e aos ensinamentos para a vida doméstica. Outro fato referente à maternidade ter sido tão presente na vida de Donêta, está na relação de suas irmãs terem perpetuado o mesmo estilo de vida da mãe com a criação de proles numerosas.

D. Mãezinha se torna uma pessoa coadjuvante na construção familiar do Sr. Celerino. Através dela, os sobrinhos órfãos de mãe são assumidos e criados. Como já havíamos explicado em parágrafos anteriores, o Sr. Celerino, após a viuvez, em poucas semanas, procura o cunhado para pedir sua filha em casamento, a sobrinha de sua falecida esposa – a Mãezinha. Após o aceite do casamento, por seus ex-cunhados que agora se tornariam sogros, o Sr. Celerino, o viúvo, percebendo a estranheza de D. Mãezinha com a situ-

ação, que ainda estava de luto por sua tia querida, tratou de conversar com ela e explicar o motivo da escolha realizada devido a garota ser a melhor pessoa para cuidar dos filhos dele que estavam órfãos.

Os detalhes da história da constituição familiar se tornam importantes para compreendermos como se deu o rumo da formação familiar de Donêta e, consequentemente, compreender os sujeitos e o contexto social que foram alicerçados em nossa sociedade. Assim, podemos ter uma visão ampla da realidade social, desde a percepção da história contada por sujeitos que não possuíam o direito de apresentar seus fatos e situações (DEL PRIORE, 2017).

Donêta explica que o fato de seu pai procurar sua mãe para conversar seria uma forma de respeito e sensibilidade da situação em que ele e seus filhos se encontravam, por isso queria que ela o aceitasse de bom grado como marido Naquele contexto, as mulheres recebiam uma educação massivamente voltada para a administração do lar, os cuidados dos filhos e do marido; o reino feminino concentrava-se nas atividades e prendas domésticas e na atenção ao desenvolvimento das crianças:

> Lá em casa as filhas eram tudo preparadas para casar, os homens tinham que ter uma casa e tinha que ter coragem para poder trabalhar na roça. As meninas tinham que saber costurar, bordar, marcar, fazer varanda de parede para poder colocar nas redes quando casassem. (risos) A única coisa que nunca aprendi foi punhar uma rede, que ainda hoje eu tenho necessidade e num [...] tenho quem faça aqui e ainda não sei fazer, e mamãe dizia assim: "_ Pois não casa não, sem saber punhar uma rede, e quando a rede de sua casa quebrar, como você vai fazer?". (DONÊTA, 24/11/2017).

A maternidade negava qualquer direito de envolvimento, ensinamento ou curiosidade das jovens sobre a prá-

tica sexual que geravam a procriação. Nesse entendimento, os primeiros ensinamentos recebidos por Donêta foram provenientes de suas irmãs. Em relação à nossa biografada, a descrição feita de sua mãe contemplava-a como uma mulher serena e sábia, muito caseira e dedicada ao lar, além de sempre ser amável com seu pai e paciente nos momentos em que ele se irritava. Esses atributos formulariam um modelo a ser seguido por ela e suas irmãs.

A explicação dessa forma de educação favorece o processo de condicionamento do comportamento humano da mulher, direcionando as ações e práticas cotidianas à subserviência e ao projeto e planos que lhes são alheios. Segundo Fialho (2015, p. 22), tais ensinamentos eram efetivados desde criança, e as jovens compreendem que o "[...] cotidiano infantil era ordenado de acordo com a rotina do mundo adulto, que estabelecia mediante um conjunto de ações e comportamentos sociais considerados aceitos, as práticas válidas.".

Na história de Donêta sobre sua infância e o contato com a mãe, percebemos que os "juízos de valor" para as mulheres de sua família possuíam fases elementares a maturação biológica. A primeira fase consistia no tempo infantil – as filhas mantinham a aproximação, contato e "paparicações" pela mãe e avó. O exemplo para o fato citado está relacionando com os cachos de cabelos louros de Donêta, que foram guardados durante anos pela mãe, enquanto aos filhos, as peças guardadas eram roupas e calçados.

A segunda fase faz parte da transição entre a infância e a juventude, logo, começavam a aprender as atividades do lar e dos cuidados de esposa com o marido e com os filhos. A terceira compreendia o encerramento do ciclo de aprendizagem doméstica, com entrada na puberdade/adolescência – era o indicativo de estar pronta para o casamento. Então,

os rapazes sondavam sua residência para convencer seu pai da proposta de casamento.

No contexto social do tempo de nascimento de Donêta, as mulheres se casavam na fase da adolescência, não podiam ter outro destino senão um casamento. Ela explica que em sua família as meninas eram criadas para casar-se, pois seus pais não permitiam que nenhuma ficasse em casa como solteira – era "feio" perante a sociedade.

Sobre a vida sexual no casamento, ninguém poderia falar sobre; a vida íntima, mesmo a conjugal, era algo ridicularizado e pecaminoso, servia apenas para procriação. Inclusive aos casais com muitos anos de união, o sexo manifestado pelo sinal de gravidez na idade próxima da menopausa da mulher era tratado como vergonhoso.

Em Almeida (2007), encontramos a explicação dessa relação da moralidade cristã com a sexualidade feminina, quando afirma que:

> O regramento da sexualidade tinha no catolicismo seu grande poder moralizador. A igreja condenava os desvios sexuais e a conduta desregrada de cada indivíduo, punindo aqueles que se afastavam dos reais objetivos do intercurso sexual, ou seja, os que recusavam em obedecer ao princípio do sexo como meio de procriação, as relações extraconjugais, a sexualidade excessiva. (p. 91).

A procriação, nesse sentido, estava direcionada a casais jovens ou a mulheres jovens. Seriam as pessoas com melhores condições de procriar. Donêta relembra a história de sua mãe, quando contava sobre a repreensão de sua avó à filha – D. Mãezinha, que em idade próxima da menopausa ficara sabendo que estava grávida: "[...] faz vergonha uma mulher de tua idade, com barriga.". Dando continuidade ao relato, Donêta explica: "[...] a barriga era sinal que tinha ocorrido o "coito", e isso era uma vergonha para o povo.".

Contudo, o nascimento de Donêta revelava uma expectativa: a hora do parto era aguardada com a esperança de vir uma criança do sexo feminino. A alegria superada após o nascimento contagiava os familiares, ao ponto de sua avó ter ido morar com eles, como citamos anteriormente. Por conseguinte, Donêta ainda guarda seu tufo de cabelo do primeiro corte realizado por sua mãe, que traz consigo a lembrança dessa história de valorização do nascimento de uma criança do sexo feminino, o que não era tão comum.

Do sítio onde morava até o centro urbano de Mauriti era caminho diário percorrido por Donêta em sua infância e juventude, especialmente para ir estudar. O trajeto continuou servindo para ir à missa na Igreja Matriz Nossa Senhora da Imaculada Conceição, em Mauriti. Além de frequentar a escola, o hábito de assistir à missa promovia o contato com várias outras pessoas fora do seu convívio diário. Participava das celebrações e festividades promovidas pela Igreja sempre ao lado das freiras e dos padres. Construiu amizades com pessoas de grupos religiosos, inclusive com as religiosas que em missão passavam pela cidade de Mauriti.

Nesse contexto, se tornou catequista, tinha o desejo de servir mais à Igreja e à fé da população. Então, ajudava o padre na catequese dos princípios cristão às crianças da cidade. Esses laços estreitavam-se, entre Donêta e a Igreja, a ponto de a biografada comentar com seu pai o desejo de ser freira.

A ideia não foi bem vista por ele, que de imediato a proibiu de ser catequista e de participar das missas. As mulheres de sua família deveriam dar continuidade ao costume esperado: casar, servir ao seu marido e cuidar dos filhos. Logo, as meninas, enquanto jovens, eram sabedoras do destino projetado por seus pais para elas: “Casar, apenas casar. Objetivo que minha mãe nos criou foi para casar. Somos

nove mulheres: cinco da primeira esposa de papai e quatro de mamãe. Já tinham sete casadas, comigo seriam oito e ainda faltaria a minha irmã mais nova". (DONÊTA, 08/05/2018).

Assim, seu pai alegava o desejo de Donêta ter sido motivado pela razão de ela estar muito próxima das atividades religiosas. Ela narra esse episódio explicando a sequência dos fatos:

> Eu estava em casa sem estudar e sem ir à missa, logo, inventei de arrumar um namorado muito sem futuro. Era sobrinho do Padre e tinha fugido do seminário. Não trabalhava e nem aprendeu a trabalhar com os irmãos, nem estudava, e quando ele chegou em Mauriti, a minha família era muito próxima à dele, e papai já ia dizendo "_ Não é nem para pensar em namoro com esse vagabundo de jeito nenhum", e como eu já estava com quatorze anos, já tinha (sic) pessoas me falando em casamento, e minhas irmãs tudo casaram com rapazes mais velho (sic), com dez anos, quinze anos mais velho (sic), e esses caras eram todos trabalhadores: já tinham casa, e eram essas pessoas que (sic) papai fazia os casamentos, e tinha gosto. (DONÊTA, 24/11/2017).

Como seu pai não admitia o caminho religioso para as filhas, decidiu privá-la das missas e momentos religiosos para que ela não continuasse com o desejo de ser freira. No entanto, a proibição foi em vão e como Donêta pretendia continuar com as atividades da I greja, resultou por satisfazer-se saindo de casa escondida, desobedecendo-o. Esperava-o sair para trabalhar e, em seguida, pegava um pequeno sino que ele guardava e saia tocando na estrada como sinal para as crianças irem ao catecismo.

Nesse ínterim, tinha aprendido uma maneira de sair de casa sempre que quisesse quando seu pai estava ausente. Foram nessas saídas que ela tratou de namorar escondido o sobrinho do padre, pois como seu pai não o consentia, a

única maneira de se encontrarem era escondido. O namoro não vingou, pois quando o rapaz a pressionou para fugir, ela relata não ter vislumbrado um bom futuro, uma vez que o rapaz não trabalhava e possuía um perfil totalmente diferente do de seus cunhados, e nisso, ela concordava com a justificativa do Sr. Celerino, para alegar a proibição do relacionamento ao desconfiar da paquera entre os dois.

Em outro fato, quando estava na juventude, destaca ter assumido a tarefa de costurar suas próprias roupas, tendo em vista que sua mãe repudiava costurar modelos de roupas conforme a vontade de Donêta. E explica: "[...] minha mãe não fazia roupas para a gente sem manga porque ela dizia que 'não levaria esse pecado para Deus', e assim, eu, num instante, aprendi a costurar minha própria roupa.". (DONÊTA, 24/11/2017).

Como tinha desistido do namoro, continuou a ajudar na igreja escondida de seu pai. As freiras, que frequentemente passaram a conviver na cidade de Mauriti, implementavam as obras sociais da Diocese de Crato por meio da Fundação Padre Ibiapina, com o apoio do Bispo Dom Vicente, conhecido como "O Pastor das Obras Sociais.". Possuíam a missão de atendimento, alfabetização e assistência da população rural, em especial dos produtores rurais, preparando-os para a criação de um sindicato rural.

A época, década de 1960, foi um dos períodos de maior atuação em assistência social da Diocese do Crato. As freiras, nesse período, eram a mola dos intentos da Diocese. A execução das atividades profissionais e de desbravamento em terras rurais servia de abertura do claustro a que estavam submetidas, e assim, levavam os conhecimentos de práticas domésticas a muitas mulheres do campo, além de práticas de saúde e higiene, entre outras ações.

Portanto, o incentivo das obras sociais da Diocese do Crato envolvia os religiosos para o cumprimento da missão renovadora da Igreja. Em vista disso, o padre Lorildo, pároco da Igreja Nossa Senhora da Conceição, de Mauriti, sabendo da possibilidade de implantação de um sindicato rural na cidade, começava a pensar na possibilidade de integrar o Sr. Celerino no projeto.

Donêta explica que seu pai era um homem íntegro, honesto, de boa conduta e muito respeitado na cidade. O único impedimento da sua inserção no projeto rural seria a negação dele por possuir certa aversão à Igreja Católica. Segundo Donêta, seu pai não era um homem muito partícipe dos eventos religiosos e a sua admiração estava na fé particular que tinha; não direcionava o que era sagrado a pessoas e instituição física.

Então, o padre decidiu conversar com o Sr. Celerino e contar sobre as pretensões que existiam para a criação do sindicato rural em Mauriti e as ações favoráveis advindas dessa organização. Com o aceite, o padre nomeou o Sr. Celerino como tesoureiro e fundou o sindicato rural, passando as suas reuniões a serem realizadas na fazenda, em um terreiro em frente da casa de Donêta (Imagem 2).

Outra situação estava para ser resolvida, segundo Donêta: livrar seu pai do Inferno, pois possuía dois objetivos: o primeiro consistia na vontade em poder servir melhor a comunidade em nome da fé, caridade e oração; o segundo era "salvar a alma" do seu pai, pois temia que a aversão dele pela Igreja o levaria para o Inferno e, dedicando-se em oração por ele, estaria livrando-o dos pecados da alma.

A biografada admirava o trabalho das enfermeiras, por poderem ajudar na assistência de pessoas doentes. Posto isso, Donêta em conversa com o Pe. Lorildo, foi se informar sobre as condições para trabalhar nessa área, pois teria

que estudar e morar em Fortaleza. Em seguida é que seria designada para atuar nos hospitais e, como exemplo, citou as freiras da Congregação da Filhas de Santa Teresa de Jesus – algumas delas eram enfermeiras nos hospitais do estado para suprir a demanda exigida.

Donêta possuía proximidade com as freiras da Congregação Santa Teresa de Jesus que atuavam em Mauriti por meio das obras de assistência social da Diocese do Crato, sendo vinculadas às atividades na catequese da Igreja Matriz. Donêta as procurou e mencionava constantemente sobre o seu desejo de entrar na Ordem, o que a fez conjecturar até em fugir com a proteção das freiras, para enfim torna-se religiosa.

As obras de assistência social e de caridade da Igreja Católica na região do Cariri, desde a criação da Diocese de Crato, em 1914, com o bispado de Dom Quintino – 1º bispo, serviram de grande influência para o ingresso de mulheres para atuação no serviço religioso[12].

A disseminação de religiosas para as áreas rurais do Cariri, especialmente em Mauriti, que é o local principal dessa sessão em estudo, configura o momento de expansão da Escola de Líderes Rurais – ELIRUR, com o propósito de orientar e promover "[...] o homem do campo com a finalidade de levar-lhe muitos conhecimentos úteis, elevando seu padrão de vida integrando-o na comunidade Social.". (MON-

[12] Durante a tessitura do trabalho, pudemos perceber que uma parte das mulheres da Região do Cariri, do início até meados do século XX, tinha o direcionamento para casar, única via social aceitável para uma mulher de "boa moral". Contudo, como forma de abdicar do único caminho de construírem a vida por meio de um matrimônio e direcionando empatia pela cultura religiosa, se engajam nos espaços de execução das obras sociais de caridade. Esses grupos femininos são denominados de "beatas do Pe. Cícero", "Filhas de Maria" e "Açucenas", dentre outras. A fundamentação dessa afirmativa está nestas jovens desviarem-se do intento matrimonial socialmente construído pela época. (SANTOS, 2010, p. 402).

TENEGRO, s/d, p. 159). Decerto, a atuação tanto de freiras como padres adentrando nas zonas rurais dava suporte para encaminhar as jovens mulheres nas ações da Diocese do Crato e na catequese da Igreja Católica[13].

Portanto, Donêta estava engajada e animada com as atividades de catequese; já tinha conquistado a fitinha verde que era destinada às meninas-adolescentes que pretendiam ingressar na vida religiosa e passavam a ser chamadas de Açucena:

> Papai não me deixou fazer o curso, e eu planejei fugir com a Irmã Alencar. A responsabilidade de fugir era muito grande pois se não desse certo eu não podia voltar para casa, e quando eu disse isso para a Irmã Alencar, ela ficou com medo. Como ela podia saber e apesar das minhas informações terem sido as melhores possíveis, nesse tempo eu já acordava 5:30 da manhã, fazia o café de papai e mamãe, levava para a cama deles e me arrumava para ir à igreja. Às 6:00 já estava na igreja de Mauriti. (DONÊTA, 24/11/2018).

Segundo Almeida (2007, p. 20), a religiosidade fez parte da cultura de muitos povos, mas nas mulheres, particularmente no Brasil, a propagação e retenção das idealizações sociais, culturais e religiosas incutiram diretamente em seu papel na sociedade e na perpetuação da moral cristã. Posto isso, era comum nas famílias as mulheres/mães serem mais

[13] O Colégio Madre Ana Couto foi afiliado à Casa de Caridade – essa, desde meados do século XX, passou a pertencer à Fundação Padre Ibiapina. Assim, o Colégio Madre Ana Couto constitui-se como uma das idealizações da Diocese do Crato por meio do seu 3º bispo, Dom Vicente de Paula Araújo Matos, como expansão de obra assistencial educacional. O estabelecimento servia como amparo às jovens das zonas rurais, distantes da sede da Diocese, que entre o cotidiano de práticas educativas, o currículo contemplava: "Horticultura, que [outras disciplinas] envolviam as jovens na prática das atividades do campo e no incentivo agricultura familiar.". (MONTENEGRO, s/d, p. 160)

envolvidas com a religião do que os homens/chefes familiares. Logo, a primeira educação das crianças era construída pelos ensinamentos maternos, com o aprendizado das práticas sociais e a absorção dos princípios religiosos católicos romanos.

Como o pai de Donêta não gostava da ideia de ela se tornar religiosa, então, não media esforços para empreender repreensões de clausura domiciliar, como forma de castigo, para distanciá-la das participações das atividades da Igreja. Essa forma arredia em relação à Igreja, deixavam as freiras e o Padre Lorildo temerosos. Por isso, procuravam ser cautelosos diante de algum assunto que pudesse contrariá-lo.

Enfim, o Padre Lorildo e as freiras foram testemunhas da decisão inconteste de Donêta de se tornar religiosa, e assim, planejaram uma situação para poder falar com o Sr. Celerino sem causar maiores transtornos e insatisfações para a filha e o pai. Segundo Donêta, a situação foi tensa, pois, caso seu pai desaprovasse o pedido, a única maneira encontrada por ela seria o de fugir e, para uma jovem sair da casa dos seus pais fugida, seja por qualquer motivo, era um sinal de deserdo; não poderia mais voltar para casa.

Então, os religiosos, o Padre Lorildo e a Irmã Alencar combinaram de conversar com o pai de Donêta com a intenção de deixá-la partir para continuar seus estudos no Crato, município sede da Diocese. Na época em que transcorria o fato, a cidade de Mauriti não possuía escolas com as sérias subsequentes às do ensino elementar. A conversa ocorreu na residência de Donêta. Estavam presentes apenas os religiosos e o Sr. Celerino, que acabou cedendo ao pedido realizado na condição de que Donêta tivesse a obrigação de escrever, frequentemente, uma carta para seus pais informando as suas condições de bem-estar, sua rotina e adaptação no Colégio.

O tempo em que Donêta esteve no Crato, após a saída de Mauriti, dando continuidade a seus estudos até sua integração formalizada como religiosa na Congregação Filhas de Santa Teresa de Jesus, é um período denominado Noviciado. É na fase propedêutica que a jovem pode experienciar, entre as normas, regras e conhecimento da hierarquia da Igreja, uma reflexão sobre sua capacidade de absorção e os costumes e princípios da Congregação, e, por fim, adaptar-se ao universo religioso.

4 FORMAÇÃO ESCOLAR

Nessa sessão, ao desdobrarmos a trajetória formativa educacional de Donêta, empreendemos narrativas entre as minúcias de sua educação, buscando formular breves ensaios sobre o seu percurso que, algumas vezes, comungaram da mesma sombra da história de algumas outras mulheres que foram partícipes das transformações educacionais no contexto do Ceará durante o século XX.

4.1 As Primeiras Letras

Donêta inicia sua escolarização entre os seis e sete anos de idade, por volta da década de 1950, no Sítio Dantas – Mauriti. Relembra a sua primeira experiência educacional pertinente aos conhecimentos sistemáticos das letras, formação da escrita e leitura. As poucas lembranças que estavam a citar se tornam vestígios valiosos em face, ao mesmo tempo, da reafirmação do método educacional que se tornou mais presente na educação das crianças do século XX.

Donêta relembra que o ensino era baseado na metodologia da cartilha do ABC, "[...] uma cartilha, ou seja, um livro didático elaborado para alfabetização de crianças, amparando o trabalho pedagógico das professoras no ensino da leitura.". (FIALHO; QUEIROZ, 2018, p. 73). A sala de aula era improvisada em um pequeno cômodo ao lado da casa prin-

cipal da residência da professora. A sala de aula apenas continha uma mesa grande quadrada e dois bancos longos de madeira em cada lado. As crianças e jovens se sentavam nas laterais, enquanto a professora, a Sra. Josefa Cartaxo Melo, conhecida como Madrinha Zefinha, ficava na cabeceira da mesa.

Donêta confessa sua admiração e carinho pela professora Madrinha Zefinha, "[...] queria muito bem a ela" (DONÊTA, 21/07/2017), tanto que alguns anos depois a convida para firmar o compromisso de madrinha do seu sacramento da Crisma. Com isso, tendo em vista a importância que a religiosidade assumia na vida da biografada, tal convite era considerado relevante e permeado pela admiração à professora, bem como devoção e crença na religião ao reafirmar sua comunhão e interesse na atuação servil às atividades da Igreja Matriz Nossa Senhora da Imaculada Conceição[14]. O convite de apadrinhamento, mesmo que antes da realização do rito cerimonial, e a designação de Madrinha Zefinha, já eram motivos de reconhecimento de seu trabalho como docente. Delfino (2012), sobre o apadrinhamento, diz que: "Aos padrinhos eram atribuídas obrigações de servirem como tutores morais e espirituais do afilhado, bem como a assistência de recursos materiais ao longo da vida e a responsabilidade de criação, quando na ausência dos pais". (p. 3).

Manter o costume das pessoas leigas-religiosas como "padrinhos" davam-lhes a posição de inserção no círculo familiar do afilhado. Decerto, a Madrinha Zefinha, nas entrelinhas do relato de Donêta, dava o sentido de ser uma pessoa exemplar socialmente; era uma senhora tida como bem casada, com uma família de "boa moral" em Mauriti, acrescido do seu comportamento irrepreensível de conduzir a educação das pessoas, entre crianças e adultos.

[14] Cf. Sessão 3.2 – Contextualização da infância e juventude.

Com esse entendimento, a Madrinha Zefinha cumpria fielmente as rotinas das atividades em sala de aula, assumia a responsabilidade da educação das crianças para a leitura, escrita e comportamentos sociais, e como o respeito às pessoas adultas. A educação conduzida por madrinha Zefinha servia de continuidade daquela primada pela família do estudante. Donêta comenta um acontecimento que lhe marcou desde o seu primeiro dia de aula:

> Ela dizia: "_ Fulano" e outro respondia: "presente" e outra respondia "ausente", e eu pensava que era facultativo o nome presente ou ausente, e eu não percebi que quando alguém dizia "ausente" era respondendo que aquela outra pessoa não veio (risos), e quando ela chamou meu nome, eu respondi: "_ Ausente, madrinha Zefinha".Então os meus colegas me deram uma vaia, tinha (sic) muito (sic) meninos e de várias idades.(DONÊTA, 24/11/2017).

Um episódio que Donêta retrata como constrangedor, pela vergonha das "vaias" dos colegas. O controle da frequência dos alunos era uma rotina mantida pela Madrinha Zefinha, que administrava a educação em sua casa com o ritmo de um estabelecimento de ensino. No entanto, ela contornou a situação, deixando Donêta sentindo-se melhor. A professora, definida por seus alunos como Madrinha Zefinha, constitui o perfil de algumas outras professoras leigas (THERRIEN, 1991), que marcaram com sua docência a história de vida educacional de muitas crianças e jovens.

Esse tipo de ensino com idades variadas e níveis de escolarização diferentes nas adjacências das casas das professoras, Phillipe Áries (1981) a explica como herança secular, e em relação à história da biografada, em pleno século XX, reafirmamos a prática:

> Mas embora a primeira infância fosse assim isolada, a mistura arcaica das idades persistiu nos séculos XVII e XVIII

> entre o resto da população escolar, em que crianças de 10 a 14 anos, adolescentes de 15 a 18 e rapazes de 19 a 25 frequentavam as mesmas classes. Até o fim do século XVIII, não se teve a idéia de separá-los. Ainda no início do século XIX, separavam-se de modo definitivo os homens feitos, os "barbudos" de mais de 20 anos, mas não se considerava estranha a presença no colégio de adolescentes atrasados, e a promiscuidade de elementos de idades muito diferentes não chocava ninguém, contanto que os menorezinhos não fossem expostos a ela. (p. 176).

Donêta explica sobre a atenção e seriedade que Madrinha Zefinha mantinha em relação à educação dos alunos, que não era apenas em sua postura, mas também "[...] quando a gente se desenvolvia mais rápido, ela mesmo já aconselhava os pais para botar a gente na escola da rua.". (DONÊTA, 21/07/2017). Logo, percebemos que Madrinha Zefinha possuía uma preocupação diferenciada, porque não se limitava aos ensinamentos elementares da leitura e escrita, mas à forma de acolher os alunos e de aconselhar os pais sobre o desenvolvimento do estudante, o que tornava sua prática cuidadosa ante um acompanhamento educacional comprometido com o prosseguimento dos estudos de seus alunos.

A instrução educacional direcionada por ela estava alicerçada nos conhecimentos de leitura e escrita, nos moldes do ensino tradicional. Outras características do ambiente escolar, como educar diversas crianças e jovens em sua residência em horários semelhantes, com níveis de conhecimentos distintos, a precariedade de materiais educativos, a ausência de formação docente, dentre outras, eram típicas das Escolas Isoladas, pois continham apenas bancos, mesa e a cartilha, e centravam-se na postura e no ordenamento da própria professora com metodologia e didática próprias, adquirida na formação obtida (BARREIRA, 1949).

4.2 De Estudante do Grupo Escolar das Escolas Reunidas de Mauriti a "Açucena"

Com conhecimento elementar sobre leitura e escrita, Donêta foi encaminhada pela professora das primeiras letras, no começo de sua adolescência, para o ingresso na rede escolar oficial da cidade – o Grupo Escolar das Escolas Reunidas de Mauriti.

Em Mauriti, a história da implantação do primeiro estabelecimento de ensino pelo poder público, "Grupo Escolar das Escolas Reunidas de Mauriti", se apresenta em poucos registros, razão essa que caracterizamos como importante para reportarmos nos relatos de Donêta, sendo esse capaz de oferecer a possibilidade de problematizarmos outros elementos à História da Educação do Mauriti, não encontrada em registros oficiais. O valor da narrativa de Donêta sobre a vivência no grupo escolar constitui-se "[...] uma das riquezas da História Oral, que está em permitir o estudo das formas como as pessoas ou grupos efetuaram e elaboram experiência, incluindo situações de aprendizado.". (ALBERTI, 2015, p. 165).

As instituições denominadas como "Grupo Escolar" eram o modelo institucional assumido para a Educação durante o período pós-império, e assim, tornou-se a estrutura organizacional necessária para a implementação da consolidação do regime republicano durante as décadas subsequentes à Proclamação da República, em 1889, e à Constituição Republicana, de 1891. No Ceará, especificamente, o empreendimento de esforços para efetivar essas concepções republicanas por meio dos grupos escolares em todo o território do estado ganha forças apenas nos meados do século XX (BARREIRA, 1949).

As construções dos estabelecimentos escolares eram os primeiros passos dados pelo governo estadual cearense no âmbito da Educação para impulsionar as ideias republicanas educacionais em cidades interioranas, territórios com pouca visibilidade dos investimentos políticos e econômicos. Logo, a delimitação física para o ensino em espaços apropriados estava sendo dividido entre as salas de aulas e as estruturas administrativas, como composição de diretoria e professorado.

Para assegurar a propagação dos ideários republicanos, bem como fomentar a educação elementar, as variadas promulgações constitucionais do estado cearense durante as primeiras décadas do séc. XX tentavam direcionar artigos que apontassem o compromisso assumido ao atribuir a Educação como princípio democrático aos cidadãos.

Ao reportamos de maneira especial a Constituição Estadual do Ceará, de 1947 (CEARÁ, 1947), consideramos a sua atuação como inclusa no período em que a biografada manteve vínculo com a educação primária pública do estado. A educação primária estava caracterizada pelas implantações de grupos escolares em todo o território do estado. Donêta afirma ter estudado no Grupo Escolar das Escolas Reunidas de Mauriti até o início de sua juventude, em torno dos seus 13-14 anos – época de 1960, o tempo em que deixou de estudar.

Em face das circunstâncias, a educação de Donêta no estabelecimento de ensino antecedem à promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Por isso, a Constituição Estadual do Ceará, de 1947, corresponde à lei norteadora para os princípios educacionais em todo estado do Ceará, vigente ainda na época em que ela estudava.

Ao apontar os princípios educacionais, a Constituição Estadual do Ceará, de 1947, torna-se o documento base até

a próxima constituinte estadual que surge apenas em 1964 (CE de 1964). Até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, a Educação no sistema brasileiro estava sendo constituída por decretos, reformas e legislações estaduais, subordinadas prerrogativas do governo central, que tinha os modelos educacionais como aparato para a formulação e disseminação para as demais regiões dos entes federados.

A normativa da CE de 1947, do Ceará, definia os preceitos educacionais em quatorze artigos principais. O primeiro desses artigos é o Art. 144, que começa explanando como "Direito de todos e será dado no lar e na escola, devendo inspirar-se nos princípios de solidariedade humana.". Ele parece querer manter o caráter permissivo para uma educação diversa, composta para além da esfera pública estatal, pois viabilizava uma educação flexível a ser compartilhada com instituições/organizações de iniciativas particulares.

Talvez, em decorrência da situação anteriormente citada, o sistema educacional cearense, principalmente nas cidades do interior, passava por processos lentos em relação a mudanças. O empreendimento de renovação educacional para o sistema republicano tentava substituir os resquícios do aparelhamento do ensino primário desestruturado do período imperial do Brasil com a expulsão dos jesuítas do monopólio educacional. O governo pretendia seguir com a tomada da responsabilidade educacional pelo Estado, como público e laico, e como resultado, surgem as Escolas Reunidas e Isoladas, que se formam e sucedem por várias décadas do século XX nas cidades do Ceará.

A compreensão sobre os dois tipos de escolas, Reunidas e Isoladas, são conceituadas por Américo Barreira (1949) assim:

> [...] a junção de três ou mais escolas isoladas, que passam a funcionar no mesmo prédio sob a direção de uma das professoras. Tais escolas não dispõem de espaço nem de material [...] atuam em meios ainda mais atrasados e pobres, pelo que suas dificuldades são enormes. (p. 41).

A seguir, ele conceitua o estilo e a situação das Escolas Isoladas:

> Já é um tipo de mais numeroso de estabelecimento de ensino primário. Há quase quatro centenas delas espalhadas pelo estado. [...] É regida por professora diplomada e instalada, em geral, em uma simples sala de modestas residências, em aldeias. Às vezes, na escola moram a professora e sua família. [...] A professora ministra o ensino a diferentes classes ao mesmo tempo, pelo espaço de três horas e meia [...]. As classes são muitas vezes numerosas, de cinquenta alunos e mais (BARREIRA, 1949, p. 41-42).

Os dois modelos institucionais supracitados faziam parte dos indícios de uma educação sem boa estrutura e organização, além do pouco investimentos e atenção para sua regulamentação, pois estas instituições estavam, em sua maioria, nas mãos de particulares, como as instituições religiosas, ou pela iniciativa de mulheres que tinham a base de conhecimentos de leitura e escrita e mostravam-se solidárias para exercer a docência autônoma nas próprias residências.

Tendo em vista que a precariedade pareava com o improviso de um ambiente educacional, como as Escolas Isoladas, frágeis em relação à sua precariedade mantenedora e física, assim como nas práticas educacionais que mantinham os perfis da legislação imperial (BARREIRA, 1949), Donêta acrescenta informações sobre a prática da professora Sula Leite, que a descreve com um perfil como solteira e religiosa; sobrevivia das aulas que lecionava, intercalando o ensino

formal aos ensinamentos da catequese da Igreja Católica. A conduta assumida estava em similaridade com o que era primado pelos pais dos seus alunos: "[...] os pais achavam que ela ensinava muito bem, ensinavam bons modos, uma boa moral, pois uma vez que eu cheguei lá de batom, a professora, prima de meu pai, me deu uns carão (sic) danado (sic). (DONÊTA, 24/11/2017).

Ela relata que as repreensões eram comuns, que se castigava e repreendia diante de alguma coisa "errada" da criança. De fato, os ensinamentos comportamentais infantis no século XX eram alvo de métodos repressores e punitivos; poucos consistiam em fazê-la refletir sobre o sentido de suas ações. A infância servia como fase propedêutica com imposições e repreensões, das ações que seriam reproduções favoráveis para a sociedade.

Desde a Carta de Lei de 15 de outubro de 1827, já se instituía, pelo Art. 6º, que determinava: "Os Professores ensinarão [...] os principios de moral chritã e da doutrina da religião catholica e apostolica romana" e no Art. 8º: " Só serão admittidos [...] sem nota na regularidade de sua conducta.". A conduta da professora estimada pelos pais de Donêta compreendia a moral como princípio religioso a ser perpetuado para além da educação no âmbito familiar e garantido na escola pelas práticas educacionais ensinadas pelas professoras.

A iniciativa do setor público no período referenciado, em parte era suprimida pelas instituições religiosas que mantinham o cunho educacional, representadas em sua maioria pela Igreja Católica, a organização e filosofia educativas se tornavam atrativas para a população, ao mesmo tempo em que tomavam o compromisso de assumir as áreas/territórios ainda inatingíveis das políticas educacionais do estado cearense.

Se a Constituição Estadual do Ceará de 1947, no Art. 149, explanava que o "[...] ensino primário é obrigatório e será ministrado em escolas localizadas em cada concentração humana de cinquenta crianças em idade escolar", a desarmonia do artigo perfaz sobre a obrigatoriedade relacionada ao quantitativo de alunos, sem considerar a realidade demográfica das cidades e vilas. A Educação, por meio do Estado Público, como elemento que deveria subsidiar a evolução progressiva dos níveis escolares dos estudantes, estava incapacitada para oferecer a continuidade.

Com essa compreensão, a Igreja Católica manifestava interesse nessas áreas com escassa atuação do Estado, em relação às políticas educacionais limitadas que não chegavam às comunidades e deixavam o analfabetismo assolar a Educação estatal.

Donêta explica inclusive o alto índice de repetência enquanto aluna no Grupo Escolar e afirmar: "Ficávamos repetindo a mesma série todo ano. Ninguém nunca passava para a quarta a série, pois ela não queria perder os alunos e a conivência com os pais.". (DONÊTA, 24/11/2017). A hipótese que nos leva a crer o motivo para a atitude da professora estaria fundamentada como uma estratégia, pois ao utilizar a repetência dos alunos, no período em que estivessem na idade escolar, a professora estaria por garantir a manutenção do grupo escolar em funcionamento na cidade devido ao atendimento do quantitativo determinado pela legislação, além do que muitos jovens não poderiam se deslocar para a capital para dar prosseguimento aos estudos.

De fato, a cidade natural de Donêta, o município de Mauriti, até meados do século XX, não possuía um núcleo escolar, um espaço físico educacional com investimentos do poder estatal. Portanto, a postura da professora provavelmente seria a de resguardar a sustentação do estabele-

cimento educacional, o Grupo Escolar das Escolas Reunidas de Mauriti, enquanto mantinha os jovens estudando e aprendendo mais.

Assim, para a criação do Grupo Escolar das Escolas Reunidas de Mauriti (Imagem 6), temos registrados dois momentos: um primeiro documento com autorização e acreditação de valores, com referência específica para a instalação do prédio, enquanto um segundo documento, datado em anos subsequentes, apresenta outro valor, fixando o mesmo intento:

> Lei nº 594, de 15 de outubro de 1949 – Autoriza a abertura de crédito especial de Cr$ 230.603,10 para construção de um prédio destinado ao G.E. de Mauriti. (Assembleia Legislativa, 1949).
>
> Decreto nº 228, de 11 de novembro de 1952 – Autoriza a abertura de crédito especial de 200.000,00, para construção de um prédio destinado ao Grupo Escolar da cidade de Mauriti. (Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, 1952).

O investimento para a criação do "primeiro"[15] Grupo Escolar em Mauriti, fazia vistas à necessidade de escolarização da população em grandes contingentes, que pontuamos como número de analfabetos e a quantidade de Escolas Isoladas (BARREIRA, 1949).

Por conseguinte, com a aprovação do governo estadual, seguia-se a autorização do crédito, determinavam-se os valores e o tempo para a construção do Grupo Escolar. Logo, aos poderes políticos locais das cidades, como prefei-

[15] Consideramos o "Grupo Escolar das Escolas Reunidas de Mauriti" como o local onde Donêta estudou, como sendo o primeiro grupo escolar do município de Mauriti, tendo em vista que apenas um outro grupo escolar teria sido implantado em 1969, pela Lei nº 85 de 22 de setembro de 1969, denominado "Grupo Escolar Municipal do Sítio Estrelinha", na zona rural da cidade.

tos e representastes dos setores educacionais (inspetores e fiscalizadores), ficavam com a incumbência de implantar o estabelecimento de ensino dentro do tempo e do espaço especificados.

Imagem 7 – Grupo Escolar das Escolas Reunidas em Mauriti

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, s/d.

A construção do Grupo Escolar das Escolas Reunidas de Mauriti foi realizada, conforme podemos observar a imagem acima (Imagem 7). Infelizmente, a fonte do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE não indica, com precisão, a data do registro. No entanto, apesar dessa lacuna, podemos observar, pelo tipo fotográfico e pelas características de marcas contidas, os indícios da temporalidade da imagem, os elementos da área de localização em uma rua com aspectos rústicos, sem calçamento ou alinhamento urbano para a mobilidade das pessoas. O poste de energia se encontrava improvisado, de madeira, em frente ao portão principal do estabelecimento de ensino, as cercas de varas e arame farpado, delimitando a área do estabelecimento foram as primeiras características expressas na descrição que supomos o registro e a imagem contida, como sendo a versão inicial do prédio construído.

Diferentemente do que analisamos, o mesmo prédio, na Imagem 8, como uma fotografia em tempos prósperos, em relação à imagem 7. O Grupo Escolar já estava com denomi-

nação de Escola de 1º Grau André Cartaxo, escrito na fachada predial, na parte superior do lado direito da Imagem 8.

Imagem 8 – Escola de 1º Grau André Cartaxo

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, s/d.

Provavelmente, o prédio referente à Imagem 8 fora reformado após o ano de 1971. A afirmativa se fundamenta na ruptura educacional causada com a reforma educacional da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Essa reformulação da LDB determinava que as escolas primárias passassem a ser identificadas como escolas de primeiro grau. Por isso, o Grupo Escolar das Escolas Reunidas de Mauriti passa a ser de Escola de 1º Grau André Cartaxo.

Imagem 9 – Escola de Ensino Médio André Cartaxo

Fonte: http://mauritiemdestaque.blogspot.com/2014/11/mauritiense-e-destaque-em-evento-para.html , s/d.

Sem muitas modificações estruturais, o prédio do antigo Grupo Escolar das Escolas Reunidas de Mauriti, com registro mais recente, é intitulado como Escola de Ensino Médio André Cartaxo (Imagem 9). O registro já possui clara identificação temporal ao apresentar o aviso da "SPAECE 2010" escrita no muro, no canto esquerdo da imagem.

O interesse em estabelecer a sequência histórica das transformações do Grupo Escolar das Escolas Reunidas, escola em que a biografada estudou entre as décadas de 1950-1960, seria para demonstrar o descompasso lento da marcha educacional. Vejamos que apenas depois da década de 1970 o Grupo Escolar das Escolas Reunidas de Mauriti passa a se chamar Escola de 1º Grau André Cartaxo – essa como função de aderir ao antigo ensino primário e o ginasial.

No entanto, para o caso de Donêta, houve a impossibilidade de continuar os estudos no Grupo Escolar, já que só oferecia escolarização até a quarta série. Entre os 14 e 15 anos, com o término da rotina escolar, Donêta diz ter passado um longo tempo preenchendo o seu dia assumindo mais obrigações diante das atividades domésticas e religiosas pastorais da Igreja. Com relação a essa última atividade, as jovens da cidade eram chamadas pelos moradores de "Açucenas".

> Nesse tempo eu já acordava 5:30 da manhã, fazia o café de papai e mamãe, levava para a cama deles e me arrumava para ir à igreja. Às 6:00, já estava na igreja de Mauriti porque eu já era candidata a Filha de Maria, e como não tinha a idade ainda, ela me chamava até de açucena, porque era candidata a Filha de Maria, "que eram azuis", mas como não tinha idade, usávamos uma fitinha verde no pescoço. (DONÊTA, 24/11/2017, grifos nossos).

O regime familiar imposto por seus pais apenas permitia o casamento como destino para as filhas, pois aposta-

va-se numa educação delineada em criar laços para instruir uma mulher prendada para ser considerada como uma boa esposa. De tal forma, a Educação no grupo escolar baseava-se na prática da professora que tentava criar alicerces numa formação que estendia o tradicionalismo patriarcal a fim de agradar aos pais das alunas, ensinando-lhes as primeiras letras e os padrões de comportamento pautados no respeito, para que fizessem um bom casamento.

A vida social estava imersa na cultura religiosa católica. O nominativo da cidade para as jovens com o título de "Açucena" indicava a forte presença de atuação do serviço prestado das mulheres jovens à Igreja/religião. A Igreja, por meio dessa designação, tratava de prestar outra forma de compensação do papel social para as jovens mulheres, voluntárias da caridade, dando reconhecimento aos seus préstimos. As moças açucenas ganhavam mais "visibilidade", pois as características de uma adolescente que se voltava não apenas para o lar, mas também para a Igreja, unia sua "fervorosa fé" às qualidades de uma boa mulher para casar, o que lhe permitia arranjar melhores pretendentes.

Ao contrário desse panorama, Donêta buscava outros meios para satisfazer-se como profissional: queria dedicar a sua vida para "servir" ao próximo, ir além das delimitações que marcavam o seu meio de convívio e se tornar freira para não ter que se submeter a casamentos arranjados. Ela não abandonava seus afazeres tradicionais domésticos, contudo, achava-se capaz de romper o costumeiro destino das moças do seu seio familiar com o matrimonio, e, então, procurou meios para sua profissionalização como enfermeira.

Em virtude da precária Educação em Mauriti, que até a década de 1960 se concentrava apenas nos conhecimentos elementares primários, com a Educação ofertada em Grupos

Escolares e em casa particular de professoras, era impossível a realização de suas metas. Ceifava-se o progresso da continuidade estudantil de jovens, tornando-as estáticas e inertes para o desenvolvimento dos conhecimentos mais aprofundados por falta de escolas em níveis mais avançados.

Quando Donêta relata ter procurado o padre Lorildo, pároco da igreja que frequentava, estese torna uma peça-chave para o seu discernimento. No Nordeste, muitos padres assumem, durante a constituição histórica da região, papeis de autoridades, especialmente no Ceará, em face do desbravamento territorial, o conhecimento e a influência dos órgãos governamentais (MOTA, 1946[16]) e esse padre, que se tornara pessoa confiável, aconselhava e direcionava o melhor destino para muitas famílias e seus entes.

O Padre Lorildo informa a Donêta que a profissionalização como enfermeira só poderia ser adquirida caso ela se mudasse para Fortaleza, pois no período referenciado, a única cidade do Ceará que realizava capacitação para a área era a capital do estado. Fortaleza demonstrava evolução nas formações, no progresso e no desenvolvimento.

A ideia de mudança de Mauriti para Fortaleza era uma condição improvável de ser aceita pelos pais de Donêta, que não tinham parentes na capital para receber a filha durante os estudos. Ademais, a concepção de uma formação e discernimento primado pelo pai de Donêta, um ensinamento em que as filhas apenas conhecessem os saberes do lar, conservação da postura moral e a subserviência ao marido como parâmetro de excelente esposa, não consentiam à filha outros tipos de experiências/conhecimentos profissionais.

[16] O escritor Leonardo Mota, na *Revista do Instituto do Ceará* (1946), escreve um texto que encara como "desafio", no qual relata o percurso da história eclesiástica no Ceará, com um enredo apontando os cargos públicos assumidos pelo clero diante das situações políticas, econômicas e sociais.

As limitações desses requisitos impostos pela formação familiar para Donêta afrontavam o seu desejo de uma profissionalização como enfermeira, ao mesmo tempo em que desgostava seu pai por ela querer se tornar religiosa e dar prosseguimento aos estudos. Na contramão dessa situação, Donêta, como Açucena, mantinha o relacionamento muito próximo à Igreja, contava com ajuda do padre e das freiras para apoiá-la e realizava suas vontades pastorais. O padre explicava que a profissionalização almejada por Donêta era possível; ela poderia se tornar enfermeira se virasse freira da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, no Crato. Essa saída poderia iniciá-la na atividade religiosa, bem como na formação para enfermeira, por possibilitar abrigo da Igreja na capital. E posteriormente ela poderia atuar nos hospitais de referência do interior do estado do Ceará. Entretanto, o precedente estava em assumir a vida como religiosa, absorvendo seus hábitos e costumes.

A ida do padre e das religiosas à sua casa para tentar convencer seu pai a aceitar a ideia foi narrada por ela assim:

> Eu pensei que não ia mais sair de casa novamente. Assim, eles foram pedir para papai. E quando chegaram lá parece que deram foram uma anestesia em papai: ele se transformou, mas assim, pediram a ele para eu vir para o Crato porque eles estavam preparando para fundar uma farmácia e um ambulatório do FUNRURAL. Era para eu fazer um curso de enfermagem para poder eu ir trabalhar no ambulatório. Foi então que eu ia passar um mês no Crato para fazer o curso de ambulatório, assim, ele deixou e eu vim assim. (DONÊTA, 24/11/2017).

Todas as circunstâncias vivenciadas na juventude de Donêta, desde a experiência religiosa na Igreja Matriz de Mauriti até a perspectiva do seu contexto familiar, dariam ao fato da escolha para se tornar freira a concepção, nas en-

trelinhas, de certa ruptura ao condicionante do casório, pois seria uma ruptura nas tradições familiares, mas, ao mesmo tempo, por estar acolhida pela Igreja, não romperia padrões sociais para as moças da época.

Nessa compreensão, durante os relatos de Donêta, percebia-se a manifesta insatisfação sobre o contexto da vida matrimonial, e assim, é possível aferir que a escolha para seguir uma vida religiosa era a única possibilidade de dar prosseguimento aos estudos e fugir de um casamento precoce, acordado entre famílias. Afinal, afora o casamento, o outro caminho "moralmente" aceito pela sociedade para as mulheres era "a vida religiosa como freira".

Jane Soares de Almeida (2007, p. 15) afirma que "Na pesquisa histórica voltada para o terreno educacional, quando se quer situar mulheres como protagonistas, é possível perceber um entrelaçamento de destinos incorporando-se a educação e a religião.". Decerto, a história de vida de Donêta não escapa dessa similaridade entre a educação e a religião, porém se distingue na sua singularidade, no seu olhar e postura para conseguir romper com a tradição familiar de casar suas filhas com famílias mais favorecidas economicamente, sendo a única da genealogia a ingressar na vida religiosa e a dar continuidade aos estudos, e assim, galgar a educação superior.

Até a obtenção dessa titulação, Donêta passou do "poder" do pai para o da "religião", via Congregação, o que não deixa de caracterizar a negação do sistema patriarcal e firmar um poder subalterno em relação ao feminino como "auréola sacrária". Donêta deveria ser reservada e se negar a determinadas "profanidades do mundo", isso como tudo o que fosse contrário ao que pregava a religião, bastando-se dos prestígios da boa postura moral, sem queixas e "mal concebidas" das formas sócio religiosas.

Vejamos que a mulher, no caso de Donêta, passava de ser a filha do Sr. Celerino para ser a "filha de Maria", usando fitinha verde, passando a ser identificada com o codinome de "Açucena". A expressão relegava Donêta sempre à subserviência de algo, seja do pai e/ou da "religião". Essas seriam as posturas aceitáveis da mulher na sociedade.

Donêta, como "Açucena", relata que possuía as informações, "[...] as melhores possíveis" (DONÊTA, 24/11/2017) para uma conduta estimada e incontestada socialmente, ao manter os afazeres domésticos e cumprir fielmente as atividades da Igreja. Porém, diante do propósito de profissionalizar-se e da fé que possuía, mesmo não estando de acordo com as determinações dos pais, que desejavam o casamento das filhas, ou da Igreja, que cerceava as mulheres da vida pública, buscou ingressar na Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, no Crato, e concretizar suas pretensões de se tornar enfermeira.

Com a certeza do estilo de vida privativo e dedicado como "esposa de Cristo", seus pais e de muitas outras famílias acabavam por permitir a ida de suas filhas para os conventos, porque ficavam certos da boa educação que elas receberiam, dos cuidados e proteção das religiosas, além de aprenderem seus hábitos e costumes e poderem se formar.

4.3 Ação Missionária e Educação: caminho para o Noviciado

Para dar prosseguimento ao ingresso na vida religiosa consagrada, Donêta, com seus 18 anos completos, segue em viagem para o Crato com as freiras que praticavam missões em Mauriti. A Irmã Rita Romio (2015), no seu texto sobre a "Vida Religiosa Consagrada Feminina: Levante-se", explica que essas freiras assumiam diversas tarefas de cunho social,

por meio da ação renovadora como "[...] resposta significativa a igreja, através de sua organização pastoral/missionária" (*Revista Voz do Santa Teresa*, 2003, p.9) em atendimento e solidariedade aos mais pobres.

A estratégia missionária e educacional da Igreja Católica continuava a atingir os mais variados territórios, geralmente onde o descaso ou precariedade da política educacional do estado não tinha a tanta eficácia. Por mais que o estado mantivesse para si o poder de legislar na Educação, a Igreja Católica persistia, em parte, com sua "re-colonização" catequética-educacional no século XX (STEPHANOU; BASTOS, 2011), principalmente nas cidades do interior cearense, com as cidades que faziam parte da Diocese do Crato.

Para o traslado de Mauriti a Crato e o direcionamento recebido para vida consagrada, Donêta é amparada pelas freiras missionárias, que iniciam os procedimentos para ingresso na Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus. A jornada de elementos que davam seguimento à inserção da biografada na Congregação religiosa perfilavam em burocráticos, com relação a documentos pessoais e certificação de conhecimentos mínimos de estudos – aprovação no "Exame de Admissão"; e na experiência da cotidiana formação/perfil religiosa denominada Noviciado.

Com o preenchimento satisfatório das etapas citadas a, então, "noviça" estava pronta para ser encaminhada ao ritual da consagração dos votos, firmando o seu "sim" como "Esposa de Cristo". A supremacia do confinamento das ideologias femininas a transferia para um casamento espiritual, ou seja, renegava o matrimônio com um homem, para viver a contratação matrimonial da "devoção a Cristo". Para isso, a declaração do aceite para a vida religiosa consagrada ocorria durante um "ritual sagrado", em que a religiosa e as demais pessoas presentes na cerimônia testemunhavam os

votos e ficavam sabendo sobre a designação nominativa assumida pela freira. É a partir desse momento que, no caso da biografada, seu nome mudaria para "Irmã Vicentina".

Donêta obteve a preparação em 1964 para o Exame de Admissão, realizado em 1965, no qual conseguiu aprovação. As duas fases foram realizadas no Colégio Madre Ana Couto, no Crato. Sendo assim, com a sua aprovação no teste, ela foi encaminhada para a Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, também chamada de "Casa Mãe". (DONÊTA, 18/11/2018), e essa fase marca o início do seu período de Noviciado.

A formação das religiosas requeria níveis educacionais mínimos, bastando os conhecimentos da leitura, escrita e noções de matemática (STAMATTO, 2002; ALGRANTI, 1993). Era a clara conservação do legado colonial que perdurava até o século XX nas instituições confessionais pertencentes à Igreja Católica, inclusive na Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, que fez parte da formação da biografada.

Donêta, enquanto Irmã Vicentina, mesmo com a formação mínima adquirida, é escolhida entre outras religiosas para prosseguir os estudos e dar continuidade à formação educacional, completando os estudos com o nível de pós-graduação. Podemos supor que as circunstâncias encontradas por ela para desenvolver seus estudos fazem parte do redimensionamento da formação religiosa feminina (ROMIO, 2015), que mesmo a Igreja Católica persistindo na concepção macro em uma formação divergente, entre o clero e as freiras, permitia que algumas religiosas adquirissem a permissão para elevar o nível de escolaridade. E no caso de Donêta, as religiosas e o padre já sabiam dos seus anseios de formação superior no curso de Enfermagem.

4.3.1 Colégio Madre Ana Couto e o Exame de Admissão

No segundo semestre de 1964, Donêta realiza seus estudos correspondentes ao último ano do Primário, por muitos considerado como fase preparatória para o "Exame de Admissão". No entanto, "[...] para entrar na Congregação, o estudo exigido na época era a 5ª série. A maioria das freiras tinha só o primário, só que elas que eram escolhidas pra (sic) estudar. Quando eu cheguei, eu já fui escolhida também pra (sic) continuar os estudos.". (DONÊTA, 01/09/2018), e assim, no período de 1964-1965, ela realiza a fase de preparação e o Exame de Admissão, como mencionado no tópico anterior. O processo para realização desse exigia que os alunos conhecessem as disciplinas além das áreas de Português e Matemática, basilares nos Grupos Escolares e, por isso, a preparação para o Exame de Admissão se fazia necessário com "fase exclusiva" de ensino, além da utilização de manuais apropriados (URBIM, 2011).

Para a realização das duas etapas, preparação e o exame em si, o Colégio Madre Ana Couto seria a instituição provedora direcionada pelas religiosas para Donêta, pois fomentava o preparo para preencher os requisitos para uma vida como religiosa consagrada, já que o estabelecimento possuía padrões educacionais e sociais que possibilitavam a sua condição estudantil, sem perder de vista a formação religiosa.

Nessa compreensão, importa entender o histórico e perfil da instituição como elemento propulsor e necessário aos princípios educacionais que delineavam o universo religioso. O Colégio Madre Ana Couto (1958-1998) foi criado pelo terceiro Bispo do Crato – Dom Vicente de Paulo Araujo Matos (1961- 1992)[17]. Representava uma das obras de assis-

17Cf. Montenegro (s.d.).

tência sociais promovidas pelo bispo, que se vinculou inicialmente a Diocese do Crato e, posteriormente, à Fundação Pe. Ibiapina.

O projeto educacional da instituição, idealizado e erguido pelo Bispo Dom Vicente, foi entregue aos cuidados das madres e religiosas da "Casa de Caridade"[18]. A direção, administração pedagógica e constituição do corpo docente eram planejados e estavam concentradas nas mãos das citadas religiosas, porém, a parte administrativa-financeira ficava sob o controle e manutenção da Diocese (QUEIROZ, 2013; SOUZA; ALVES, 2017).

O projeto educacional vislumbrado por Dom Vicente tentava prosseguir com as projeções do Pe. Ibiapina, pois o religioso, ao fundar a "Casa de Caridade" no Crato e em outras cidades do Nordeste, empreendia ações para o atendimento primordial às mulheres pobres e órfãos (MONTENEGRO, 1993). Com a filosofia de formação fundamentada na Casa de Caridade, o estabelecimento de ensino surge para o atendimento ao público feminino com situações econômicas menos abastadas do Crato, fazendo-se extensivo para o público de outras cidades da região.

Ressaltamos que no Crato, até meados do século XX, temos conhecimento apenas de poucas instituições tradicionais para o ensino de mulheres, como o Colégio Santa Teresa de Jesus, que ofertava o nível escolar mais elevado para mulheres, com o curso Normal. Outras instituições como Seminário São José, Colégio Diocesano de Crato, entre outros, canalizavam a educação exclusiva para o público masculino. Apenas no final da década de 1950 surge o Colégio Estadual Wilson Gonçalves – do poder público Estadual e o

[18] A Casa de Caridade foi uma instituição criada pelo Pe. Ibiapina, que tendo fundado vinte e duas casas em todo o Nordeste, construiu a décima quarta no Crato, em 1868.

Colégio Madre Ana Couto – pertencente à Diocese do Crato (QUEIROZ, 2013), como instituições que deveriam suprir a demanda estudantil feminina que estava excludente na região.

A notoriedade do Colégio Madre Ana Couto, na época, protagonizava uma "obra de benfazeja"[19] para o Cariri, especialmente, para o Crato. A mediação e o planejamento das projeções educacionais da Igreja Católica na região propiciavam uma relação harmônica com os preceitos sociais e educacionais para as jovens mulheres, ensejando ampliação dos conhecimentos propedêuticos juntamente com uma formação para o lar. Como exemplo à circunstância citada, podemos mencionar a formação de Donêta, que em condições desfavoráveis para prosseguir seus estudos na cidade natal, foi encaminhada para o sistema de internato na referida instituição, como única opção para o prosseguimento estudantil, e, assim, reunia obrigatoriamente a complementação dos estudos e a experiência para a futura vida religiosa consagrada.

Adentrando no cenário educacional da instituição, a interface do ensino formal e estadia/internato na Casa de Caridade eram inevitáveis para ela; aproximavam-se à rotina diária religiosa e à aprendizagem para servir aos pobres. Nas imagens abaixo (Imagens 10 e 11), é possível perceber a forte presença dos princípios religiosos católicos nas vestimentas, bem como o respeito à autoridade do bispo. Este último, figura de central importância no direcionamento das ações religiosas e das formações das moças, que usavam roupas frouxas, de comprimento abaixo do joelho, sem decotes, para resguardar a característica de moças recatadas e decentes.

[19] Jornal *A Ação*. Colégio Madre Ana Couto, Crato-CE. 07/02/1970, p. 3.

Imagem 10 – Dom Vicente em Visita às Alunas do Colégio Madre Ana Couto

Fonte: Acervo do Colégio, s/d.

A Diocese do Crato, primando pela religiosidade através da Educação, entre os aspectos formais e informais, possibilitava, nas expressivas imagens nos arredores da instituição, o cenário das informações fundamentais a ser estabelecido como "preservadoras da tradição" católica (ALMEIDA, 2007, p. 71). Enfim, a educação pelas instituições confessionais católicas procurava penetrar na rotina vivenciada pelas alunas. Abaixo está representada a gruta de Nossa Senhora de Lourdes, logo na entrada do Colégio, com a imagem da santa, que deveria ser exaltada e respeitada, inclusive no local onde se faziam orações.

Imagem 11 – "Gruta do Aparecimento de Nossa Senhora de Lourdes" – Entrada do Colégio Madre Ana Couto

Fonte: Acervo do Colégio, s/d.

A permanência e/ou acesso dessas alunas às instituições confessionais caracterizavam-se pelos princípios morais, disciplinares e controle para a vida social. O acolhimento em sistema de internato, vivenciado pela biografada e outras jovens nessas instituições escolares, consistia em uma maneira de separar e afastar essas jovens do contato do mundo social público para a exclusiva formação consoante às profissões de religiosas:

> Apesar das expectativas alvissareiras da ordem e progresso do século XX, a higiene, a moralidade e religiosidade, a pureza, os ideais de preservação de raça, da sobrevivência social estamparam no sexo feminino seu emblema de manutenção da sociedade tradicional, e as mulheres continuaram sendo submetidas a padrões comportamentais que serviram para impor barreiras à sua liberdade, autonomia, principalmente em relação à sexualidade. (SAVIANI, 2014, p. 70).

As práticas educacionais como a recitação do "Santo Ofício da Imaculada" e as atividades festivas do calendário

religioso da Diocese do Crato (SOUZA; ALVES, 2017) incorporavam e corporificavam ideias e ações a serem adquiridas pelas jovens, baseadas na obediência às autoridades, na devoção a Deus e na vida imaculada a exemplo de Maria. No Crato, a educação pela iniciativa particular, por meio das instituições confessionais, continuava sendo desenvolvida sob o jugo da Igreja Católica no século XX; prosseguiam em expansão e difusão dos seus ideais na sociedade.

A autorização do curso Ginasial, posteriormente, para o Colégio Madre Ana Couto, que seria adquirido pouco tempo depois de sua fundação, pela portaria de 19 de outubro de 1961, que o conferia como estabelecimento de ensino secundário, com a finalidade de atuação para o curso ginasial e um dos dois cursos de segundo ciclo[20], foi um marco para a instituição.

Em posse da autorização para atuar até o ensino secundário, a instituição se torna apta para exercer a preparação e aplicação do "Exame de Admissão". O teste serviria para avaliar a aptidão do estudante para cursar as 04 (quatro) etapas do curso Ginasial, conforme expressa a Lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942, no Capítulo V, Art. 32: "[...] b) ter recebido satisfatória educação primária; c) ter revelado, em exames de admissão, aptidão intelectual para os estudos secundários.".

O "Exame de Admissão" se tornava um requisito para o ingresso e complementariedade dos estudos nas séries seguintes e o processo, em caso peculiar, suficiente para Donêta, que aspirava se tornar religiosa. Podemos considerar que o referido "Exame de Admissão" constava como um método avaliativo e de promoção para os estudantes, ao mesmo tem-

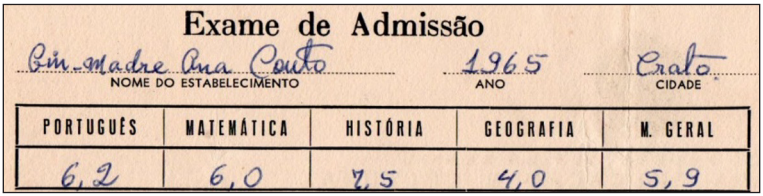
[20]Cf. A Lei nº 8.347, de 10 de dezembro de 1945, reformulava algumas prerrogativas da legislação anterior sobre pontuais quesitos da estrutura dos estabelecimentos de ensino, disciplinas e calendário escolar (Nota da Autora).

po que favorecia as sistemáticas noções sobre as disciplinas, além de perfazer um método excludente. Ao fato levantamos a realidade da precariedade sócio-educacional da população que pouco ou nada tinha acesso a literaturas e manuais:

> De março a dezembro, todas as atenções dirigidas ao livro de textos adotado pelas professoras da época, com 382 páginas de Português, Matemática, geografia e História do Brasil. De capa dura, reluzente, tabelas, mapas, gravuras. Beleza. Mas era preciso estudar e re-estudar tudo aquilo até o dia dos exames escritos e orais. (URBIN, 2011, p. 8).

Ao analisarmos o recorte da certificação (Imagem 12) de Donêta, contendo o resultado da avaliação do Exame de Admissão, notamos um índice baixo no que diz respeito à disciplina de Geografia e na Média Geral. Os aspectos expressos no Art. 20 da Lei nº 4.244 – de 9 de abril de 1942, com a prescrição: "O aproveitamento dos alunos verificado por meio de exercícios e exames será avaliado que se graduarão de zero a cem", estampariam assim, os critérios de aprovação como posição de autonomia para as instituições escolares em face dos estudantes, delegando-lhes a própria definição da escala avaliativa do exame de admissão.

Imagem 12 – Fragmento do Certificação de Conclusão da 8º Série do 1º Grau



Exame de Admissão

Gin. Madre Ana Couto — NOME DO ESTABELECIMENTO
1965 — ANO
Crato — CIDADE

PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	HISTÓRIA	GEOGRAFIA	M. GERAL
6,2	6,0	7,5	4,0	5,9

Fonte: Elaboração dos Autores.

Mesmo sem determinar um critério para aprovação, em escalas precisas, a preparação na última série primária

dimensionava o estudante à capacidade de reter o máximo de informações possíveis para serem avaliadas na etapa final do processo, que culminava no exame de admissão. Em vista disso, Donêta foi exitosa quanto aos requisitos para prosseguimento dos estudos e atingiu um perfil avaliativo que determinou um parecer de aprovação. Supõe-se, então, que as outras candidatas se saíam ainda pior nas provas admissionais, com rendimento entre 40% e 75%; Donêta conseguiu a aprovação.

Apesar de considerarmos excludente o processo de preparação e o exame de admissão porque possibilitava para pouquíssimas pessoas o acesso ao ensino secundário, o panorama em que as Leis Orgânicas da Educação no Brasil foram elaboradas, priorizavam apenas os conhecimentos elementares para a população. Como afirma Saviani (2015, p. 130), se "[...] completa o ciclo das reformas educacionais no Brasil", ajustando um panorama educacional ao atendimento em níveis primário e secundário, devido **à** estrutura específica da finalidade educacional nos níveis de 1º e 2º grau.".

Donêta estudou durante "[...] um semestre no Colégio Madre Ana Couto, no Crato. Era a quinta série em preparação para o Exame de Admissão, como o mínimo necessário para a entrada na Congregação.". (DONÊTA, 01/09/2018). A fase imposta configurava o tempo necessário, de acordo com a legislação da época, para o desenvolvimento compatível às aptidões requeridas para aprovação nas disciplinas do Exame de Admissão.

Abaixo segue o quadro demonstrativo de escolaridade adquirida por Donêta até o período de 1966, quando, aos dezenove anos de idade, completa a fase do Primário. Contudo, aos vinte anos, um ano foi dedicado ao Noviciado, aprendizado sobre o comportamento e hábitos da vida religiosa consagrada.

Quadro 2 – Elaborado pela Pesquisadora, 2018

QUADRO DO PERCURSO ESTUDANTIL DE DONÊTA –Primário		
Etapas/Nível	Ensino Primário	Preparação e Exame de Admissão
Seriação	Até 4º ano	Estudo correspondente ao 5º ano do Primário
Idade	7 anos aos 14 anos	18 e 19 anos
Instituição Educacional	Grupo Escolar das Escolas Reunidas de Mauriti	Colégio Madre Ana Couto
Cidade de realização (Estado do Ceará)	Mauriti-CE	Crato-CE
Ano	Até 1960	1964, sendo em 1965 a realização da prova
Leis/Regulamentação	Lei nº. 1.953, de 2/08/1922 Lei nº 8.529, de 2/01/1946	Lei nº 8.529, de 2/01/1946 Lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942

Fonte: Elaboração da Autora.

A preparação para o Exame de Admissão, convertida em quinto ano primário por algumas instituições, pretendia subsidiar a precária base escolar dos primeiros anos do ensino primário (BARREIRA, 1949). O suporte pedagógico para um modelo de preparação para o Exame de Admissão exigia conhecimentos em disciplinas que obrigavam os estudantes a terem dedicação exclusiva e adquirirem materiais e manuais (URBIN, 2011).

Por isso, recordarmos que a base adquirida por Donêta no Grupo Escolar das Escolas Reunidas de Mauriti a distanciavam das práticas da sua professora, que conciliava os princípios pautados na Lei Orgânica do Ensino Primário, mesmo sendo permissivo dentro da assistência proposta pelo sócio-familiar[21], em parte, da especificidade das disciplinas requeridas para o Exame de Admissão.

[21] O ensino primário, pela Lei nº 8.529, de 2 de janeiro de 1946, no Art. 1º, frisava um ensino com finalidade de "elevar o nível dos conhecimentos úteis à vida na família, à defesa da saúde e à iniciação no trabalho.". (BRASIL, 1946, p. 640)

A "vida na família" imputava algo específico para a mulher, no encaixe do seu papel social aos saberes e cuidado do lar e dos filhos, desde as primeiras legislações de ensino até a república, no século XX. Os ares da modernidade para a posição da mulher levemente mudaram nesse hiato, contudo, despertavam como "[...] os mais caros valores morais e patrióticos.". (ALMEIDA, 2007, p. 72). Decerto, essa ideologia não gerava discordância a conceitos antigos, apenas lustravam a visão do papel feminino.

4.3.2 Do Colégio Nossa Senhora Assunção

Com os votos feitos na cerimônia do "Casamento com Cristo", em 1966, Donêta assume o nome de Irmã Vicentina como religiosa, pertencente à Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus. Por conseguinte, segue com destino à cidade de Fortaleza para continuar os estudos no Colégio Nossa Senhora Assunção, seguido do Colégio Imaculada Conceição e do Centro Castro Alves – esse último para a formação profissional como técnica comercial.

Imagem 13 – Colégio Nossa Senhora Assunção (Fachada)

Fonte: *Revista Voz do Santa Teresa*, 2003.

O Colégio Nossa Senhora Assunção era uma instituição religiosa-educacional fundada pelas Filhas de Santa Teresa, em 3 de julho de 1955, na cidade de Fortaleza-CE. Sua instalação ocorreu no momento de expansão da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, consistindo na difusão religiosa instaurada por meio de estabelecimentos educacionais e alguns de assistências sociais.

Com a fachada azul celeste e contornos brancos (Imagem 13), a pintura identificava a serenidade almejada pelas religiosas responsáveis pelo estabelecimento e pela filosofia cristã- mariana, no "carisma de Santa Teresa", pregada para veneração e estilo de vida pautados na pureza de Maria. Vale ressaltar que as religiosas que administravam as obras advindas da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, nas diversas localidades, eram religiosas que pertenciam ao instituto consagrado.

O Colégio Nossa Senhora Assunção estaria para receber as religiosas professas que a Congregação vinculada enviava para complementaridade dos estudos. Assim, segundo Donêta, além da rotina estudantil, as religiosas que ficavam hospedadas nas dependências do colégio assumiam um estilo de vida acrescido de afazeres profissionais e com alimentações restritas e com horários regrados:

> A gente jantava sopa e esse pão pra (sic) ir pra (sic) escola à noite. Aí eu passei a estudar à noite. Ia pra (sic) escola à noite, chegava, dormia (já com fome) e amanhecia o dia desse jeito pra (sic) andar subindo essa ladeira pra (sic) trabalhar e chegar até a hora do almoço pra (sic) poder almoçar. Eu era tímida demais, eu não tinha coragem de dizer lá que não tinha tomado café. Eu sei que, por conta disso eu desmaiei duas vezes. Aí eu sabia que estava desmaiando era de fome, mas eu não tinha coragem de dizer a ninguém. Aí, na segunda vez, a madre de lá era muito boa,

> aí ela perguntou assim "como é que foi sua alimentação hoje de manhã antes de vim (sic) pra (sic) cá?", eu disse: "nada". Ela disse "ah, a bichinha tava (sic) desmaiando era de fome" aí me autorizou quando eu chegasse lá, antes de começar o trabalho, tomar café, aí acabou essa história. Mas já estavam dizendo "ela não vai ter condição não de ser enfermeira porque ela não pode ver sangue, não pode ver sofrimento.". (DONÊTA, 08/05/2018).

As missões dessas religiosas, no que concerne às questões internas na instituição, caracterizavam-se pela obediência e atendimento às ordens da Madre Superiora, como a pessoa mais patentemente elevada na hierarquia da instituição. A submissão às ordens consistia entre serem boas nos estudos, obedientes e dedicadas na formação religiosa e prendadas nos trabalhos aos que eram encaminhadas, como necessidade requerida para a Congregação.

Decerto, percebemos que a vida regrada e com muitos afazeres profissionais e confessionais, estava disposta em obediência e comando à Madre Superiora como ente representativo da Igreja Católica perante a Congregação e seus membros. A imposição de hábitos e costumes gerava o empreendimento para uma corporificação nas freiras visando uma vida minimamente sustentável de alimentações e passiva diante dos comandos de superiores. Essa situação desconfortável, vivenciada pela biografada, é assim citada por ela:

> Em Quixeramobim, onde eu fui fazer o estágio para atendente de enfermagem, fui fazer o estágio e eu não ia ganhar nada. Eu sabia que tinha o regime de caixa comum, mas eu via o que? Todo mundo trabalhando, dando o dinheiro em comum e quem precisava de alguma coisa pedia, mas tinha que trabalhar pra (sic) botar o dinheiro ali. Assim eu vivi ali no Assunção, quando eu fui pra (sic) Quixeramobim, eu fui morar num colégio que estava falindo e esse

> colégio foi entregue pra (sic) paróquia, pra (sic) paróquia pagar as dívidas trabalhistas e sociais porque o colégio estava falido. Então as irmãs estavam numa situação assim: só não passava fome para dizer assim "não comeu nada hoje", mas era uma alimentação muito restrita. (DONÊTA, 08/05/2018).

No entanto, enquanto Donêta estava em Fortaleza para continuar os estudos no Colégio Nossa Senhora Assunção, provavelmente outras tantas moças tiveram essa oportunidade, pois a direção do estabelecimento foi planejada, construída e requisitada pela Madre Superiora da Congregação para receber moças do interior em sistema de internato.

Esta decidia o destino das moças e encaminhava Donêta para prosseguimento nos estudos. A Madre Aurélia explica o fato como algo que "Não podendo esquecer nas reuniões solenes presididas pela Madre, nas quais ela proclamava (sic) as transferências; era sempre uma surpresa para a transferida.". (*Revista Voz do Santa Teresa*, 2003, p. 7).

Donêta foi recebida na instituição como uma religiosa que deveria prosseguir com os estudos; foi posta em acolhida como estudante interna e, em contraturno aos horários das aulas, trabalhava na cantina da instituição. Vivenciando, como aluna, as atividades pedagógicas que se baseavam nos "princípios cristãos", as religiosas que estavam na direção tinham a incumbência de desenvolver "[...] ações formativas e evangelizadoras com os professores e coordenadores, direcionados aos alunos e suas famílias e comunidade-povo.". (*Revista Voz do Santa Teresa*, 2003, p. 36). Essas filosofias eram o que alicerçava as demais instituições fundadas pela Congregação das Filhas de Santa Teresa.

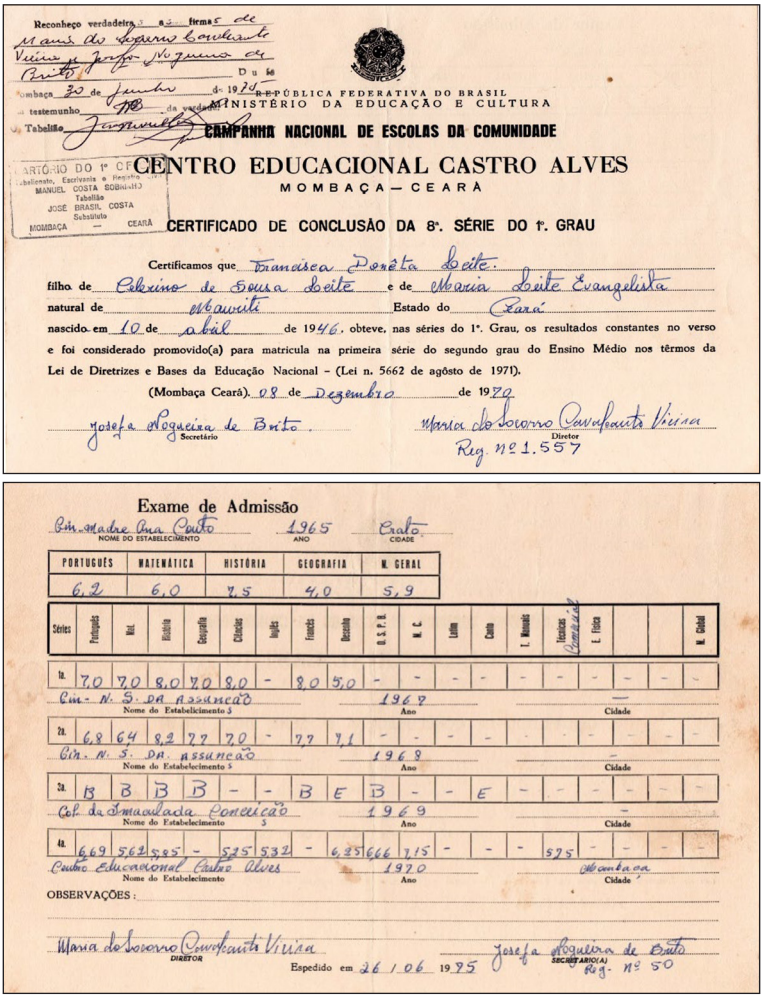
Concentrando a direção e o apoio pedagógico com as religiosas consagradas da congregação, as instituições edu-

cacionais instauradas pelas Filhas de Santa Teresa de Jesus preparavam a filosofia cristã para fazer surgir e prevalecer o "carisma" da congregação (FERNANDES, 2011) para a sociedade, conquistando a confiança no íntimo das famílias:

> Os institutos religiosos oferecem a possibilidade de estudos e formação profissional aos jovens que neles ingressam, mesmo que os prazos se tornem um pouco maiores em função de que, em alguns casos, os jovens precisarão atender primeiramente às demandas desses Institutos. Tais demandas podem ser pastorais ou relacionadas com o desenvolvimento de obras sociais específicas, necessárias à manutenção da instituição religiosa, tanto no que diz respeito ao cumprimento do "carisma" ou missão fundacional, quanto no que se refere à esfera material e econômica. (FERNANDES, 2011, p. 671).

O período no Colégio Nossa Senhora Assunção foi, para Donêta, uma boa e nova experiência, pois "[...] foi quando, então, assisti às aulas de Geografia e Ciências que nunca havia tido antes.". (DONÊTA, 24/11/2017). Estava se sentindo incluída em um processo diferenciado de aprendizagem com o uso dos aparatos de ensino, com mapas e manuais específicos de Geografia e Ciências. Os recursos pedagógicos, até então desconhecidos para o trabalho específico nas disciplinas, causavam-lhe interesse e encanto, especialmente quando se lembrava do ensino tradicional sem recursos vivenciados na preparação para o Exame de Admissão.

Imagem 14 – Certificado de Conclusão da 8ª Série do 1º Grau



Reconheço verdadeira a firma de Maria do Socorro Cavalcante Vieira e Josefa Nogueira de Brito. Dou fé
Mombaça 30 de Junho de 1974
testemunho da verdade
Tabelião

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO
Tabelionato, Escrivania e Registro Civil
MANUEL COSTA SOBRINHO
Tabelião
JOSÉ BIRASIL COSTA
Substituto
MOMBAÇA — CEARÁ

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
CAMPANHA NACIONAL DE ESCOLAS DA COMUNIDADE

CENTRO EDUCACIONAL CASTRO ALVES
MOMBAÇA — CEARÁ

CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DA 8ª. SÉRIE DO 1º. GRAU

Certificamos que Francisca Donêta Leite, filho de Pelerino de Sousa Leite e de Maria Leite Evangelista natural de Mawité Estado do Ceará nascido em 10 de abril de 1946, obteve, nas séries do 1º. Grau, os resultados constantes no verso e foi considerado promovido(a) para matricula na primeira série do segundo grau do Ensino Médio nos têrmos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – (Lei n. 5662 de agôsto de 1971).

(Mombaça Ceará) 08 de Dezembro de 1970

Josefa Nogueira de Brito — Secretário
Maria do Socorro Cavalcante Vieira — Diretor
Reg. nº 1.557

Exame de Admissão

Col. Madre Ana Couto — NOME DO ESTABELECIMENTO — 1965 — ANO — Crato — CIDADE

PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	HISTÓRIA	GEOGRAFIA	M. GERAL
6,2	6,0	7,5	4,0	5,9

Séries	Português	Mat.	História	Geografia	Ciências	Inglês	Francês	Desenho	O.S.P.B.	M.C.	Latim	Canto	L. Moderna	Técnicas Comercial	E. Física			M. Global
1ª.	7,0	7,0	8,0	7,0	8,0	-	8,0	5,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Col. N. S. da Assunção — Nome do Estabelecimento — 1967 — Ano — — Cidade																		
2ª.	6,8	6,4	8,2	7,7	7,0	-	7,7	7,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Col. N. S. da Assunção — Nome do Estabelecimento — 1968 — Ano — — Cidade																		
3ª.	B	B	B	B	-	-	B	E	B	-	-	E	-	-	-	-	-	-
Col. da Imaculada Conceição — Nome do Estabelecimento — 1969 — Ano — — Cidade																		
4ª.	6,69	5,62	5,85	-	5,25	5,32	-	6,25	6,66	7,15	-	-	-	5,75	-	-	-	-
Centro Educacional Castro Alves — Nome do Estabelecimento — 1970 — Ano — Mombaça — Cidade																		

OBSERVAÇÕES:

Maria do Socorro Cavalcante Vieira — DIRETOR
Josefa Nogueira de Brito — SECRETÁRIO(A) Reg. nº 50
Espedido em 26/06 1975

Fonte: Acervo Pessoal da Biografada, 1970.

Observa-se que, mesmo se considerando- uma aluna dedicada, Donêta não possuía ótimas notas (Imagem 14), mas apenas um rendimento mediano. Ela atribui tais notas

à sua formação primária precária, na qual só tinha aprendido a ler, escrever e adquirido alguns conhecimentos simplórios de Matemática. O ensino de Geografia foi instituído pela Lei nº 8.347/1945 – que confere os ajustes às prerrogativas do ensino secundário, expõe o Art. 24 sobre a "educação moral e cívica", que "§2º Incluir-se-á nos programas de História do Brasil e de geografia do Brasil dos cursos clássicos e científico o estudo dos problemas vitais do país.". No entanto, não eram ministrados na educação primária.

Em posse da aprovação nos dois primeiros anos do ensino secundário, em continuidade ao ginasial[22], Donêta passa a estudar no Colégio Imaculada Conceição.

4.3.3 Colégio Imaculada Conceição

Em seguida, ocorre o encaminhamento de transferência institucional de Donêta, que consegue completar o terceiro ano do ensino secundário no Colégio Imaculada Conceição, em Fortaleza-CE. Essa seria a última instituição confessional da formação educacional da biografada na capital cearense:

> A educação para o desenvolvimento, numa realidade complexa, como é a brasileira, teoricamente não é um conceito fácil de se construir, já que se trata de pensar a educação num contexto profundamente marcado por desníveis. E pensar a educação num contexto é pensar esse contexto mesmo: a ação educativa processa-se de acordo com a compreensão que se tem da realidade social em que se está imerso. (ROMANELLI, 1993, p. 23).

Por meio do desenvolvimento educacional amparado pela formação religiosa, ela percorre, entre o primário

[22]Cf. Lei nº 8.347/1945.

em Crato e os estudos posteriores em Fortaleza, dinâmicas espaciais jamais pensadas no início de sua escolarização. Sobressair aos condicionantes familiar e passar da antiga "Açucena", como ex-aluna do Grupo Escolar e da casa da professora Zefinha, para a Escola Imaculada, para fazer o Curso Normal, era o caminho ideal para a realização do seu sonho de ser enfermeira. Em vista da pouca formação escolar recebida na época de ensino primário, não conseguia saber se conseguiria concretizar o objetivo de cursar o secundário, principalmente em cidades consideradas desenvolvidas, como Crato e Fortaleza.

Assim, essa trajetória já pode ser percebida como uma superação de fronteiras sócio familiares, mesmo com o enquadramento ideológico-religioso pelas "[...] estratégias de sensibilização da juventude para o ingresso nos institutos religiosos" (FERNANDES, 2011, p. 671), oferta que disseminava uma educação como opção atrativa para os jovens. Afinal, era raro uma moça de Mauriti conseguir galgar oportunidades semelhantes de estudo.

A formação educacional ofertada pelas instituições religiosas, como a Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, à qual ela pertenceu, objetivava formar religiosas para propagar o "carisma" religioso da instituição e trabalhar a serviço da Igreja.

Cabe lembrarmos que as instituições formadoras da vida escolar de Donêta possuíam o sistema confessional em ações pedagógicas e eram baseadas nos princípios da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, no Crato. Apenas no Colégio Imaculada Conceição, em Fortaleza, base de formação que primava pela direção de religiosas estrangeiras, diferia-se, pois havia moças que queriam se casar e outras que prosseguiam na vida religiosa. Nesta, o ensino tradicional fazia parte do processo formativo educacional

empreendido desde os primeiros alicerces de sua fundação, que ainda vigora ao longo das primeiras décadas do século XX, ensejando-lhe *status* de instituição elitizada, que formava as moças aquinhoadas de Fortaleza, preparando-as para serem donas de casa diferenciadas, mais cultas e prendadas, além de religiosas e obedientes.

Portanto, o Colégio Imaculada Conceição mantinha a concepção de "´[...] disseminar uma tradição da cultura educacional europeia, sobretudo em relação à formação de professores" (LOPES, 2015, p.23), pois, implantava as práticas catequéticas católicas-romanas. Durante o século XX, a instituição secular possuía a concretude da sua notoriedade pedagógica exemplar, além de ser considerada o "[...] único que poderia controlar os impulsos da mocidade feminina, para não cair nas tentações, comuns nas cidades em crescimento, nas perdições da vida urbana." (PINHO, 2003, p. 208).

O expressivo estilo educacional das professoras, freiras estrangeiras, revelavam para a sociedade o melhor do clássico educacional, entre as normas que alinhavam a educação ultramontano à religião, como prestígio para a população no decorrer do século XX.

Tendo em vista que a estrutura do estabelecimento repassava para a população confiança, pois assegurava o cuidado mariano com a educação das mais refinadas e esmeradas, era de estrutura imponente como "[...] réplica arquitetônica de uma escola Suíça, onde convida as irmãs de caridade, também francesas, para ensinar." (PARENTE, 2002, p. 80-81). Com arquitetura e ensino diferenciados, o estilo educacional católico implantado perpassou o percurso histórico educacional no Brasil (STEPHANOU; BASTOS, 2011).

Imagem 15 – Colégio Imaculada Conceição, em 1965

Fonte: Cavalcante e Bezerra, *et al.*, 2003, p. 4.

O Colégio Imaculada Conceição (Imagem 15), na parte esquerda do registro, para a época, até meados do século XX, configurava a maior estrutura predial das redondezas, com a grandiosidade coerente com o intento religioso de isolar suas estudantes no sistema de internato, com as confinações dos princípios católicos. A data do registro apresentado se aproxima à do tempo em que a biografada estudou na instituição. Mesmo com o desgaste do tempo, a imagem possibilita perceber a magnitude expressiva da sua arquitetura, construções consoantes às projeções educativas que conferiam às jovens mulheres a "[...] sólida formação intelectual e moral.". (LOPES, 2015, p. 116).

Com o padrão afamado em termos educacionais no Ceará, algumas moças que estudaram na instituição o teriam conseguido a pedido de pessoas com "título de autoridade", como o Pe. Cícero, que solicitou a matrícula daquela que seria a futura diretora da primeira Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, a professora Amália Xavier (LOPES, 2015). Afinal, não havia vagas para todas as moças no cobiçado colégio e ingressar na instituição não era tarefa simples:

muitas vezes, precisavam-se de "indicações políticas", ou seja, do apoio de alguma autoridade da região.

A matrícula de Donêta foi requerida na instituição pela Congregação das Filhas de Santa Teresa. Logo, a preparação no Colégio Imaculada Conceição foi decorrente da intermediação da congregação que tal oportunidade evidenciava para a biografada, uma das principais formações em seu currículo, pois a equiparava às professoras renomadas do Ceará, ainda que tenha estudado pouco tempo na instituição – no ano de 1969.

4.3.4 Centro Educacional Castro Alves - "O Cenecista"

No ano seguinte, em 1970, Donêta seguiu transferida para o município de Mombaça, inconformada por não ter concluído o secundário, mas buscou continuar os estudos no Centro Educacional Castro Alves. O Imaculada Conceição supunha altos custos que sua família não possuía recursos para manter.

Inicialmente, com o nome de Ginásio Castro Alves (Imagem 16), conflui sobre a mesma história dos Grupos Escolares em que, posteriormente, dariam suporte a outra instituição educacional.

Imagem 16 – O Centro Educacional Castro Alves, em 1967

Fonte: <http://www.mariapereiraweb.net>. Acesso em 11 mar. 2018.

A criação do Ginásio Castro Alves[23] ocorreu em 20 de março de 1960, pelo Promotor de Justiça e Procurador do Ministério Público do Estado do Ceará, Dr. Edmundo Soares e Sá, em salas de aula cedidas como anexo pelo Grupo Escolar Professor Pedro Jaime. Provavelmente, o número de alunos era pequeno, pois diante da realidade precária do ensino primário, a progressão dos alunos nas séries que compreendiam do primário ao ginasial dava-se de forma insuficiente, e não consistia em uma demanda regular.

Contudo, até o final da década de 1960, a instituição conseguiu instaurar a estrutura predial e, posteriormente, conseguiu transferir a sua razão jurídica de Ginásio Castro Alves para Centro Educacional Castro Alves, "O Cenecista".

O Centro Educacional Castro Alves estava, inicialmente, aliado ao sistema de "educação comunitária" com o nome "Campanha do Ginasiano Pobre – CGP". A organização desses estabelecimentos constitui-se como parte da história educacional, que desde sua idealização e criação em 1945, por um grupo de estudantes da faculdade de Direito, a Campanha do Ginasiano Pobre – CGP, no Recife, expandiu-se por todo o Brasil (LIMA, 2015).

A oferta educacional estava direcionada ao público carente, aos jovens que não podiam arcar com os custos da escola pública. Inclusive, mesmo disposto a atender ao público estudantil carente, funcionava em horário que confrontava com horários de trabalho, situação que gerava conflito de escolhas e, muitas vezes, a evasão escolar. Assim, o Centro Educacional Castro Alves procurou acolher os jovens carentes oferecendo um estilo educacional conciliador para

[23]Quanto às informações sobre o Centro Educacional Castro Alves, apenas conseguimos sobre a data de criação e localização, pelo site: < http://www.mariapereiraweb.net >. Acesso em: 03/01/2019.

vincular a demanda estudantil carente ao contexto social da cidade (LIMA, 2015).

Donêta escolheu essa instituição por identificar-se com seu caráter institucional – como sendo possível ao seu perfil de religiosa sem posses para fazer o curso secundário, pois não possuía recursos financeiros suficientes para suprir os gastos de uma escola particular e nessa instituição ela poderia conciliar o estudo com o trabalho.

Quadro 3 – Percurso estudantil de Donêta

Ginasial			
Ano			
1º	2º	3º	4º
21	22	23	24
Gin. N. Sra Assunção	Gin. N. Sra Assunção	Col. da Imaculada Conceição	Centro Educacional Castro Alves
Fortaleza			Mombaça
1967	1968	1969	1970
Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942; LDB nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.			

Fonte: Elaboração dos Autores.

Portanto, conclui seus estudos com o curso de aprendizagem específica em técnica comercial[24] – o que lhe foi possível no momento, pois, diante da realidade educacional para a cidade referenciada, o período em questão mantinha a oferta única em técnica comercial como opção para os estudantes que almejavam a continuidade nos estudos.

[24]Esse tipo de aprendizagem era contemplado pela LDB de Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, no Título VII – Da Educação de Grau Médio, Capítulo III – Do Ensino Técnico, Art. 51.

4.3.5 Colégio Agrícola

Imagem 17 – Colégio Agrícola, s/d

Fonte: <http://www.mariapereiraweb.net>

Ao concluir, no ano de 1970, o ginasial no Centro Educacional Castro Alves, com aprendizagem em técnica comercial, a biografada pretendeu iniciar um segundo ciclo do secundário e submeteu-se à matrícula no Colégio Agrícola de Mombaça-CE (Imagem17), em 1971. Afinal, seu interesse não era pelo comércio.

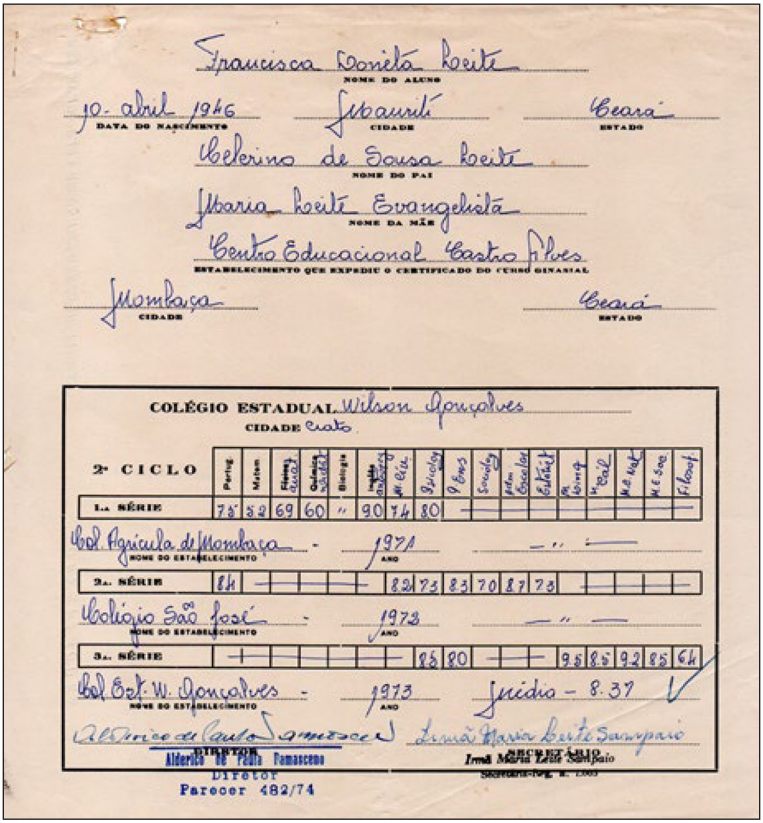
O Colégio Agrícola de Mombaça-CE foi inaugurado em 30 de março de 1970 pelo então Governador do Ceará, Plácido Aderaldo Castelo, filho ilustre de Mombaça[25]. Com a organização educacional para um ensino profissionalizante, a educação ofertada ali tinha como primazia capacitar os estudantes, principalmente os carentes, para atenderem ao mercado profissional.

O histórico escolar da biografada (Imagem 18), sobre o curso técnico frequentado, faz supor que, pelo histórico

[25]A informações sobre o Colégio Agrícola as conseguimos pelo site < http://www.mariapereiraweb.net >. Acesso em: 04/01/2019.

institucional, a formação recebida por ela iniciou-se pelo curso técnico em Agropecuária, ou seja, em outra área que tampouco correspondia ao seu interesse pessoal, mas era o caminho que a Congregação lhe impunha.

Imagem 18 – Histórico Escolar do II Ciclo


Francisca Nonita Leite
NOME DO ALUNO
10 abril 1946 — DATA DO NASCIMENTO
Ipaumirí — CIDADE
Ceará — ESTADO
Celerino de Sousa Leite
NOME DO PAI
Maria Leite Evangelista
NOME DA MÃE
Centro Educacional Castro Alves
ESTABELECIMENTO QUE EXPEDIU O CERTIFICADO DO CURSO GINASIAL
Mombaça — CIDADE
Ceará — ESTADO

COLÉGIO ESTADUAL Wilson Gonçalves
CIDADE Crato

2º CICLO	Portug.	Matem.	Fisica	Quimica	Biologia	Geografia	M. Ed.	Sociology	P. Bras	Sociology	Educ. Moral	Educ. Cívica	Educ. Artística	Educ. Física	M. Lit.	M. E. Soc.	Filosof.
1.ª SÉRIE	75	52	69	60	"	90	74	80	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Col. Agrícola de Mombaça — NOME DO ESTABELECIMENTO — 1971 — ANO — — " —																	
2.ª SÉRIE	84	—	—	—	—	—	82	73	83	70	87	73	—	—	—	—	—
Colégio São José — NOME DO ESTABELECIMENTO — 1972 — ANO — — " —																	
3.ª SÉRIE	—	—	—	—	—	—	—	85	80	—	—	—	95	85	92	85	64
Col. Est. W. Gonçalves — NOME DO ESTABELECIMENTO — 1973 — ANO — Suficiente – 8.37																	

Alderico de Paula Damasceno
DIRETOR
Diretor
Parecer 482/74

Irmã Maria Leite Sampaio
SECRETÁRIA-TOTAL

Fonte: Arquivo Pessoal da Biografada, 1973.

Mesmo tendo iniciado o curso técnico em Agropecuária, alguns percalços sobre questões religiosas e pessoais foram encontrados durante o percurso para a rotina das aulas.

A situação era decorrente do traslado, pois, para se chegar à instituição e frequentar as aulas, ela utilizava o transporte de estudante – um caminhão com carroceria que, devido ao "hábito", suas vestes de religiosa dificultavam o movimento de subida, o que a deixava constrangida quando suas pernas ficavam expostas. Sobre o fato Donêta expõe que:

> [...] tinha que subir em cima (sic) de um caminhão. Como é que eu ia subir em cima (sic) de uma carroceria de saia? (risos). Solicitei uma licença para vestir calça comprida. Quem já viu, quem foi que já viu freira falar nem (sic) nisso? Aí foi uma confusão: se reuniu lá a cúpula, e disseram que não. Só depois, com outra reunião foi que aceitaram. (DONÊTA, 21/07/2017).

A manifestação desses costumes e hábitos transpassavam para a vida social das religiosas. Deveriam manter o pudor e a reserva dos seus corpos como forma de entrega total a Cristo – corpo e alma –; a matéria corporal deveria ser inviolável e pura. Logo, as vestes das religiosas eram um vestido longo e reto, para não contornar o corpo feminino. Devemos lembrar que, concomitante a essa concepção, os uniformes dos estudantes de colégios confessionais por muito tempo utilizaram-se desse ideário para as alunas:

> A vida no interior dos claustros, porém, estimulava este tipo de manifestação: Um universo místico, povoado por temores e ameaça de Satã, repleto de tentações das quais era preciso fugir e de mortificações e sofrimentos necessários para atingir a Deus. A busca da perfeição religiosa, aliada à leitura de vidas de santas, estimulava as demonstrações excessivas de piedade e de devoção. (ALGRANTI, 1993, p.109).

Com a pendência das vestes resolvida, foi-lhe consentido usar calças durante o percurso escolar, sob a justificativa do transporte frequentado pela biografada. Na Congrega-

ção, era estranho notar o uso de vestimentas consideradas "exclusivamente masculinas.". Sendo assim, Donêta foi a primeira a valer-se de uma condição especial. Ressaltemos que no período vivenciado por ela, as Congregações já utilizavam a permissão para aderir a outras vestimentas, saias e vestidos; então, a condição do uso do "hábito" ficava a critério das religiosas.

Contudo, a situação no Colégio Agrícola, em Mombaça, durou pouco tempo, como ela relata, ao explicar o motivo de sua transferência para o Iguatu:

> Um ano e meio em Mombaça e um ano no Iguatu, final de 72, a Congregação desfez o convênio com os donos dos médicos. O hospital no Iguatu era particular e o povo [as religiosas] estavam (sic) divididos (sic) por causa da questão que tinham saído as dezessete, fundaram outra Congregação. Das freiras que (sic) eu morei aqui, eram nove, sendo que duas ou três tinham saído da Congregação, três tinham passado pra (sic) esse grupo. Ficaram só eu e mais duas, passamos pra (sic) Congregação. Como "o tronco" da Congregação era, como se dizia, aquelas outras que saíram é como se fossem um galho. (DONÊTA, 18/11/2018).

Para Donêta, a disposição para estudar e adquirir novos conhecimentos dava um estilo dinâmico à sua formação educacional. Ela tentava manter o equilíbrio para atender aos anseios da Congregação sem perder de vista seus objetivos formativos.

4.3.6 Colégio São José

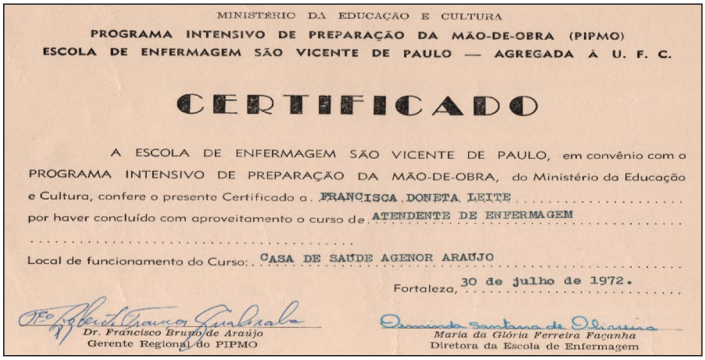
A transferência de Donêta para a cidade do Iguatu, na Região Centro-Sul do estado, imposta pela Congregação, foi uma condição emergencial, fase em que várias religiosas decidiram sair ou mudar de Congregação, o que resultaria na requisição das religiosas existentes para suprir a vacância

das atividades e suporte auxiliar aos empreendimentos congregacionais, e, desta vez, justamente na área onde Donêta queria estar naquele momento:

> Eu fui pro (sic) Iguatu. E no Iguatu, fui substituir uma freira que era enfermeira formada e ficar como enfermeira chefe porque lá ninguém tinha curso nenhum. Tinha estagiado com as enfermeiras práticas. Ninguém tinha noção de assepsia, do porquê usar luva, pra (sic) não pegar e nem transmitir bactérias. Então, eu explicava que isso aqui tem que ser de luva e isso aqui assim. (DONÊTA, 18/11/2018).

Para se adequar ao exercício da atividade, ela fez o curso de Atendente de Enfermagem (Imagem 19), com duração de dois meses, condição necessária para atuar como "Enfermeira Chefe", pois havia carência de religiosas nessa área na cidade de Iguatu devido ao contexto conturbado devido a saída de um grupo de religiosas da Congregação. O hospital sem demanda qualificada de pessoas para assumirem a função viu-se obrigado a formar rapidamente as religiosas interessadas, com capacitação na área de saúde, para serem redimensionadas para a cidade do Iguatu a fim de preencher essa lacuna, como foi o que aconteceu com Donêta.

Imagem 19 – Certificado de Atendente de Enfermagem



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
PROGRAMA INTENSIVO DE PREPARAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA (PIPMO)
ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO — AGREGADA À U. F. C.

CERTIFICADO

A ESCOLA DE ENFERMAGEM SÃO VICENTE DE PAULO, em convênio com o PROGRAMA INTENSIVO DE PREPARAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA, do Ministério da Educação e Cultura, confere o presente Certificado a FRANCISCA DONETA LEITE por haver concluído com aproveitamento o curso de ATENDENTE DE ENFERMAGEM

Local de funcionamento do Curso: CASA DE SAÚDE AGENOR ARAÚJO

Fortaleza, 30 de julho de 1972.

Dr. Francisco Bruno de Araújo
Gerente Regional do PIPMO

Maria da Glória Ferreira Façanha
Diretora da Escola de Enfermagem

Fonte: *Revista Voz do Santa Teresa*, 2003.

O curso para “Atendente de Enfermagem” oferecido pelo Programa Intensivo de Preparação da Mão-de-obra – PIPMO, estava incluso como uma das estratégia do Governo Federal para implementar medidas que acelerassem o desenvolvimento econômico do país;, era uma forma de atribuir qualificações profissionais de maneira rápida em consonância com os ideários do Ministério da Educação e com a Equipe de Planejamento do Ensino Médio – EPEM (STEPHANOU; BASTOS, 2011).

O Ministério da Educação no pós-golpe em 1964, durante o período da ditadura militar, tentava impulsionar medidas educacionais como parcerias ao acréscimo da produção econômica do país. Especificamente, investia em programas que subsidiava a população carente que não conseguia ingressar, por algum motivo, nas escolas técnicas. Tratava-se de um conjunto de ações pedagógicas com teor profissional emergente que se aliavam ao ensino secundário para qualificar profissionais como demanda para o mercado de trabalho.

Com isso, Donêta realiza o curso de “Atendente de Enfermagem” durante 60 (sessenta) dias, em Fortaleza-CE. Preconizado pela finalidade do PIPMO, para ser de forma intensiva, torna-se apta a garantir o exercício correspondente e começa suas atividades no Hospital Geral, em Iguatu-CE.

Durante 1972, trabalhando no Hospital Geral de Iguatu como Enfermeira Chefe, Donêta utilizava os contraturnos dos plantões para aperfeiçoar sua formação no Colégio São José (Imagem 20), instituição fundada pela Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus.

Imagem 20 – Colégio São José

Fonte: *Revista Voz do Santa Teresa*, 2003.

A instituição foi fundada pela primeira religiosa e Madre da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, Madre Ana Couto, que contou com o auxílio de outras religiosas da congregação. Em 5 de fevereiro de 1939, com instalações adaptadas, houve a instauração da primeira Casa de Educação na região, que foi motivo de honra na cidade do Iguatu; celebrada com missa, seguida da benção do prédio pelo Monsenhor João Coelho (*Revista Voz do Santa Teresa*, 2003).

A instituição, inicialmente com o nome de Colégio Santana, dava começo a suas atividades com reconhecimento às estruturas pedagógicas, ao que posteriormente denominaria de Escola Normal Rural Santana, equiparando-a à Escola Normal de Juazeiro do Norte. Outra mudança ocorre no estabelecimento, mas na década 1970, quando se implantou na instituição o curso científico (LDB de nº 5.692/71). A adição dessa etapa escolar modificaria o nome do colégio para Colégio São José, que persiste até hoje (*Revista Voz do Santa Teresa*, 2003).

Nessa instituição, devemos destacar o fato de sua fundação ter sido pelas religiosas da Congregação das Filhas

de Santa Teresa, circunstância que influenciou a filosofia institucional no âmbito religioso, pois o atendimento educacional era percebido como mecanismo de intercessão ao possibilitar espaços de evangelização e promoção humana.

4.3.7 Colégio Estadual Wilson Gonçalves

Superada a crise de pessoal no atendimento do hospital em Iguatu, houve a transferência de Donêta, determinada pela Congregação. Sua partida teria como destino o Crato, em 1973. Retornaria assim, à "Casa Mãe" e ocuparia a cadeira escolar como estudante do Colégio Estadual Wilson Gonçalves (Imagem 21), para cursar o Pedagógico.

Imagem 21 – Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Wilson Gonçalves

Fonte: Acervo dos Autores, 2018.

O Colégio Estadual Wilson Gonçalves foi criado pela Lei nº 5.395, de 8 de junho de 1961, inicialmente como Ginásio Estadual do Crato, que logo passaria a ser denominado

Ginásio Wilson Gonçalves. Posteriormente, com a reforma na estrutura do ensino, em 1971, a instituição utiliza a nomenclatura de Colégio Estadual Wilson Gonçalves, com o ensino de primeiro e segundo graus. Atualmente (2019), ainda em atividade, está sob o nome de Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Wilson Gonçalves e expressa a forma contextualizada da evolução educativa, enquadrando a cidade na dimensionalidade do sistema educacional nacional, conferindo assim, o sentido de sua historicidade (MAGALHÃES, 1999).

Contudo, sobre a história da instituição, com relação ao seu alunado, a *Revista A Província* (VILAR, 1997, p. 55) menciona que:

> [...] foi o primeiro da região que permitia moças e rapazes estudarem justos, era o que se chamava na época de escola moderna e inovadora. Onde a professor Jose Nilton Alves de Sousa e dona Ruth Barreto, filhos do Crato que retornando de Salvador, vieram trazer para sua terra uma escola de qualidade, fugindo dos padrões arcaicos e conservadores desenvolvidos pelas escolas tradicionais daquela época. (VILAR, 1997, p. 55).

O antigo Colégio Estadual, Wilson Gonçalves, surge no Crato para apresentar à sociedade uma Educação pública que, ofertada pelo governo, se mostrava com fundamentos laicos e de qualidade devido ao enfoque nos critérios de "desenvolvimento e progresso" que o governo empreendia para os diversos serviços públicos. A época educacional na cidade possuía o domínio e notoriedade de colégios em poder da Igreja Católica, então, a Diocese do Crato, que investia no setor educacional para dar suporte ao progresso e desenvolvimento, mas com formação humana em princípios religiosos luso-romanos.

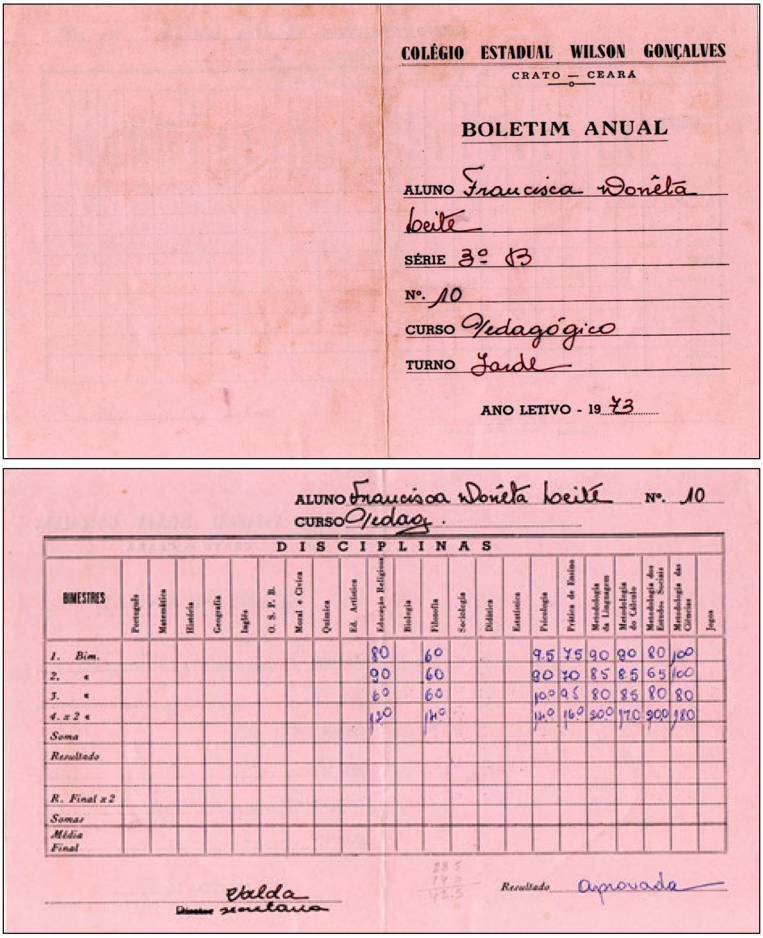
No Crato, a Educação estava para um único contexto de uma formação feminina, o ginasial, e bastando o ensino

normal ao Colégio Santa Teresa de Jesus, vinculada à Diocese do Crato. Em termos gerais, algumas das exigências, no âmbito dos colégios confessionais na história educacional do Brasil, envolviam despesas para a população que buscava obter o acesso à escolarização. Essas circunstâncias no Crato, ao longo do século XX, demandaram posições excludentes para alguns jovens que se encontravam em camadas menos favorecidas economicamente. Assim, essa demanda por educação para pessoas com situação econômica menos favorecida não era atendida e o acesso à educação estava em proporções diferentes para inclusão de alunas nas instituições confessionais:

> Em reunião ordinária na sede do Cariri Sport Club o presidente lança a idéia de uma campanha para a criação de um colégio estadual no Crato a fim de atender às classes menos favorecidas economicamente. [...] Aprovada a idéia, organizamos grande passeata estudantil, com faixas e banda de música, com destino à residência do Dr. Wilson Gonçalves, então Vice-Governador do Estado. (BRITO, 1994, p. 111).

A citação acima reafirma a marginalização juvenil perante o estado, que necessitava reivindicar em forma de "passeata" o direito ao desenvolvimento da escolaridade. Posto isso, com o atendimento a pedido da população, modifica-se a estrutura do estabelecimento para Colégio Estadual Wilson Gonçalves, adequando-o para níveis elevados de ensino em conformidade com a Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que acrescia a oferta para o ensino do 2º grau com o científico e o pedagógico gratuitamente. E esse nível educacional, foi o cursado pela biografada no "[...] terceiro ano no estadual, com o ensino pedagógico que era à tarde". (DONÊTA, 18/11/2018).

Imagem 22 – Boletim Anual



COLÉGIO ESTADUAL WILSON GONÇALVES

CRATO — CEARÁ

BOLETIM ANUAL

ALUNO Francisca Donêta Leite

SÉRIE 3º B

Nº. 10

CURSO Pedagógico

TURNO Tarde

ANO LETIVO - 19 73

ALUNO Francisca Donêta Leite Nº. 10

CURSO Pedag.

DISCIPLINAS

BIMESTRES	Português	Matemática	História	Geografia	Inglês	O. S. P. B.	Moral e Cívica	Química	Ed. Artística	Educação Religiosa	Biologia	Filosofia	Sociologia	Didática	Estatística	Psicologia	Prática de Ensino	Metodologia da Linguagem	Metodologia do Cálculo	Metodologia dos Estudos Sociais	Metodologia das Ciências	Jogos
1. Bim.										80		60				95	75	90	90	80	100	
2. «										90		60				90	70	85	85	65	100	
3. «										60		60				100	95	80	85	80	80	
4. x 2 «										120		140				140	160	200	170	200	180	
Soma																						
Resultado																						
R. Final x 2																						
Somas																						
Média Final																						

Valda

Diretor Secretária

285
142
427

Resultado Aprovada

Fonte: Acervo Pessoal da Biografada, 1973.

Quanto às disciplinas específicas do Curso Pedagógico, podemos perceber, por meio do boletim anual (Imagem 22), que eram: Educação Religiosa, Filosofia, Psicologia, Prática de Ensino, Metodologia da Linguagem, Metodologia do Cálculo, Metodologia dos Estudos Sociais e Metodologia das

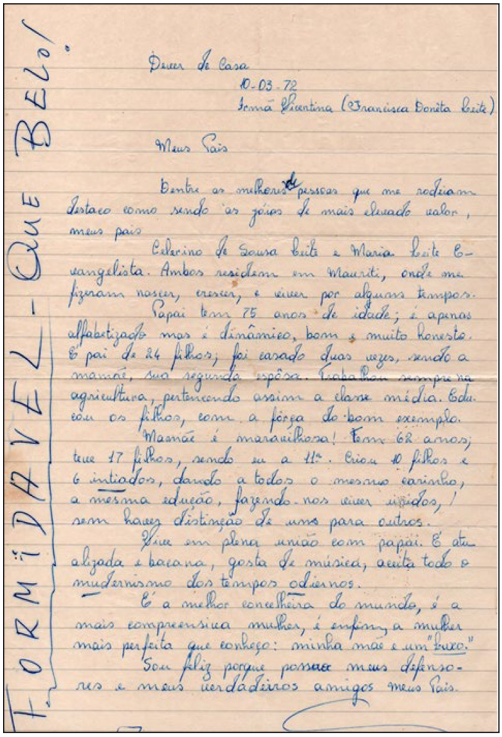
Ciências. As disciplinas citadas, então, recomendavam-se aos professores em formação nos cursos pedagógicos; os conhecimentos práticos da profissão, cuja compreensão sistemática dos conteúdos estaria intrínseca às várias disciplinas para o ensino de 1ª a 4ª série, como explica a Lei nº 5.692/71:

> Art. 30. Exigir-se-á como formação mínima para o exercício do magistério:
>
> a) no ensino de 1º grau, da 1ª à 4ª séries, habilitação específica de 2º grau;
>
> b) no ensino de 1º grau, da 1ª à 8ª séries, habilitação específica de grau superior, ao nível de graduação, representada por licenciatura de 1º grau obtida em curso de curta duração;
>
> c) em todo o ensino de 1º e 2º graus, habilitação específica obtida em curso superior de graduação correspondente a licenciatura plena.

É evidente que ao mencionarmos sobre a Educação no Crato, com o foco em formação para o Magistério, os profissionais deveriam advir do Colégio Santa Tersa de Jesus ou do Seminário São José, ambos com estilo confessional e que possuíam em sua formação educativa o elevado grau de escolaridade exigida pela lei supracitada para a formação de professores. Começava a existir outras esferas de formação no Crato, que não existiam na época em que Donêta se mudou da cidade, pois o poder público estatal visando educação "laica", investia na Educação para minimizar o poder da Igreja sobre ela.

Dessa vez, o rendimento de Donêta surpreendia, afinal, diferentemente dos demais alunos, ela já possuía vasta experiência escolar, o que lhe conferia reconhecimento no estabelecimento educacional, como se demonstra na atividade avaliativa abaixo:

Imagem 23 – "Dever de Casa – A Carta"[26]



Dever de Casa
10-03-72
Irmã Vicentina (Francisca Donêta Leite)

Meus Pais

Dentre as melhores pessoas que me rodeiam destaco como sendo as jóias de mais elevado valor, meus pais.

Celerino de Sousa Leite e Maria Leite Evangelista. Ambos residem em Mauriti, onde me fizeram nascer, crescer, e viver por alguns tempos.

Papai tem 75 anos de idade; é apenas alfabetizado mas é dinâmico, bom e muito honesto. É pai de 24 filhos; foi casado duas vezes, sendo a mamãe sua segunda esposa. Trabalhou sempre na agricultura, pertencendo assim a classe média. Educou os filhos, com a força do bom exemplo.

Mamãe é maravilhosa! Tem 62 anos; tive 17 filhos, sendo eu a 11ª. Criou 10 filhos e 6 intiados, dando a todos o mesmo carinho, a mesma educão, fazendo-nos viver unidos, sem haver distinção de uns para outros.

Vive em plena união com papai. É atualizada e bacana, gosta de musica, aceita todo o modernismo dos tempos odiernos.

É a melhor concelheira do mundo, é a mais compreensiva mulher, é enfim, a mulher mais perfeita que conheço: minha mãe e um "luxo."

Sou feliz porque possuo meus defensores e meus verdadeiros amigos meus Pais.

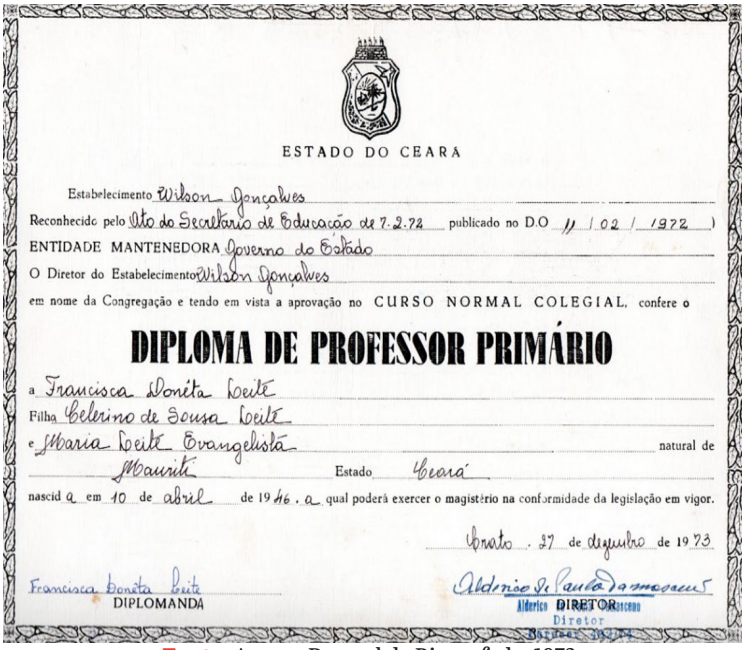
FORMIDAVEL - QUE BELO!

Fonte: Acervo Pessoal da Biografada, 1972.

[26]Dever de Casa/ 10/03/72/ Irmã Vicentina (Francisca Donêta Leite) / Meus Pais, / Dentre das melhores de pessoas que me rodeiam/ destaco como sendo jóias de mais e levado valor, / meus pais. / Celerino de Sousa Leite E/ vangelista. Ambos residem em Mauriti, onde me/ fizeram nascer, crescer, e viver por alguns tempos./ Papai tem 75 anos de idade; é apenas/ alfabetizado mas é dinâmico, bom e muito honesto./ É pai de 24 filhos; foi casado duas vezes, sendo a/ mamãe sua segunda esposa. Trabalhou sempre na/ agricultura, pertencendo assim a classe média. Edu/ cou os filhos com a força do bom exemplo. / Mamãe é maravilhosa! Tem 62 anos;/ 17 filhos, sendo em a 11ª. Criou 10 filhos e 6 intiados, dando a todos o mesmo carinho, / a mesma edução, fazendo-nos viver unidos, / sem haver distinção de uns para os outros. / Vive em plena união com papai. É atu/alizada e bacana, gosta de música, aceita todo o/ modernismo dos tempos hodiernos./ É a melhor concelheira do mundo, é a/ mais compreensiva mulher, é enfim, a mulher/ mais perfeita que conheço: minha mãe e um "luxo"./ Sou feliz porque possuo defenso/ res e meus verdadeiros amigos meus pais./ (Escrita na lateral do Registro: " FORMIDAVEL (está escrito sem acento na redação – Que Belo!").

Quando analisamos o “Dever de Casa – A Carta” (Imagem 23), como forma avaliativa para o Curso Pedagógico, identificamos uma metodologia que valorizava conhecimentos e princípios relacionados à família e à religiosidade.

Imagem 24 – Diploma de Professor Primário



ESTADO DO CEARÁ

Estabelecimento Wilson Gonçalves

Reconhecido pelo Ato do Secretário de Educação de 7.2.72 publicado no D.O 11 / 02 / 1972)

ENTIDADE MANTENEDORA Governo do Estado

O Diretor do Estabelecimento Wilson Gonçalves

em nome da Congregação e tendo em vista a aprovação no CURSO NORMAL COLEGIAL, confere o

DIPLOMA DE PROFESSOR PRIMÁRIO

a Francisca Donêta Leite

Filha Belerino de Sousa Leite

e Maria Leite Evangelista natural de

Maurité Estado Ceará

nascid a em 10 de abril de 1946 . a qual poderá exercer o magistério na conformidade da legislação em vigor.

Crato . 27 de dezembro de 1973

Francisca Donêta Leite
DIPLOMANDA

Aldenice de Paula Damasceno
DIRETOR

Fonte: Acervo Pessoal da Biografada, 1973.

Portanto, o período do “Curso Pedagógico” no Colégio Estadual Wilson Gonçalves fazia aproximar o Magistério à vivência de Donêta, objetivo funcional mantido no Colégio Santa Teresa de Jesus para seus alunos. O denominado “Curso Pedagógico” dava as noções da possibilidade metodológica de ensinar conteúdos nas diversas disciplinas para o ensino das séries iniciais do ensino de 1º grau, conferiam às formandas o Diploma de Professor Primário (Imagem 24).

5 FORMAÇÃO SUPERIOR

Com um ano após a certificação do Pedagógico, Donêta ingressa no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia do Crato, atualmente denominada Universidade Regional do Cariri, concluindo, em 1980, a graduação em Pedagogia.

Imagem 25 – Universidade Regional do Cariri-URCA, Antiga Faculdade de Filosofia do Crato

Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora, 2018.

A Faculdade de Filosofia do Crato (Imagem 25) foi criada em 1959, agregada à Universidade Federal do Ceará, com os cursos de Pedagogia, História, Letras Neolatinas e Letras Anglo-germânicas, sendo o curso de Pedagogia o escolhido

por Donêta, para ingressar no nível superior, no turno noturno, após desenvolver o gosto pela docência com o Curso Normal.

Em relação às aulas teóricas e práticas do curso de Licenciatura em Pedagogia, o convênio ficaria mantido entre a Faculdade de Filosofia e o Colégio Madre Ana Couto. Este funcionaria como escola de aplicação para atuação dos graduandos nas aulas práticas (FLORENCIO, 2012). A participação da Igreja Católica, por meio da Diocese do Crato, na Educação continuava a ocorrer. Dessa vez, na interferência pelo estágio, formando professoras com métodos educativos baseados em princípios religiosos.

Imagem 26 – Diploma da Licenciatura em Pedagogia

Ministério da Educação e Cultura
Universidade Federal do Ceará
Faculdade de Filosofia do Crato – (Agregada)
Reconhecido pelo Decreto n.º 67.140 de 4.9.1970, D.O.U. de 8.9.70

O Reitor da Universidade Federal do Ceará, tendo em vista o termo de colação de grau conferido, no dia três de dezembro de mil novecentos e setenta e sete, a

Francisca Donêta Leite

filha de Celerino de Sousa Leite e Maria Leite Evangelista, nascida no Estado do Ceará, no dia dez de abril de mil novecentos e quarenta e seis, manda expedir-lhe o presente diploma de

Licenciado em Pedagogia

para que possa gozar dos correspondentes direitos e prerrogativas, de acordo com as leis da República.

Crato, 22 de junho de 1980

Reitor — Maria da Paixão Esmeraldo Gonçalves, Secretário
Diretor — Francisca Donêta Leite, Diplomado

APOSTILA
Faculdade de Filosofia do Crato
O diplomado concluiu nesta Faculdade a Habilitação em Supervisão Escolar para exercício nas Escolas de 1º e 2º Graus.
Crato 15 / 10 / 1983
DIRETOR

MEC — FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO
CURSO DE Pedagogia
De acordo com o disposto no Art. 27 do Regimento em vigor, declara-se, para os necessários efeitos, que o (a) portador (a) do presente diploma teve como habilitação durante o curso: Ensino das disciplinas e atividades práticas dos cursos normais e Administração escolar para exercício nas Escolas de 1º e 2º graus.
CRATO 28 de junho de 1980
DIRETOR

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DIVISÃO DE REGISTRO DE DIPLOMAS
Diploma registrado sob o n.º 2967
Livro 901-H 284
Processo n.º 18120/81
Em 28 maio de 19 81
Ass. ...
Chefe da Seção de Registro
Visto: Antonieta Ucha
Chefe da Seção de Análise e Expedição
Aprovo o Presente Registro
Em 28/05/81
Diretor da Div. de Reg. de Diplomas

APOSTILA
Faculdade de Filosofia do Crato
O diplomado concluiu nesta Faculdade a Habilitação em Orientação Educacional, no ano letivo de 1979
Crato, 27 / 06 / 1981
Diretor

Fonte: Acervo Pessoal da Biografada, 1980.

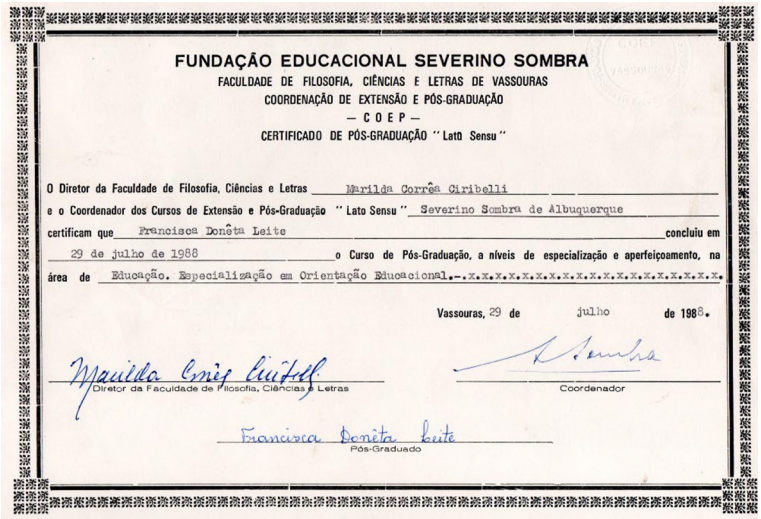
O curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia colocava em discussão os rumos do Curso Normal, já que as formandas do Colégio Santa Teresa eram encaminhadas para cursar a Faculdade de Filosofia e suprir a demanda de professores para a instituição.

Se no Brasil a formação de professores ganha impulso, com uma demanda elevada de profissionais do Magistério, em relação ao Crato, a situação não era diferente. A profissionalização dos professores com a instauração da Faculdade de Filosofia estreitava as concepções de formação para um ensino amparado aos ideários de produção intelectual mais qualificada, ampliando a visão da simples metodologia tradicional enciclopédica e mnemônica para utilização de diversas metodologias mais ativas necessárias para a atuação docente em sala de aula (FLORÊNCIO, 2012).

Com o Diploma de Pedagogia (Imagem 26), Donêta passou a atuar na tesouraria do Colégio Santa Teresa, de 1986 a 1992, mas afirma que passava mais tempo no auxílio

pedagógico, ajudando nas disciplinas e acompanhando as ações do núcleo gestor, além de lecionar algumas disciplinas de maneira oportuna, quando inexistiam profissionais qualificados. Essa proximidade com as questões docente a impulsionava para buscar compreensões dos assuntos teóricos educacionais.

Imagem 27 – Certificado de Especialização em Orientação Educacional



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SEVERINO SOMBRA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE VASSOURAS
COORDENAÇÃO DE EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
— C O E P —
CERTIFICADO DE PÓS-GRADUAÇÃO "Lato Sensu"

O Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Marilda Corrêa Ciribelli
e o Coordenador dos Cursos de Extensão e Pós-Graduação "Lato Sensu" Severino Sombra de Albuquerque
certificam que Francisca Donêta Leite concluiu em
29 de julho de 1988 o Curso de Pós-Graduação, a níveis de especialização e aperfeiçoamento, na
área de Educação. Especialização em Orientação Educacional.-.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.

Vassouras, 29 de julho de 1988.

Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
Coordenador
Pós-Graduado

Fonte: Acervo da Biografada, 1988.

Em seguida, realizou a formação em nível de pós-graduação (Imagem 27), em 1988, realizada pela Fundação Educacional Severino Sombra, em Vassouras-RJ. Para cursar a especialização, a biografada relembra que, naquele tempo, as pós-graduações eram ofertadas apenas na região Sudeste do país. A situação demandava para os profissionais docentes da cidade do Crato um custo financeiro elevado, pois deveriam arcar com as mensalidades e materiais, além das

passagens e diárias/moradia devido as aulas ocorrerem em outro estado:

> Fiz a pós-graduação no Rio de Janeiro, em Vassouras. Aqui no Crato não existia a pós-graduação, só tinha em Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Era tipo um curso de férias, acontecida em janeiro e julho o mês todinho, durante um ano. Assim que terminei a faculdade tive a ideia de fazer uma pós-graduação, queria dar continuidade aos meus estudos em Pedagogia, sentia um vazio. Então, me articulei com uma turma do Carto que era (sic) professor do Estado e fui procurar uma pós-graduação, mas só encontrei em Vassouras no Rio. Fui e levei para cursar comigo alguns professores. Eram tempos difíceis, muito diferente de hoje, pois hoje você busca no *google* uma pousada e acha, bem rápido, e naquele tempo era outra coisa, deveríamos entrar em contato com alguém, muitas vezes até por correspondência, e com a informação daquela pessoa íamos nos articulando e dando certo. (DONÊTA, 20/12/2018).

Durante um ano, Donêta e os outros professores se qualificavam na Especialização em Orientação Educacional. Assim, com a conclusão do curso, retorna para o Colégio Santa Teresa de Jesus e passa atuar de maneira mais eficaz na parte pedagógica, organizando os momentos de formação dos professores que aconteciam durante um sábado de cada mês. Esses encontros são destacados pela biografada como bons momentos, enriquecedores, com muitas trocas de experiências escolares:

> O Colégio bancava cinquenta por cento para a pós-graduação do professor. Eu não era boa para a Congregação (risos), nunca sobrava dinheiro porque eu aplicava na formação dos professores. As professoras do Estado viajavam por conta própria, já no Colégio Santa Teresa dávamos uma parte do valor para a despesa do professor. Os nossos professores eram pobres, não podiam bancar a despesa da pós-graduação. (DONÊTA, 20/12/2018)

É possível constatar que a formação superior de Donêta para o período em referência era um diferencial com relação às demais profissionais da Educação na cidade, especialmente pelo título de Especialista, adquirido em outro estado. O Crato se desenvolvia em termos educacionais e as mulheres acompanhavam esse progresso paulatinamente, inclusive as religiosas, que mesmo resistindo ao confinamento da moralidade e civilidade, buscavam e alçavam uma formação como elemento de transição entre a educação puramente doméstica, a intelectualidade e profissionalização.

6 CONTEXTO DE FORMAÇÃO EDUCACIONAL RELIGIOSA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Entre os séculos XIX e XX, a cidade do Crato se estruturava nos padrões religiosos do clero, com grande influência religiosa, inclusive na formação masculina, ao se implantar ali o Seminário São José, pelo Bispo Dom Luis Antonio dos Santos, nas décadas finais do século XIX (QUEIROZ, 2013). O Seminário São José descortina um horizonte de possibilidades para muitos jovens iniciarem a vida religiosa consagrada como clérigos ou, em posse de uma formação peculiar, pleitearem a continuidade dos estudos em outras cidades, com ingresso em graduações como Medicina e Direito, dentre outras.

Pata tanto, em continuidade à formação da sociedade cratense, em termos educacionais, a formação feminina confinava as mulheres aos modelos dos conhecimentos e saberes elementares das Casas de Caridade do Pe. Ibiapina ou iniciativas em casas particulares de formação elementar. A formação da educação feminina nesse espaço se concentrava na leitura, escrita e, principalmente, nos afazeres das prendas domésticas.

A situação educacional mudaria apenas em anos posteriores, iniciando-se quando do documento de 20 de outubro de 1914, que o Papa Bento XV assinara, a Bula Papal "*Catholica e Eclesiae*", na qual elevava a Diocesedo Crato à jurisdição religiosa, desvinculando-a da Diocese de Fortale-

za. A promulgação papal permite a formação de um bispado uno, com autonomia administrativa e financeira para a condução das obras de evangelização.

Se, com o Bispo do Ceará, Dom Luiz Antonio dos Santos, tivemos o apadrinhamento do Seminário São José na formação masculina, com a instauração da Diocese do Crato, o seu primeiro Bispo – Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva – O Santo de Deus, instituía a Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus para a educação das moças (MONTENEGRO, s/d) e reabertura do Ginásio São José, instituição vinculada ao Seminário São José, com direcionamento para a formação educacional masculina (Livro: História e memórias de tempos felizes, p. 24, 2018).

Foi pela Diocesedo Crato, no bispado de Dom Quintino, que a obra instaurada como Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus equiparou-se ao pioneirismo da formação feminina um pouco mais elevada, convergindo o religioso ao educacional e, por isso, se "[...] constitui uma das mais arrojadas iniciativas empreendidas pelo primeiro bispo do Crato.". (MONTENEGRO, 1993, p. 92). Era o momento no qual a Igreja Católica tomava posse concisa da Educação e, consequentemente, da sociedade cratense dentro de esferas públicas.

A Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, fundada em 4 de março de 1923, em um ato expresso de consagração de fé e gratidão ao momento, segundo o texto da Madre Aurélia, na *Revista Voz do Santa Teresa* (2003, p. 6), se constituiu na solene missa em honra à fundação da instituição. O comparecimento de "[...] quatros sacerdotes e apenas algumas pessoas amigas, com a presença das quatro primeiras religiosas – Madres: Couto, Vitorino, Tavares e Freitas", era o suficiente para dar seguimento e estrutura à instituição confessional feminina para a sociedade nas terras cratenses.

Dom Quintino, como autoridade eclesial, ao mentalizar os rumos que deveriam ser seguidos por uma instituição consagrada, como a Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, visava a finalidade estabelecida de uma "Educação Cristã, a assistência aos doentes, idosos e menores carentes e outras atividades pastorais.". (*Revista Voz de Santa Teresa*, 2003, p.12). O escopo definido pelo Bispo Dom Quintino para a formação feminina não possuía pontos que divergiam dos intentos primários e tradicionais das Casas de Caridade.

Nesse período, no Crato, a sociedade era conservadora, bem como nas cidades do interior, especialmente, as que mantinham a forte cultura religiosa. Logo, para a implantação da instituição religiosa consagrada, como algo que pudesse direcionar seus fins para agir nas múltiplas faces sociais, deveria-se trazer o diferencial que pudesse agregar ao círculo de convivência cratense costumes que resguardavam as mulheres à esfera privada, valorizando a matrimônio e a maternidade em consonância com uma educação propedêutica. Então, com a criação do Colégio Santa Teresa de Jesus, concomitante à mesma data de fundação da Congregação das Filhas de Santa Teresa, seria a harmonia necessária aos serviços que demandavam no campo educacional, principalmente por alinhar o religioso ao caráter instrutivo.

Consideradas as pupilas de Dom Quintino, as duas instituições fazem parte significativa de suas primeiras e únicas obras grandiosas de disseminação de formação feminina. Além da edificação ter sido construída em frente à Cúria Diocesana, órgão eclesiástico que serve de moradia do bispo e sede jurídico-administrativa da Diocese do Crato, a escolha da Madre Ana Couto, como primeira superiora da instituição, foi solicitada pelo clérigo, a quem as madres e religiosas da instituição são submissas. Ou seja, tudo sob o controle e olhar vigilante de Dom Quintino.

Imagem 28 – Dependências da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus: Capela e Colégio Santa Teresa de Jesus

Fonte: Acervo da Autora, 2018.

A imagem 28 apresenta as dependências físicas que pertencem à Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, no Crato. Os três blocos de edificações – Capela, jardim e Colégio Santa Teresa de Jesus ficam unidos à instituição "mãe de todas as outras casas", à qual as religiosas chamam de "Casa Mãe" (DONÊTA, 18/11/2018; *Revista Voz do Santa Teresa*, 2003, p. 10), parte que fica recuada, atrás desses monumentos prediais.

A estrutura dividida fazia as fronteiras para os ambientes de acesso tanto na Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus como no Colégio Santa Teresa de Jesus. Este era apenas para a circulação doa alunos, aquele apenas para religiosas da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, que possuíam acesso livre à "Casa Mãe". No entanto, para Donêta, apenas seria possível depois do Noviciado, período de adaptação para as jovens que se capacitavam com

experiência característica às normas e hábitos exclusivos de fé, devoção, sacrifícios e entrega a "Jesus".

O Noviciado era mantido durante o período de um ano, momento no qual as jovens, disciplinadas pela fé, experienciavam uma vida distante das "provações e modernidade" do mundo. Então, para as noviças, os condicionamentos estavam entre o silêncio diário, rotina de orações e a clausura que definiam o comportamento dessas mulheres para a vida religiosa. Por isso, a pesquisadora Silvia Fernandes (2011) frisa que em tempos remotos, que se assemelham ao período de Donêta, o pertencer a alguma instituição religiosa era sinal de afastamento ou isolamento do mundo; sendo assim, essas circunstâncias equivaliam ao disciplinamento do corpo, alma e mente:

> Eu já tinha saído do Mauriti pra (sic) o Crato que já era uma diferença muito grande e no Crato eu não fui inserida na sociedade; era mais ou menos presa no convento: fiquei lá com a madre Feitosa, na Casa de Caridade. Depois fiquei no Noviciado, que foi um ano. A única vez que a gente saiu do Noviciado foi pro (sic) sepultamento da mãe do bispo. Então era o ano todinho sem sair, sem ver o mundo. A porta da frente não se abria pra (sic) gente. (DONÊTA, 08/05/2018).

A clausura e submissão talvez não fossem uma novidade para as mulheres que se doavam à vida religiosa, pois no seio da vida familiar, a tradicional educação do lar já adaptava as meninas para assumirem tais posturas, seja diante do pai ou do marido, com obediência e evitando circularem desacompanhadas em espaço público.

Assim, para chegar até o caminho da vida religiosa consagrada, a partir do segundo semestre de 1964, Donêta, consegue encaminhar as prerrogativas documentais para a Congregação das Filhas de Santa Teresa. Constava na apre-

sentação de Certidões: de Nascimento (Imagem 29), de Batismo (Imagem 30) e de Crisma (Imagem 31), que marcavam seu intento para assumir a vida religiosa consagrada e a identificavam com a documentação necessária para o perfil pessoal e familiar prescritos no documento.

Imagem 29 – Certidão de Nascimento

1915

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

REGISTRO CIVIL

ESTADO DO Ceará.
CIDADE DE Mauriti.
MUNICIPIO D E Mauriti.

NASCIMENTO Nº. 11536

Augusto Jácome de Carvalho, Oficial do Registro Civil do Distrito séde do Municipio de Mauriti, Estado do Ceará, por serventia vitalicia, etc.

Certifico que a fls. 110 do livro n. 32 do registro de nascimento foi feito o assento do nascimento de FRANCISCA DONÊTA LEITE.
Nascido aos 10 de Abril de 19 46, às , horas em o sitio Crusinha, Comarca de Mauriti, do sexo feminino, de cor branca, filha delegitima de Celerino de Sousa Leite e de D. Maria Leite Evangelista, sendo avós paternos João Severino de Oliveira e Maria Delfina da Conceição, e maternos, José Leite Evangelista e Maria Leite de Jesus.

Foi declarante Francisca Donêta Leite.
e serviram de testemunhas José Costa Sobrinho e Luiz Saraiva Valões.

Observações Foi feito de acôrdo com a lei.

O referido é verdade. Dou fé.

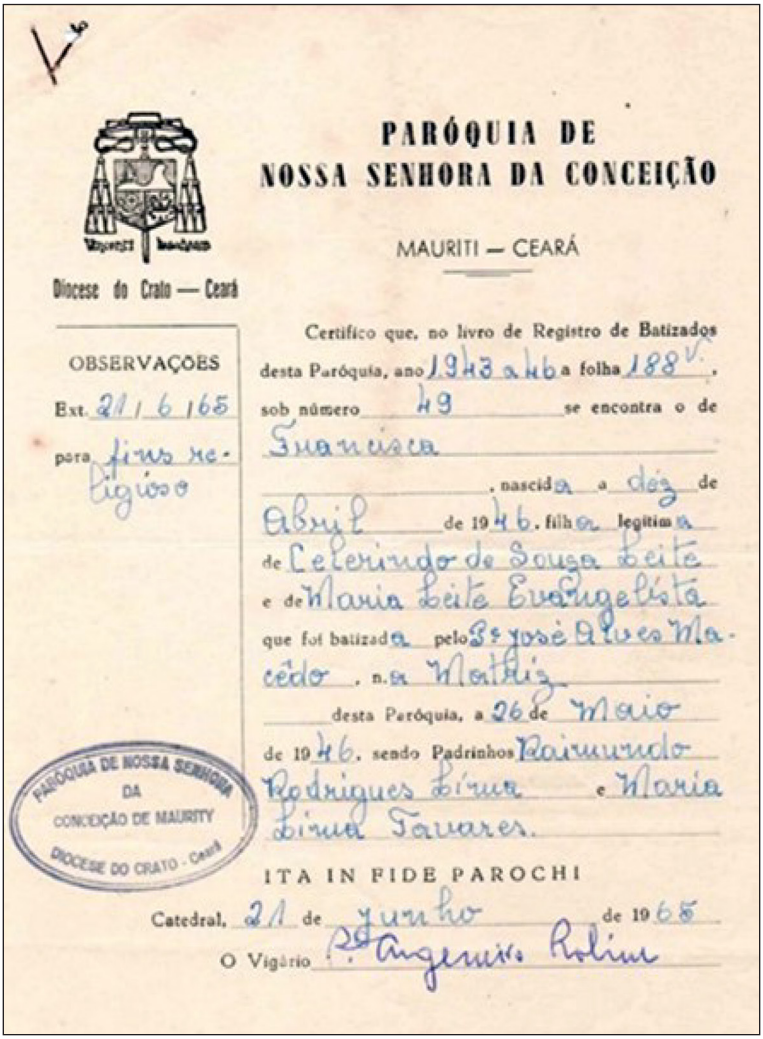
Mauriti, 25 de Novembro de 1965.

O OFICIAL

Augusto Jácome de Carvalho

Fonte: Arquivo pessoal da biografada, 1965.

Imagem 30 – Certidão de batismos para fins religiosos



V°

PARÓQUIA DE
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

MAURITI — CEARÁ

Diocese do Crato — Ceará

OBSERVAÇÕES
Ext. 21/6/65
para fins religiosos

Certifico que, no livro de Registro de Batizados desta Paróquia, ano 1943 a 46 a folha 188 v., sob número 49 se encontra o de Francisca, nascida a dez de Abril de 1946, filha legítima de Celerindo de Sousa Leite e de Maria Leite Evangelista que foi batizada pelo Sr. José Alves Macêdo, na Matriz desta Paróquia, a 26 de Maio de 1946, sendo Padrinhos Raimundo Rodrigues Lima e Maria Lima Tavares.

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE MAURITY DIOCESE DO CRATO - Ceará

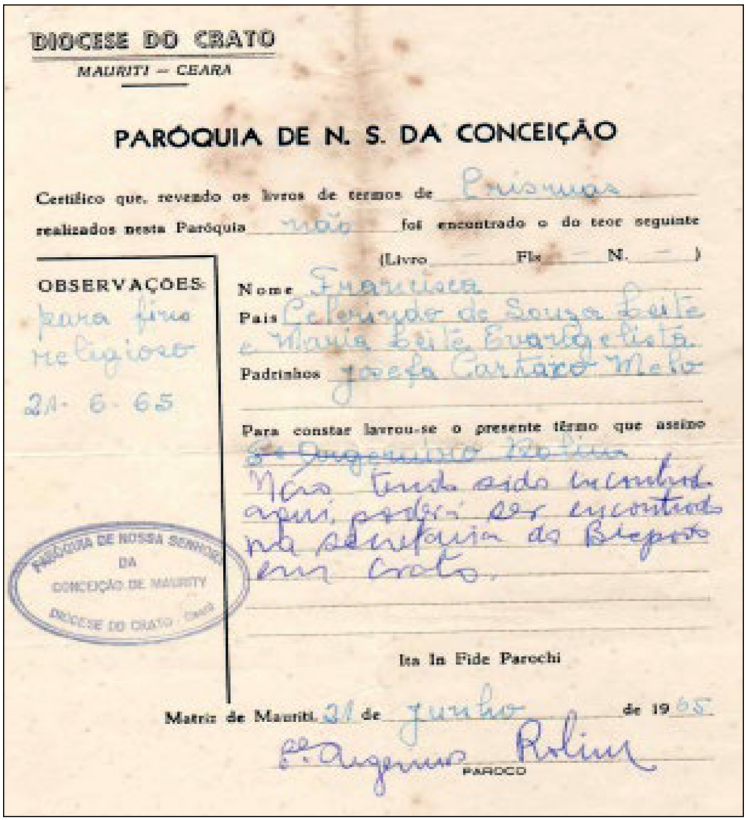
ITA IN FIDE PAROCHI

Catedral, 21 de Junho de 1965

O Vigário: Angenis Rolim

Fonte: Arquivo pessoal da biografada, 1965.

Imagem 31 – Certidão de Crisma



DIOCESE DO CRATO
MAURITI — CEARA

PARÓQUIA DE N. S. DA CONCEIÇÃO

Certifico que, revendo os livros de termos de Crismas realizados nesta Paróquia não foi encontrado o do teor seguinte

(Livro — Fls — N. —)

OBSERVAÇÕES: para fins religiosos 21-6-65

Nome Francisca
Pais Celestino de Souza Leite e Maria Leite Evangelista.
Padrinhos Josefa Cartaxo Melo

Para constar lavrou-se o presente têrmo que assino
Pe. Augusto Rolim
Mas tendo sido incluído aqui, poderá ser encontrado na secretaria do Bispado em Crato.

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE MAURITY DIOCESE DO CRATO - CEARÁ

Ita In Fide Parochi

Matriz de Mauriti, 21 de Junho de 1965
Pe. Augusto Rolim
PAROCO

Fonte: Arquivo pessoal da biografada, 1965.

A exigência requerida pela Igreja Católica com relação às documentações acima expostas poderia estar baseada no que se refere ao Direito Canônico atual, a fim de averiguar a situação sócio familiar da biografada e sua relação com a Igreja Católica. Os documentos apresentam dados que perfilam o sujeito com ligação entre a sua origem e crença, família e padrinhos, condição civil e a temporalidade da sequência em que foram obtidos os sacramentos religiosos.

Segundo o Código de Direito Canônico, promulgado pelo Papa João Paulo II, Cânone 1137, a documentação necessária para o ingresso nos "Institutos de Vidas Consagradas"[27] prescreve sobre as pessoas/filhos advindos de contração matrimonial legítima[28]. Logo, a essa realidade, encontramos a ratificação realizada pelo Código do Direito Canônico, que faz menção à reforma como reajuste sobre prerrogativas legais antigas, ou seja, a necessidade de a moça ser filha de união legítima abençoada pela Igreja para que tivesse acesso à Congregação. E assim, desresponsabiliza os filhos que porventura nasçam de matrimônios não realizados nos ditames da Igreja Católica:

> Cân. 1137 – São legítimos os filhos concebidos ou nascidos de matrimônio válido ou Putativo*. *A legitimidade e ilegitimidade de nascimento são atualmente irrelevantes no Direito Canônico comum. Assim, por exemplo, não existe mais a irregularidade dos ilegítimos para serem ordenados. Pode, porém, ter algumas consequências no direito particular, por exemplo, dos institutos de vida consagrada. (CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO, 2017, p. 511).

Suprida e aceita a exigência documental em conformidade com os parâmetros do "Instituto de Vida Consagrada", ou seja, para a permanência na Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, Donêta teve que começar a preparar o seu Noviciado. Essa fase apresenta-se como um estágio para discernimento ao estilo de vida religiosa.

O cumprimento de outro requisito, que determinava o mínimo de escolarização para iniciar o Noviciado, estaria

[27] Os Institutos de Vida Consagrada compreendem os conventos, congregações, mosteiros e demais instituições que mantêm vínculo com a formação para a vocação religiosa nos princípios da Igreja Católica. Fonte: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccscrlife/documents/rc_con_ccscrlife_doc_20180401_cor-orans_sp.html#_ftn8.

[28] Cf. Direito Canônico, nº 1137.

disposto pela aprovação no "Exame de Admissão", pautava-se como condição e conferência de escolarização: "Para entrar na Congregação, o estudo exigido na época era a 5ª série, então, a maioria das freiras tinha só o primário que era até a 5ª série.". (DONÊTA, 01/09/2018). Era uma forma que a instituição privilegiava a condição alfabetizada das religiosas, que enfim, repercutia na seletividade de jovens mulheres para integrar a Congregação.

A formação educacional da população, numa visão macro, durante o século XX, contava com poucos investimentos públicos; muitas vezes até mal distribuídos em várias localidades e setores administrativos da Educação. Contudo, quanto aos métodos de seleção e teste que eram disponibilizados para submeter a população no âmbito da ampliação dos estudos, podemos perceber que configuravam em sentido excludente e determinativo, contemplando poucos.

Poucos indivíduos na história educacional do Brasil, entre homens e mulheres, possuíam o acesso e prosseguimentos aos e dos níveis educacionais. Situação em que destacamos, no caso feminino, em que eram restritas as condições da graduação escolar, pelo motivo de afrontarem a natureza feminina, que era maternal e submissa, sem necessidade de elevada participação ativa em meios profissionalizantes lucrativos.

Foi com a compreensão supracitada, que muitas congregações religiosas para mulheres no Brasil se perfizeram ao oferecerem uma formação educacional catequética, que incluíram a instrução (ALGRANDI, 1993) como tentativa de afastar os ares pecaminosos da modernidade do universo feminino, expresso em sentido transformador de "Eva para Virgem Maria".

Com isso, para o curto período das noviças, similar a um estágio, precisavam-se dos conhecimentos elementares

de uma instrução, devido à rotina do Noviciado, como exigir as leituras das orações e cânticos de devoção.

Imagem 32 – Capela pertencente à Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus

Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2018.

O primeiro bloco da estrutura (Imagem 32) é a Capela de Santa Teresinha, local onde são realizadas as cerimônias dos votos religiosos das noviças. Esse equivale ao "[...] estágio de freiras" (DONÊTA, 24/11/2017), que com o passar do tempo de adaptação, firmam seus votos na cerimônia considerada como "Casamento com Cristo" (Imagens 29 e 30). Foi na Capela Santa Teresinha que a biografada professou seus votos em 1966.

Imagem 33 – Cerimônia do "Casamento com Cristo" (Início)

Fonte: Arquivo Pessoal da Biografada, 1966.

Na Cerimônia do "Casamento com Cristo", a noviça entrava na igreja no início do ritual religioso, acompanhada de alguma das religiosas consagradas. Para a apresentação da "noiva de Cristo", ela tinha que estar disposta a professar os votos religiosos de acordo com o regimento da Congregação. No caso de Donêta, a proclamação dos votos e a celebração do seu "Casamento com Cristo" foram realizadas na Capela de Santa Teresinha (Imagem 33), em 1966.

Vejamos que os paramentos mantinham o rigor de um casamento tradicional: a noiva, com vestido longo e branco, e na cabeça, a grinalda e o véu. Logo, a noviça permanecia com a vestimenta durante toda a missa celebrativa até afirmar os votos diante das pessoas presentes ao evento. A seguir, mudava a roupa para o hábito religioso, vestimenta a ser utilizada diariamente a partir de então (Imagem 34).

Imagem 34 – Cerimônia do Casamento com Cristo (Final)

Fonte: Arquivo Pessoal da Biografada, 1966.

Com vestidos longos e cabelos cobertos, a vestimenta chamada "hábito" não deixava aparecer as marcas do corpo feminino. Sinalizava que seu corpo deixava de pertencer a ela e passaria a pertencer ao Divino. Portanto, a expressão

"Casamento com Cristo" significava que as mulheres deixariam de se casar com os homens, convenção tradicional, para tornarem-se esposas do Divino; imaculadas, puras e leais aos Seus mandamentos.

A população denominava os membros da instituição como "[...] religiosas e educadoras, para as quais se ensejavam respeito e admiração. Essas religiosas plantaram na cidade do Crato a semente do Magistério, que brotaria mais tarde como provocativo da revolução educacional no setor feminino do Crato e de toda vizinhança", algo apresentado pela Revista Itaytera (MONTENEGRO, 1993, p. 92), em relação ao contexto sócio educacional do Crato.

Com o cenário social cratense desafiador, o bispo Dom Quintino, além de criar a Congregação Filhas de Santa Teresa de Jesus, em 1923, instaura, no mesmo ano, o Colégio Santa Teresa de Jesus, com os princípios de formação educacional exclusivamente feminina, que possuía o sistema de internato e, em pouco tempo de atuação, conseguiria alcançar o nível equiparado à Escola Normal Justiniano Serpa – Escola Normal do Estado, pela Lei nº 2.332/1925.

Stephanou e Bastos (2011) explicam que no momento das primeiras décadas do século XX, a Igreja implementava ações de reestruturação de suas dioceses equivalentes às circunscrições do Estado político: cada unidade federativa do Brasil possuía no mínimo uma Diocese da Igreja Católica. Logo, o crescimento das ações eclesiásticas era expressivo, sendo no Crato ampliado através das instituições educacionais.

Por isso, no percurso de atuação histórica da Congregação Filhas de Santa Teresa de Jesus, reconhecemos a relação da instituição com a Educação para além do Colégio Santa Teresa de Jesus em Crato. Impetravam-se nos aspectos interiores para a contínua profetização, interferindo na

educação feminina, com direção para os lares e famílias, fundamentadas na "[...] clareza do seu carisma: Fraternidade, Oração e Missão Profética" e na "[...] volta das irmãs às escolas, encontrando nelas espaço de evangelização e promoção humana.". (*Revista Voz do Santa Teresa*, 2003, p. 9). Enfim, a Educação como eixo medular, que promovia o desenvolvimento desde o progresso das ações da cultura sócio religiosa.

A sociedade cratense adentrava as primeiras décadas século XX com ares republicanos de progresso e refinamento social, empreendidos pela moralidade e civilidade pregada pela Igreja Católica (PINHEIRO, 1950). Com esse ideário de remodelagem social, a Educação passou a configurar um ponto de visibilidade para a sociedade.

Discorrer sobre a formação educacional feminina na cidade do Crato é perceber as contribuições que sinalizaram sobre a outra face da história educacional da região, promovida na interface com a religiosidade, como foi o caso da trajetória de formação e atuação educacional de Donêta.

Com pretensão de estabelecer o panorama que inicialmente rompeu com a postura sócio educacional feminina comumente encontrada no município do Crato até as primeiras décadas do século XX, que não destoava das outras cidades interioranas do sertão, com a educação de meninas e mulheres que ficava à mercê do ensino de primeiras letras, bastando o ensino em casa particulares e nas Casas de Caridade do Pe. Ibiapina (*Revista Itaytera*, 1993), as Congregações possibilitaram uma educação intelectual mais ampla.

Em outras situações também existiam as jovens mulheres que perfilavam na busca por uma formação educacional graduada, sendo essas favorecidas pelo investimento de seus familiares com situações economicamente mais favoráveis, no Crato; no entanto, esses casos eram minoria

pelo fato de o poder aquisitivo estar concentrado nas mãos de poucas famílias. Com isso, citamos a de Amélia Pedroso Bembem, "[...] a primeira médica do Ceará e a segunda do Brasil", que chegou a se formar em Medicina na Bahia, em 1891 (BORGES, 1995, p. 278).

O mesmo ocorria na educação masculina, pois antes da instalação do Seminário São José (1875) os rapazes viajavam do Crato para dar continuidade aos estudos nas capitais do Nordeste. Contudo, somente aqueles de famílias abastadas abastardas conseguiam tal migração. Apenas com a atuação da Diocese do Crato, chegava à Educação em níveis mais altos para rapazes pobres, em face da "[...] reconversão dos brasileiros à fé católica.". (STEPHANOU; BASTOS, 2011, p. 79).

Tomamos como exemplo o percurso de vida de Donêta, que precisou mudar-se de sua residência de Mauriti – cidade considerada predominantemente rural, para o Crato – cidade desenvolvida, a fim de preencher requisitos e dar continuidade à escolaridade para obter a formação religiosa (FERNANDES, 2004). No entanto, não era filha de família rica e não podia galgar ampliação da escolarização senão por meio do ingresso na vida religiosa, vinculando-se à Congregação de Santa Teresa.

Contudo, no cenário da dinâmica urbana progressista das primeiras décadas do século XX, a Educação assumida ou pelo Estado e/ou pela Igreja Católica faziam fortalecer, mesmo que de forma gradativa e lenta, as propostas educacionais com ações que ampliavam os caminhos de acesso à formação educacional feminina em níveis equiparados aos masculinos. Podemos encontrar essa perspectiva na Revista Itaytera, jornal local de grande circulação na região, e diz: "A Congregação e o Colégio Santa Teresa foram crescendo paulatinamente, equacionando o problema mais sério e urgen-

te do aprimoramento da educação da juventude feminina.". (MONTENEGRO, 1993, p. 92).

Tanto em Fortaleza, capital do estado, como no Crato, o intento do governo na instalação de grupos escolares e no fornecimento de subsídios para Escolas Reunidas e Isoladas (BARREIRA, 1949), não conseguia atingir seu objetivo. Em contrapartida, a Igreja Católica, concomitantemente com suas jurisdições eclesiásticas, estruturava, organizava e executava ações com propostas e planejamentos para a formação educacional em níveis mais altos. Entre as atividades pastorais apontadas por Dom Quintino, a Educação se tornava o eixo propulsor da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, com fins de orientação e parâmetro para os precedentes das ações educacionais-religiosas.

Por meio do Colégio Santa Teresa de Jesus, no Crato, desde as ações das religiosas, capacitavam-se mulheres profissionais do Magistério com habilidades consideradas exímias nos lares e nas famílias. As religiosas como agentes, que conviviam nas dependências e rotinas do Colégio Santa Teresa, demonstravam parecer vigilantes a cada passo das atividades pedagógicas e dos comportamentos das alunas.

O Colégio Santa Teresa de Jesus, até meados do século XX, foi um estabelecimento com estrutura e organização exclusivamente feminina para seu alunado. Sua grandiosa edificação, construída em boa localização no centro da cidade do Crato (Imagem 35), visivelmente destacava elegância e poder na sua fachada, na qual as linhas pareciam em perfeito rigor quanto à metrificação, com variadas salas internas que se constituíam um convite para atender a numerosas alunas das classes mais abastadas, que ostentavam o privilégio de frequentar tal instituição educacional.

Imagem 35 – Colégio Santa Teresa de Jesus

Fonte: Acervo daAutora,2018.

É no contexto do Colégio Santa Teresa de Jesus, que Donêta começa a atuar na área da Educação, especificamente, em 1973. O seu retorno ao Crato ocorreu com a convocação da Madre Superiora para que ela deixasse de atuar como enfermeira no Hospital Geral de Iguatu-CE, para suprir a demanda no âmbito educacional. Em seguida, a mesma a convoca para lhe comunicar sobre a necessidade desta para diversas funções na Educação e a transfere para a "Casa Mãe" e, consequentemente, para as atividades no Colégio Santa Teresa de Jesus.

Com a chegada de Donêta na instituição, direcionou-se para a matrícula no Curso Pedagógico no Colégio Estadual Wilson Gonçalves e, no contra turno das aulas, ficava auxiliando na venda de livros na portaria da instituição, seguido de um trabalho técnico no âmbito da secretaria. Mas com a sua conclusão do Pedagógico, Donêta é encaminhada para auxiliar, como professora, na Escola de Aplicação – essa

com o sentido de educandário, servia como um local de estágio para as alunas do curso Normal do Colégio Santa Teresa de Jesus:

> Quando as meninas terminavam o Pedagógico, porque no Colégio Santa Teresa tinha uma Escola de Aplicação, que as meninas estagiavam o ano todinho, e independente (sic) da classe social, só fazia o terceiro lá se fosse dar aula aos meninos pobres à tarde, porque eram meninos que sobravam do Estado, eles não podiam entrar no Estado porque não podiam pagar, não tinham documento, registros, não podiam comprar fardas e sapatos, e a gente pegava esses meninos para as meninas darem aula. Elas precisavam treinar e era uma oportunidade para elas darem aula. As meninas passavam um mês na sala de aula, um mês na disciplina, um mês na secretaria, um mês na direção, um mês na copa lavando até os copos de plásticos, um mês na cozinha, fazendo comida, um mês na supervisão das outras colegas, e quando terminavam o terceiro pedagógico estavam prontas. E essa escola só acabou por causa da Universidade Regional do Cariri-URCA. Quem fechou nossa escola foi a URCA, pois, as pessoas começaram a visar o vestibular, a licenciatura. Eu acho que o Pedagógico nunca deveria ter acabado, pois preparava a mulher para ser mãe, a gente estudava Psicologia, Pedagogia, ensinava a lidar com gente. Eu acho que o curso preparava bem melhor para ser mãe. (DONÊTA, 24/11/2017).

Destarte e em resumo, Donêta atuava como professora na Escola de Aplicação, ou seja, acompanhava as estudantes do Curso Normal nos afazeres práticos do currículo e assistia os alunos carentes da cidade na Escola de Aplicação do Colégio Santa Teresa de Jesus. Segundo a biografada, as atividades das alunas do curso Normal Pedagógico do Colégio Santa Teresa de Jesus mantinham a rotinas das aulas teóricas na instituição em um turno; o contra turno ficava dividido entre a docência, como estágio na Escola de Aplicação, e nas atividades da Cozinha e Administração Escolar.

Donêta explica a importância da Escola de Aplicação para a formação das normalistas; era lecionando que as alunas do Curso Normal treinavam, no contexto da escola, o exercício da docência, além de praticarem a aprendizagem dos saberes domésticos e fortalecerem o gosto pelas atividades do lar a serem desenvolvidas no seio familiar. Jane Soares de Almeida (1998) assevera que o magistério feminino apontava:

> Para as mulheres, educar-se e instruir-se, mais do que nunca, representavam a forma de quebrar os grilhões domésticos e conquistar uma parcela no espaço público. Para isso, procuravam mediante o conhecimento e o trabalho, adequar-se as normas sociais e ao mundo novo que se descortinava e principiava a selecionar os mais preparados. Possuidoras de saberes domésticos e privados sobre o mundo dos homens, desejavam o saber público, mesmo derivado do saber masculino e referendado com seu selo oficial. Esse saber público tornava-se a via de acesso ao poder e era passível de confronto com os sistemas de desigualdades e de opressão. (ALMEIDA, 1998, p. 38)

A conquista do acesso à educação feminina, todavia persistia como uma problemática na década de 1970, no Crato, pois ainda que houvessem instituições especificas com essa finalidade, elas eram segregacionistas e conservadoras da ordem social que subjugava o feminino ao masculino.

As alunas da Escola de Aplicação que eram pobres, que ficavam a serviço da Igreja Católica ao invés do poder público do Estado, viam na Escola de Aplicação a única forma de alcançarem boa escolaridade. No entanto, elas eram as cobaias das moças mais abastadas que cursavam a Escola Normal. Inclusive, não era diferente do que ocorria no Colégio Imaculada Conceição, na capital cearense, onde as alunas não costumavam se misturar e possuíam um currículo diferenciado. Boa parte das alunas da Escola Normal provi-

nha da elite e elas eram educadas para um bom casamento, enquanto as alunas da Escola de Aplicação provinham das classes menos favorecidas e chegavam até a trabalhar de domésticas nas casas da elite local.

Portanto, no contexto de formação educacional cratense, com as obras da Igreja Católica, podemos deduzir que sua influência recaiu numa perspectiva luso-romana brasileira de Educação, ao se conferir um estilo hierárquico de fundação das instituições confessionais, principalmente, a feminina, de Roma. Para exemplificarmos a dedução, vejamos a formação de Donêta, ao aportamos o período do contexto experienciado no Colégio Imaculada Conceição, em Fortaleza, que em mãos das religiosas francesas era formada à luz da obediência e premissas europeias-romanas a serem influenciadas no âmbito sócio educacional brasileiro. A formação educacional no panorama da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus ergueu-se sobre os pilares idealizados por Dom Quintino, com visões que enfocavam a realidade luso-romana no Brasil, adaptada ao contexto cratense.

Podemos afirmar que a formação no Colégio Santa Teresa de Jesus, no período de preparação de Donêta, possibilitava a profissionalização feminina para o Magistério, mas sublimava outras profissionalizações. Vale ressaltar que a biografada inicia sua docência-regente em salas da Escola de Aplicação, com o tratamento do "servir aos pobres", pois o público da referida instituição era formado por alunos carentes e, em alguns casos, em situação em orfandade. Em relação extensiva às religiosas e às estudantes do Curso Normal, no Colégio Santa Teresa de Jesus, com vínculo com a Escola de Aplicação:

> Quem ia dar aula pra (sic) eles eram as professoras do terceiro pedagógico. Não só dar aula- quem fazia o pedagógico lá ficava preparada. Por quê? Passava um mês na direto-

> ria da escolinha, um mês na secretaria, não tinha tesouraria não, que (sic) não tinha taxa nenhuma, um mês na merenda escolar, um mês na cozinha, um mês fazendo a merenda e outro mês na copa lavando os pratos e os copos e a gente conseguia uma parte da merenda com a prefeitura e outra parte elas faziam até campanha na rua porque às vezes só tinha farinha de milho – Não tinha outra coisa. Elas faziam campanha pra (sic) comprar uma coisa lá, para comprar um leite, uma carne, alguma coisa. Só que depois de algum tempo foi que a merenda escolar melhorou. (DONÊTA, 18/11/2018).

Todas as atividades elencadas por Donêta na citação acima faziam parte do período do Curso Normal, o Pedagógico para ensino nos anos iniciais da Educação. Ela menciona sobre a estrutura do Curso Pedagógico que

> No Colégio Santa Tereza eram os três anos pedagógicos, e começava no primeiro Normal. O Científico, no tempo, só quem mais estudava eram os homens no Colégio Diocesano, e no Colégio Santa Tereza, eram as mulheres. Depois passou a ser misto e as mulheres começaram a fazer o Científico, mas só iam para o Científico quem queria fazer o vestibular para não ser professor, sem ser Educação. Para quem queria ir para Educação, faziam (sic) o Pedagógico mesmo, como as primeiras professoras do Crato. Terminavam a 8ª série e ingressavam no primeiro Normal, e no segundo Normal já faziam o estágio de observação nas salas das professoras, de manhã. Ao invés de assistirem aula a manhã todinha, as aulas eram divididas: a metade do tempo da manhã assistia (sic) aula e nas a outras, faziam a observação em todas as salas e séries, – isso era a Escola de Aplicação. Eu acho que a única Escola de Aplicação no interior foi no Crato, mas na década de 90 a URCA[29] criou uma Escola de Aplicação. O Colégio Santa Tereza já tinha um renome como referência no ensino pedagógico. (DONÊTA, 24/11/2017).

[29] Sigla que identifica a Universidade Regional do Cariri – URCA (Nota dos Autores).

Devemos observar, com a menção de Donêta sobre o "renome como referência no ensino pedagógico", que nas entrelinhas do seu discurso, a Educação como um parâmetro social vai sendo absorvida pela sociedade como valorativo a partir do momento em que ela responde aos seus anseios. Por meio de suas ações pedagógicas, o subsídio dos seus elementos (estabelecimento físico, professorado, normas e ditames, regimento, organização e estrutura, dentre outros), funciona como aparato fortalecedor do caráter institucional perante a sociedade cratense. Decerto, tudo pensado e planejado para atender aos anseios da elite, bem como assistir caritativamente os pobres.

As referências dadas como "renome" às instituições escolares equivalem ao seu significado e expressividade nas dimensões do período educativo para a sociedade, ou seja, instituição renomada seria o mesmo que instituição de prestígio social, reconhecida pelas elites como qualificada. E para se manter como referência para a Educação cratense, eram necessárias boas educadoras que fossem bem formadas, como é o caso de Donêta – que sempre foi dedicada, obediente e cuidadosa em seus préstimos à Igreja, seja como missionária no interior, seja como enfermeira ou como educadora; sempre atendendo ao chamado e à necessidade imposta pela Congregação. Fruto de tal dedicação lhe rendeu, por exemplo, da turma do Curso Pedagógico, uma homenagem (Imagem 36):

Imagem 36 – Homenagem da Sexagésima Turma de Formandas a Francisca Donêta (1991)

Fonte: Arquivo Pessoal da Biografada, 1991.

No período da homenagem, Donêta estava de maneira oficial como tesoureira na instituição, porém, não estava impedida de exercer outras funções correlatadas às suas funções e formação. Então, afirmava que no Colégio Santa Teresa de Jesus, as religiosas eram constantemente inseridas nas dependências funcionais da instituição com a finalidade de atender às exigências e ao acompanhamento

de alguma necessidade institucional. Mesmo estando em registro funcional com as funções de professora, secretária, tesoureira e diretora, intercalava-as.

Outra expressão honrosa de agradecimento, mas sem registro material, está contida apenas na memória da biografada, que o narra ao relembrar um encontro com ex-Reitor da Universidade Regional do Cariri. Menciona, emocionada, suas palavras de gratidão:

> Eu fui lá fazer uma visita com uma pessoa daqui uma pessoa que era irmã de um ex-colega dele. Não foi de faculdade porque o irmão dela é médico e ele não é médico, mas parece que foi no Colégio Diocesano, onde eles fizeram o Ensino Médio – foram colegas. Fui agradecer ao professor Plácido por ter nos recebido, quando eu saí fui agradecer a ele dizendo que foi um prazer, e disse: "eu que digo que foi um prazer falar com você pessoalmente assim, e, para aproveitar a oportunidade, quero lhe agradecer pela contribuição que você deu para Educação, não só do Cariri, mas da nossa região todinha porque aqui estudavam pessoas de várias cidades, como as minhas irmãs que vinham de Várzea Alegre." (DONÊTA, 18/11/2018).

Donêta, no ano de 1992, possuía o diploma de Licenciatura em Pedagogia e Pós-Graduação em Orientação Educacional, e assim, com um perfil qualificado e boa reputação, portanto, estava ausente de contestação para assumir a direção do Colégio Santa Teresa de Jesus, cargo de muito prestígio para a Congregação, mesmo com diversas funções, as atividades como religiosa e os estudos através de cursos de aperfeiçoamento e qualificações profissionais. Segundo Donêta, os cursos relacionavam o cotidiano escolar com as teorias e palestras às que tinha acesso durante os congressos e eventos educacionais, mesmo em várias funções no Colégio Santa Teresa, buscando se qualificar com os muitos cursos na área educacional.

Quadro 4 – Certificações de Qualificações Profissionais

Ano	Nome de Curso
1973	Curso de Alfabetização e Artes na Escola Primária
1974	Curso de Secretário de Estabelecimentos de Ensino de 1º e 2º Graus
1974	Datilografia
1980	X Congresso Eucarístico Nacional
1980	Legislação Trabalhista
1981	I Encontro de Educadores do Ceará
1982	III Congresso Cearense dos Estabelecimentos Particulares de Ensino
1982	I Encontro Pedagógico de Educadores
1983	Orientação para Aplicação do Método de Fonação Condicionada e Repetida
1984	Encontro Nacional de Especialistas Montessorianos
1984	Mecânica FIAT para Amadores
1984	Encontro Nacional de Especialistas Montessorianos
1985	1ª, 2ª, 3ª e 4ª Etapas do Curso: Método Montessoria – Teoria e Prática (1 a 6 anos)
1986	V Seminário de Orientação Educacional
1991	Formação Especializada em Psicomotricidade Relacional
1991	Encontro de Análise Corporal da Relação Fase Reabilitação
1991	Encontro de Análise Corporal da Relação Fase A
1992	Encontro de Análise Corporal da Relação Fase B Avançado (Casal)
1992	Encontro de Análise Corporal da Relação Fase B1
1992	Encontro de Análise Corporal da Relação Fase B
1992	Curso como Administração e Gerenciar Escola e Academia
1992	Curso de Capacitação Permanente do Magistério – Nível I
1993	Master em Programação Neuro Linguística – PNL
1993	Encontro de Análise Corporal da Relação Fase B Avançado
1993	Grafologia
1994	Curso Básico de Informática para Educadores
1998	I Encontro Pedagógico Regional do Ceará
1999	1º Fórum Nacional de Debates
1999	Encontro das Escolas da Congregação Teresiana
2000	I Encontro Regional de Marketing Católico da Região Nordeste
2001	Seminário da Revista da AEC
2002	XXI Encontro Nacional de Diretores
2004	53ª Conferência do Distrito 4490 do Rotary Internacional

Fonte: Elaboração da Autora.

Decerto, os cursos realizados por ela promoviam um novo olhar para implementações renvadoras no Colégio Santa Teresa de Jesus (Anexo A) quando afirmou que a instituição estava sendo pioneira em serviços laboratoriais de informática, oportunizando o acesso dos alunos e professores, com aulas pedagógicas utilizando o recurso como aparato adentro das disciplinas e integrando-a na grade curricular, assim, a ação da biografada procurava oferecer uma educação pedagógica com conhecimentos inovadores e vincular com o desenvolvimento social, superando os princípios religiosos primados pela instituição.

A atuação de Donêta nas dependências da instituição possuía dimensões no pedagógico e no administrativo, assim como outras religiosas da Congregação, que mantinham o poder de autoridade nas estruturas organizativas do Colégio Santa Teresa de Jesus. A respeito da situação exposta, encontramos registrada na obra *História e Memória de Tempos Felizes*, organizada por Eleonora de Albuquerque Batista, uma coletânea memorialística de ex-alunas, ex-professoras e religiosas que foram partícipes no Colégio Santa Teresa de Jesus, a maneira posicionada de cada indivíduo, entre religiosas e alunas.

Assim, no enredo do livro, encontramos a transcrição da Carta do Bispo Dom Quintino para a Madre Ana Couto, referenciando um ponto determinativo para a interferência das religiosas na "administração interna", reportando, de maneira direta, o critério para a nomeação das diretoras do estabelecimento educacional como específico: o carácter das religiosas consagradas da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus. Assim, em 1994, Donêta é nomeada diretora do Colégio Santa Teresa de Jesus (Imagem 37).

Imagem 37 – Ata de Nomeação da Diretoria do Colégio Santa Teresa de Jesus

CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE SANTA TERESA DE JESUS
C.G.C. 06.744.635/0001-80

CASA MÃE
Rua Dom Quintino, 835
Telefone: (085) 521-1500
63100 - Crato - Ceará - Brasil

CASA GERAL
Rua Madre Ana Couto, 157
Telefone: (085) 229.0435 - Messejana
60835 - Fortaleza - Ceará - Brasil

ATA DE NOMEAÇÃO DA DIRETORIA DO COLÉGIO SANTA TERESA DE JESUS - CRATO-CEARÁ

Aos cinco dias do mês de dezembro de mil novecentos e noventa e quatro, reuniu-se o Conselho Geral da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, sob a presidência da Superiora Geral - Irmã Aurélia Maria Gonçalves Grecy, para a nomeação da Diretoria do Colégio Santa Teresa de Jesus, pelo período de dois anos - 1994 a 1996, ficando assim constituída: DIRETORA - FRANCISCA DONETA LEITE, identidade 328.347 e CIC 045.696.603-04; TESOUREIRA - JURACY TOMAZ DE AQUINO, identidade - 370.729 e CIC 037.646.643-04; SECRETÁRIA - ANTÔNIA PEREIRA DA SILVA, identidade 884.904. A Diretoria exercerá as funções que lhe são atribuídas nos Estatutos da Instituição Mantenedora. E, para memória, eu, Irmã Iraides Holanda Lavor - SECRETÁRIA GERAL, lavrei a presente ATA.

Crato (CE), 05 de dezembro de 1994.

Irmã Iraides Holanda Lavor
Irmã Iraides Holanda Lavor - Secretária Geral

Irmã Aurélia Maria Gonçalves Grecy - Superiora Geral
Irmã Aurélia Maria Gonçalves Grecy - SUPERIORA GERAL

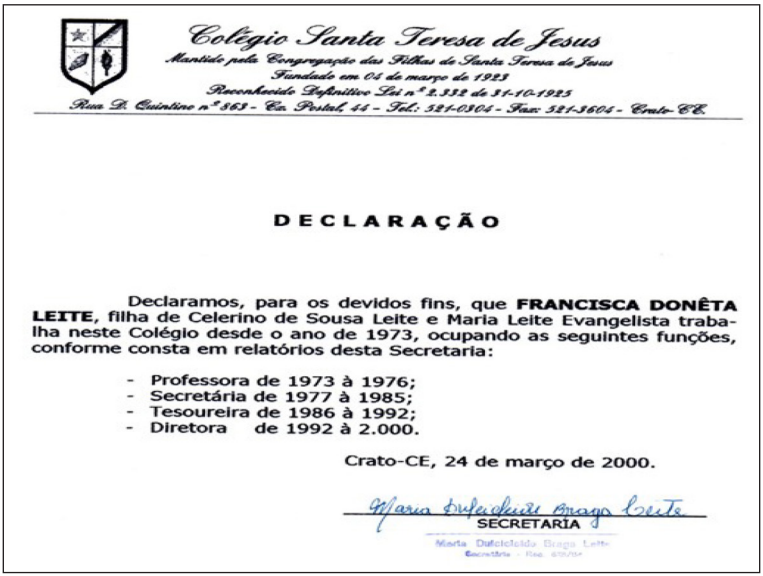
Reconheço a(s) Firma(s) sem valor econômico
Irmã Iraides Holanda Lavor
Irmã Aurélia Maria Gonçalves Grecy
da Verdade.
21 DEZ 1994

Fonte: Arquivo Pessoal da Biografada, 1994.

O documento, em forma de ata, estava sendo apresentado pela Madre Superiora da Congregação das Filhas de

Santa Teresa de Jesus, Irmã Aurélia Maria Gonçalves Grecy, e definia nominalmente a nova diretora, Francisca Donêta Leite. No mesmo texto do documento estava determinado o tempo dessa nova diretoria e prescrevia algo relevante para ser aplicado no Colégio Santa Teresa de Jesus: "A diretoria exercerá as funções que lhe são atribuídas nos estatutos da Instituição mantenedora", ou seja, o estatuto da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus. É interessante percebemos que a menção da nomeação, realizada em 1994, ao se referir ao Estatuto da Congregação, supõe que o regimento administrativo do Colégio Santa Teresa de Jesus ainda possuía o aspecto idealizado em sua fundação, ocorrida em 1923.

Imagem 38 – Declaração Funcional no Colégio Santa Teresa de Jesus



Colégio Santa Teresa de Jesus
Mantido pela Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus
Fundado em 04 de março de 1923
Reconhecido Definitivo Lei nº 2.332 de 31-10-1925
Rua D. Quintino nº 863 - Cx. Postal, 44 - Tel: 521-0304 - Fax: 521-3604 - Crato-CE.

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que **FRANCISCA DONÊTA LEITE**, filha de Celerino de Sousa Leite e Maria Leite Evangelista trabalha neste Colégio desde o ano de 1973, ocupando as seguintes funções, conforme consta em relatórios desta Secretaria:

- Professora de 1973 à 1976;
- Secretária de 1977 à 1985;
- Tesoureira de 1986 à 1992;
- Diretora de 1992 à 2.000.

Crato-CE, 24 de março de 2000.

SECRETARIA

Fonte: Arquivo Pessoal da Biografada, 2000.

Donêta, enquanto integrante do núcleo gestor do Colégio Santa Teresa de Jesus, relembra de alguns momentos

difíceis que o Colégio Santa Teresa passava diante da instalação da Faculdade de Filosofia, pois começava a perder uma parte do alunado que pedia transferência para a Escola de Aplicação/Colégio Madre Ana Couto, com oferta gratuita e acompanhamento pedagógico das formandas da faculdade. Ao fato, Donêta menciona como um momento de crise institucional no Colégio Santa Teresa:

> Quando acabou o Normal, porque as professoras do Santa Teresa todas foram ser professoras da URCA, que era ainda Faculdade de Filosofia do Crato, e na Faculdade de Filosofia, quando passou pra (sic) ser URCA, os professores já inventaram de fazer uma escola de aplicação na URCA com as mesmas professoras que eram do colégio, de graça. Resultado: os alunos não vieram mais pro (sic) Santa Teresa porque as orientadoras eram as mesmas do colégio e elas já iam fazer o primeiro ano de faculdade e foram fazer foi lá. (DONÊTA, 18/11/2018).

Pelo último tópico do assunto, relatado por Donêta, compreendemos que as alunas do Curso Normal, ensino ofertado desde o tempo de fundação do Colégio Santa Teresa de Jesus, começava a preterir a escolha em favor da Licenciatura em Pedagogia devido à instauração da Faculdade de Filosofia e inclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia em nível superior. Logo, algumas alunas, optando pelo Magistério, preferiam recorrer à graduação, fato que suprimia a oferta do Ensino Normal.

Podemos perceber que a primeira função (Imagem 38) recebida no campo educacional, foi no Colégio Santa Teresa de Jesus, em Crato-CE. Donêta começa exercendo a função de professora, auxiliando no processo de organização e funcionamento da Escola de Aplicação. A dinâmica com os alunos carentes favorecia o serviço social da Igreja Católica que Donêta frisou como importante para o período no Crato

devido ao crescente número de órfãos e mães solteiras que procuravam apoio nas dependências da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus.

As religiosas mantinham a obediência incondicional à Madre Superiora da Congregação, inclusive Donêta, ao relembrar sobre o tratamento direcionado ao acolhimento às crianças órfãs na instituição. A Madre Superiora determinava o cuidado e zelo para com essas que chegavam às dependências da Congregação como uma maneira de cultivar a prática da caridade entre as religiosas. E assim, a criança órfã bem cuidada pelas mãos das religiosas poderia ter melhores condições de vida, ou seja, ser adotada em um lar de família conhecida pelas religiosas. Por certo, as religiosas eram pessoas de confiança dessas mães solteiras que abandonavam seus filhos em suas mãos.

No entanto, do abandono de crianças deixadas nas mãos das religiosas da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, há um caso particular que mereceu destaque para a vida da biografada, que foi da criança chamada Carolina, entregue pela mãe para as religiosas com menos de um ano de idade, para ser encaminhada a alguma boa família da cidade.

Chamada atualmente de forma carinhosa por Donêta de Carol, essa criança, que no final da década de 1980 chega na Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, se torna a pupila dela. O esmero de Donêta era devido à frágil saúde da menina com relação ao período climático que vitimava as pessoas causando problemas respiratórios.

Donêta ainda possuía os conhecimentos e saberes das práticas de “auxiliar de enfermagem” e por isso foi encaminhada para o cuidado da Carol. A criança ficou nas dependências que pertenciam à Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, convivendo com as religiosas no intuito de

estabelecer sua saúde e assim ser destinada para adoção. Donêta afirmou que tinha como intento o dever de encaminhar Carol para adoção apenas estando realmente curada do seu problema de saúde, mas o intento diminuía ao passo que a vontade de Donêta de ser mãe aumentava.

Carol, enquanto criança, foi crescendo e convivendo como membro integrante da Congregação, cercada pelas paparicações das religiosas (Imagem 39). Recebeu o carinho e a atenção às suas necessidades e desenvolveu-se de forma saudável.

Imagem 39 – Carol, enquanto criança, aos cuidados de Donêta

Fonte: Arquivo Pessoal da Biografada, s/d.

Assim, com idade para ingressar na escola, começou a frequentar o Colégio Santa Teresa de Jesus. Anos mais tarde, a questão sobre a legalização da adoção de Carol seria necessária para preencher as normatizações da vida estudantil. Para tanto, essa relação foi motivo de preocupação para Donêta, que explica ter tomado a decisão para legalizar a adoção de Carol, somando-o ao fato do desejo incontido de ser mãe:

> Eu sabia que era proibido registrar Carol em meu nome, estava infringindo uma regra da Congregação, por isso eu guardava a sua pasta escolar muito bem escondida, para ninguém ver. As anotações e registros eu mesma cuidava em fazer e, prontamente, já escondia novamente para ninguém ver e saber que eu tinha registrado. Não foi fácil, foi um período difícil, que em confidência a meu irmão, ele passava toda segurança para mim dizendo que se acontecesse de eu sair da Congregação, ele me assumiria com a Carol. (DONÊTA, 20/12/2018).

A missão da adoção de Carol por Donêta, era compartilhado com poucas religiosas, pois o segredo mantido servia para que as outras pudessem auxiliar a condição da biografada, que já tinha criado um amor maternal pela criança. Carol crescia chamando Donêta de mãe e a biografada relembra com muito orgulho o fato de que Carol ficou com raiva de uma professora que estava fofocando sobre Donêta: "Carol dizia que não gostava dela porque ela estava falando de minha mãe, que sou eu.". (DONÊTA, 20/12/2018).

Contudo, com uma nova reestruturação do corpo administrativo da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, a nova Madre Superiora percebe a falta da pasta escolar da garota e recorre a Donêta para saber sobre a situação legal. A Madre Superiora, preocupada com a ausência de registro civil de Carol, fala para Donêta que, imediatamente, expõe o fato do registro e da adoção.

Mesmo com a exposição do fato sobre a adoção, Donêta ainda passou um ano como Diretora do Colégio Santa Teresa de Jesus e diz ter passado um período crítico com as mudanças que ocorriam na Congregação e com as legislações educacionais:

> Me desliguei do Colégio por causa do tempo, estava cansada, não aguentava mais e no último ano que fiquei lá aconteceu tudo que, em trinta anos nunca tinha ocorri-

> do, como exemplo posso dizer sobre a briga de duas alunas, foram as tapas mesmo, então, fui cumprir a norma da Escola que era dar a suspensão as alunas. As alunas escondidas foram no conselho tutelar e não me falaram nada, no outro dia, a aluna apareceu no Colégio e disse que ia assistir a aula porque estava com a declaração do Conselho Tutelar autorizando-a a frequentar a aula normalmente, ou seja, a minha suspenção não valeu nada, foi uma desmoralização para mim. Outro caso diz respeito a uma reprovação, já tínhamos feito tudo, encerrado o ano letivo, mas aí o aluno foi orientado por alguém que não podia ser reprovação, tivemos que passar um mês, aplicando provo para o garoto. Ainda teve um outro caso de uma menina que estava de namoro com um viajante, a garota era adolescente e ficava ligando para o telefone desse namorado, um dia peguei a garota ligando e tomei o telefone dela, ameacei o cara dizendo que ia falar para os pais da garota, e a menina com raiva começou a se estapear e disse que ia ao Conselho Tutelar dizer que eu tinha estapeado ela, então, retruquei dizendo poder ir e que eu ia levar as testemunhas que tinham escutado as ameaças dela. Foi um ano complicado, não tinha quem aguentasse. Então, acabei pedindo desligamento do Colégio, mas continuei na Congregação, apenas com um ano depois foi que eu pedi a licença e, em seguida, pedi o desligamento também da Congregação, fui morar com minha família. Então, estávamos sem muito gosto com a nova Direção da Congregação, saímos em cinco religiosas, eu fui a única que pedi para sair, as outras religiosas foram expulsas. (DONÊTA, 20/12/2018).

Ao pedir o desligamento da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, assume a vida civil e se afasta das normas que por mais de quarenta anos regeu seus hábitos e costumes, subserviente à hierarquia da Madre Superiora. Era o momento em face do planejamento e orientação de si, cujas dimensões a partir do momento "[...] comandava seu cotidiano." ((DONÊTA, 20/12/2018)

Assim, longe dos holofotes que significavam o prestígio do cargo de diretora do Colégio Santa Teresa de Jesus para a sociedade cratense, Donêta se afastava do âmbito da Congregação. Passou a morar em um apartamento no centro da cidade do Crato porque tinha que continuar com seu outro vínculo trabalhista na área educacional, o de professora estatutária da Secretaria Estadual do Ceará – SEDUC. O tempo de trabalho, após o fato do desligamento da Congregação, com atuação apenas na Secretaria Estadual de Educação foi bastante curto. Ela tinha interesse em fixar moradia em Fortaleza para dar suporte a Carol, pois a garota já se encontrava na fase da adolescência e morando na referida cidade (Imagem 40).

Imagem 40 – Donêta, após o rompimento com a vida religiosa, ao lado de sua filha Carol

Fonte: Arquivo pessoal da biografada, s/d.

A transferência do trabalho da SEDUC de Crato para Fortaleza foi uma boa opção, pois essa oportunidade apre-

sentava um certo distanciamento da sala de aula. Ela achava não possuir mais condições físicas e psicológicas para lecionar. Afinal, trabalhara na Educação por mais de três décadas e os últimos eventos que envolviam a indisciplina entre os alunos no Colégio Santa Teresa de Jesus foram capazes de deixar marcas em si e receio de enfrentá-los novamente.

7 ÚLTIMAS PALAVRAS

"Não basta ter sido professora para nunca deixar de ser, imagina ter sido freira..."

(Donêta)

A epígrafe é referente a um trecho de um dos relatos de Donêta durante as primeiras entrevistas, retomamos essa narrativa porque ela explica que o quão intensa é experiência de ser freira e, consecutivamente, da formação religiosa na biografia de uma mulher. Apesar de ter deixado de exercer a docência, ainda carrega as marcas da atuação profissional como professora, e o mesmo, ainda de maneira mais pulsante, ocorre com a vida religiosa, pois mesmo não sendo mais freira, as vivencias experienciadas e as lembranças trazidas à tona perpetuam não apenas durante a formação, mas no transcurso de toda a sua vida.

Essas percepções de mulher educadora e freira, entre os hábitos e costumes apreendidos, influenciaram sua formação educacional, cultural, social e política, pois refletem-se em processos de sociabilidade tangenciados pela disciplina do corpo e da mente. Todavia, a biografada não percebia o quanto a suas reflexões, crenças e atitudes coadunavam com a compreensão das dimensões sócio culturais do que se esperavam da formação do "ser" mulher para a sociedade cearense.

Apenas após deixar de ser freira, Donêta foi paulatinamente problematizando determinações religiosas que tolhiam a liberdade feminina e impediam, por exemplo, das freiras assumirem a maternidade, ainda que crianças órfãs. Após a sua ruptura com a vida de freira, assume outra posição de mulher, permitindo-se viver a experiencia maternal e familiar de maneira regularizada por lei de adoção, e constrói a sua família quando assume o registro civil de uma criança que estava sob a sua tutela há tempos de maneira informal.

Destaca-se, todavia, que o objetivo dessa obra foi compreender a história de vida de Donêta, com ênfase na sua formação educacional e atuação na Educação como profissional, considerando os aspectos individuais e coletivos de uma mulher que foi religiosa e professora, direcionada para prosseguir com a linearidade dos princípios hegemônicos conservadores e religiosos existentes no espaço citadino. Afinal, para as freiras, era importante um comportamento mariano, baseado na subserviência, discrição, dedicação ao próximo e abdicação dos "pecados" mundanos.

A memória oralizada pela biografada a partir de suas lembranças, serviu-nos como reflexões para compreender suas experiências de formação e atuação como sujeito histórico. Os elementos subscritos na sua história, refletiu não apenas um processo formativo educacional feminino individual, mas permitiu compreender o percurso de inúmeras outras mulheres que seguiram a vida religiosa, pois lançou lume a convergências e controvérsias inerentes à realidade histórica da educação no Brasil. Isso porque a história dos indivíduos não pertence só a um passado isolado, pois contribuem para o processo do momento presente, interagem com a Memória Individual e Coletiva (HALBWACHS, 2006).

As evidências para tecer a narrativa biográfica emergiram da memória de Donêta, que demonstrou esforço para prosseguir nos seus estudos, o que permitiu a profissiona-

lização na docência, sendo esta a única forma para conseguir sua autonomia financeira e superar os mecanismos de controle religiosos que relegavam à mulher freira a segundo lugar de importância, se compara aos homens, determinando costumes e crenças de submissão assumidas no ingresso da vida religiosa.

A trajetória de Donêta permitiu compreender como se deu a formação educacional no âmbito religioso, sua atuação profissional e a mudança de identidade para Irmã Vicentina, na condição de freira. Bem como os percalços enfrentados após a sua saída da Congregação e a retomada de sua primeira identidade: Dôneta. Percebemos que a tomada de decisão por deixar a vida religiosa decorreu da satisfação com a maternidade e o desejo pessoal de assumir uma criança oficialmente como sua filha. Donêta queria o melhor para a criança, sua filha, que sofria restrições por ser órfã e que ao ser adotada teria oficialmente a referência de mãe.

Cada capítulo do livro, na parte biográfica, considerou como evidência a intensidades das "rupturas", a saber: 1) quando decide ingressar na vida consagrada, no início da sua juventude, ainda como Donêta, tendo com um dos motivos para essa decisão não se submeter ao casamento arranjado. Fato que era comum em sua época e no âmbito sócio familiar no qual se inseria; 2) Após anos de dedicação à vida religiosa, o que lhe confere destaque na sociedade cratense, rompe com a Congregação e adota uma criança. Donêta foi capaz de contradizer e/ou afirmar situações experienciadas em face à sociedade machista e preconceituosa cratense. Situações vivenciadas também por outras mulheres que não se submetiam aos casamentos arranjados ou que tiveram que passar toda uma vida dedica quase que exclusivamente as atividades religiosas abdicando de outros papéis sociais, como ser esposa, dona de casa e mãe.

Foi constatado que Donêta, no pouco tempo em que passou nas instituições educacionais, entre as várias cidades que passou, aprendeu a circular pelo mundo e questionar as relações de trabalho impostas ao feminino, especialmente às mulheres freiras. Sua profissionalização contribuiu para que exercesse as atividades escolares e extraescolares, ampliando suas relações interpessoais e o contato com as múltiplas maneiras de ler o mundo.

Toda educação e atuação profissional de Donêta foi permeada pela educação religiosa, tanto nas escolas onde estudou como nas quais trabalhou. A atuação de Donêta no Colégio Santa Teresa de Jesus reflete uma formação feminina voltada exclusivamente para o duplo destino feminino mais aceito pela sociedade: formar moças para seguir a vida religiosa ou galgar bom casamento, neste caso, com rapazes de famílias abastadas financeiramente. O modelo social feminino, de mulher submissa e subserviente, à luz de Maria Madalena, preponderava em ambos os casos.

Nesse entendimento, as demais instituições pertencentes à Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus primavam pelo mesmo requisito, compor o quadro de docentes preferencialmente por mulheres religiosas e a direção ser exclusiva das freiras, a exemplo do Colégio Santa Teresa de Jesus. Não tão diferente, foi o Colégio Madre Ana Couto, no qual a direção seguiu, em sua maior parte, administrativa e gerida pelas religiosas da referida Congregação.

Portanto, a biografia de Francisca Donêta Leite nos permitiu visualizar e discutir o contexto social e educacional de sua época, especialmente no que diz respeito à influência da Igreja Católica na educação feminina na cidade do Crato e as nuances que permearam e influenciaram a estrutura educacional do seu tempo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: PINSKY, C. B. (Org.) *Fontes Históricas.* São Paulo: Contexto, 2015.

ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas:* mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudoeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro: José Olímpio, Brasília: Edunb, 1993.

ALMEIDA, Jane Soares de. Ler as letras: por que educar meninas e mulheres? São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: Autores Associados, 2007. https://doi.org/10.11606/d.6.2007.tde-20032008-095247

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e Educação*: a paixão pelo possível. São Paulo: UNESP, 1998.

ALVES, Joaquim. O Vale do Cariri. *Revista do Instituto Cultural do Cariri*, Crato, p 30-35, 1946.

ARIÈS, Philippe. *História social da infância e da família*. Trad.: Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARREIRA, Américo. *A escola primária no Ceará:* Ensaio Sócio-pedagógico. Fortaleza: Edições Clã, 1949.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Cangaço – Violência no Sertão do Nordeste. *Ponta de Lança*, São Cristóvão, v. 12, n. 22, jan./jun., 2018. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/9317. Acesso em: 29 set. 2018.

BATISTA, Eleonora de Albuquerque. *História e memória de tempos felizes*. 2. ed. Crato: Editora A Província. 2018

BERGSON, Henry. *Matéria e memória*: ensaio sobre o corpo e o espírito. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1990.

BORGES, Raimundo de Oliveira. *O Crato Intelectual*: Dados Bio-bibliográficos. Crato: ICC, 1995.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Lei nº 8.529, de 2 de janeiro de 1946. *Lei Orgânica do Ensino Primário*. Brasília: Presidência da república, 1946. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleі/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 23 set 2017

BRASIL. Lei n. 4.244 – de 9 de abril de 1942. *Lei Orgânica do Ensino Secundário*. Brasília: Presidência da república, 1942. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleі/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em 23 set. 2017.

BRASIL. Lei nº. 1.953, de 02/08/1922. *Dispõe sobre a Instrucção Publica do Estado*. Coleção de Leis do Estado. Brasília: Presidência da República, 1922. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/historia_da_educacao/leis_de_reforma_da_educacao_do_ceara.pdf. Acesso em: 22 nov. 2017.

BRITO, Rocélino. *Da criação do Colégio Estadual Wilson Gonçalves.* Revista A Província, Crato, n. 08, p. 111, dez. 1994.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989)*: A revolução francesa da historiografia. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2010.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Trad. Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

BURKE, Peter *A escrita da História, novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 2011.

BENEDETTO, Thereza Rosa. Eclesialidade da vida consagrada. *Revista Teocomunicação,* Porto Alegre. v. 35. n 148, p. 319-

327, jun. 2005. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/25532315.pdf. Acesso em: 01 ago. 2018.

CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. *Revista Educação & Sociedade*, n. 67, ago., 1999.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*: entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira*: República – memórias (1889-1950). Rio de Janeiro: Le Ya, 2017.

DELFINO, Leonara Lacerda. Sob a unção dos Santos Óleos: significados do parentesco fictício na Freguesia de São Bom Jesus dos Mártires de Pouso Alegre – MG (século XIX). *Revista de História e Estudos Culturais: Fênix*, v. 9, ano IX, n. 2. mai./ago. 2012. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/vol29leonara.php. Acesso em: 02 nov. 2017.

DELPHY, Cristine. "Patriarcado (teorias do)". *In:* HIRATA, Helena *et al* (orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo, Editora UNESP, 2009.

DOSSE, François. *A História em migalhas*: dos Annales à Nova História. Trad. Dulce da Silva Ramos. Campinas: Universidade de Campinas, 1992.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico*: Escrever uma Vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do Sertão Nordestino. *In:* DEL PRIORE, Mary. *Histórias das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

FERNANDES, Silvia Regina Alves. *Ser padre pra ser santo; Ser freira pra servir:* a construção social da vocação religiosa uma análise comparativa entre rapazes e moças no Rio de Janeiro. 2004. 154f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

FERNANDES, Silvia Regina Alves. Entre tensões e escolhas, um olhar sociológico sobre jovens na vida religiosa. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 26, n. 3. p. 663-683, set./dez. 2011.

FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FERREIRA, Norma Sandra A. As pesquisas denominadas "estado da arte". *Educação & Sociedade*, São Paulo, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FLORENCIO, Lourdes Rafaella Santos. *Fundação da Faculdade de Filosofia do Crato – FFC:* Representações sobre a interiorização do Ensino Superior. 2012. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. Maria Neli Sobreira: História e Memória da Educação. *Educar em Revista,* Curitiba, v. 34, n. 70, p. 67-84. jul./ago., 2018.

FIALHO, Lia Machado Fiuza. *A vida de jovens infratores privados de liberdade*. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & senzala*. São Paulo: Global Editora, 2006.

GOMES, H. S.R. *Um estudo sobre o significado da família.* 1987. 205f. Tese (Doutorado e Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

LEITE, Francisca Donêta. *Entrevista concedida a Antoniele Silvana de Melo Souza*. Fortaleza, 21 jul. 2017. Duração: 2h 14min.

LEITE, Francisca Donêta. *Entrevista concedida a Antoniele Silvana de Melo Souza*. Fortaleza, 24 nov. 2017. Duração: 1h 55min.

LEITE, Francisca Donêta. *Entrevista concedida a Antoniele Silvana de Melo Souza*. Fortaleza, 08 mai. 2018. Duração: 1h 34min.

LEITE, Francisca Donêta. *Entrevista concedida a Antoniele Silvana de Melo Souza*. Fortaleza, 01 set. 2018. Duração: 1h 25min.

LEITE, Francisca Donêta. *Entrevista concedida a Antoniele Silvana de Melo Souza*. Fortaleza, 18 nov. 2018. Duração: 55min.

LEITE, Francisca Donêta. Colégio Santa Teresa de Jesus. Comemorativa aos 80 anos da Congregação das Filhas de Santa Teresa. Edição Especial. Crato, *Revista Voz Do Santa Teresa*, Crato, 2003.

LEVI, Giovanni, Sobre a micro – história. *In:* BURKE, Peter. *A escrita da História, novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 2011.

LEVI, Giovanni. Micro-História e história da imigração. *In:* VENDRAME, Maria Ines. *et al.* (Orgs). *Micro-história, trajetórias e migrações*. São Leopoldo: Oikos, 2015.

LE GOFF, Jacques. *Uma breve história da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIMA, Artur R de. *Tecendo fios da memória:* da cultura escolar às representações históricas da Escola Cenecista São José (1974-1999). 2015. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, 2015.

LOMBARDI, José Claudinei (Orgs.). *História da educação*: perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas: Autores Associados; HISTERDBR,1999.

LORIGA, Sabina. *O pequeno x*: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOPES, Tânia Maria Rodrigues. *Uma História de instituições escolares e formação de professoras no cariri (1923 a 1960):* o colégio Santa Teresa de Jesus e a Escola normal Rural de Juazeiro do Norte em Perspectiva Histórico-Comparada. 2015. 198f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

MACHADO, Charliton. José dos Santos. Zilda da Costa Mamede (1928-1985): passos de uma pesquisa biográfica. *In:* VASCONCELOS, José. Gerardo. (Org.). *Tempo, espaço e memória da educação*: pressupostos teóricos, metodológicos e seus objetos de estudo. Fortaleza: UFC, 2010. p. 114-126.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In: Sanfelice, José Luís; SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei (Orgs.). História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas, SP: Autores Associados; HISTERDBR, 1999.

MAURITI. Histórico do Município. Revista Mauriti em Destaque, 2011. Disponível em: http://mauritiemdestaque.blogspot.com/2014/11/mauritiense-e-destaque-emevento-para.html. Acesso em: 01 set. 2017.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabiola. *História oral*: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social:* Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de Formação e de Trans-formação. *In: NÓVOA, Antônio (org.). Vidas de Professores*. Portugal: Porto, 1992.

MONTENEGRO, Francisco. *Os quatros luzeiros da Diocese*: Dom Quintino, Dom Francisco, Dom Vicente e Dom Newton. Juazeiro do Norte: Gráfica Universitária, [s.d.].

MONTENEGRO, Mons. Francisco de Holanda. Conselheiro Horácio do C.E.E. *Revista Itaytera*, Crato, Instituto Cultural do Cariri, n. 37, 1993.

NORONHA, Isabelle de Luna Alencar. *Práticas educativas de normalistas no cariri cearense (1923 – 1971)*: cadernos Escolares – escritas femininas. 2015. 168f. Tese (Doutorado em História da Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

OZGA, Jenny; LAWN, Martin. O trabalho docente: interpretando o processo de trabalho do ensino. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, Pannonica, n. 4, p. 140-158, 1991.

PALHARI, Haquel Miriam de Lima; MACHADO, Charliton José dos Santos. Fios da memória. *In:* FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos;

SILVA, Josier Ferreira da; SANTANA, José Rogério (Orgs). *Pelos fios da memória*. Fortaleza: UFC, 2014.

PARENTE, Josênio. O Ceará e a modernidade *In:* PARENTE, Josêncio; ARRUDA, José Maria (Orgs.). *A era Jereissati*: modernidade e mito. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

PERICÁS, Luiz Bernardo. *Os cangaceiros*: ensaio de interpretação histórica. São Paulo: Boitempo, 2010.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Trad. Ângela M. S. Côrrea. 5. ed., *São Paulo: Contexto, 201*7.

PINHEIRO, Irineu. *O Cariri* (Seu descobrimento, povoamento, costumes). Fortaleza: Instituto do Ceará Histórico do Ceará, 1950.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080. Acesso em: 02 mai. 2017.

QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. *A história e memória da educação do Cariri Cearense na Revista Itaytera*. Circuitos

e Fronteira da História da Educação no Brasil, 2013. Disponível em: http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/03-%20FONTES%20E%20METODOS%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/A%20HISTORIA%20E%20MEMORIA%20DA%20EDUCACAO%20DO%20CARIRI%20CEARENSE%20NA%20REVISTA%20ITAYTERA.pdf. Acesso em: 02 dez. 2018.

RIGONATTI, Sergio Paulo; SERAFIM, Antonio de Pádua; BARROS Edgard Luiz de (orgs.). *Temas em psiquiatria forense e psicologia jurídica.* São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica, 2003.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; MARTINHO RODRIGUES, Rui (Org.). *História, literatura e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil (1930/1973)*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

ROMIO, Rita. Vida Religiosa consagrada feminina: "Levante-se!". *In:* SUSIN, Luiz Carlos. *Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação*: "Vejam que eu estou fazendo uma coisa nova!": Isaias 43:19. São Paulo: Paulinas, 2015.

SANTOS, Paula Cristiane de Lyra. *Católicos no Cariri*: embates em torno da formação cristã (1860-1965). 2010. 495f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

SAVIANI, Dermeval. *et al*. *O legado educacional do século XX no Brasil*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2014.

SAVIANI, Dermeval. *et al*. *Política e educação no Brasil*: o papel do Congresso Nacional na legislação de Ensino. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2015.

SILVA, Robson Carlos; MACHADO, Charliton José dos Santos. Memória e narrativas autobiográficas: Subsídios meto-

dológicos para pesquisas em história da educação. *In:* FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; CASTRO, Jéssyca Lages de Carvalho (Orgs.). *(Auto) Biografias e Formação Docente*. Fortaleza: EdUece, 2015.

SKIDMORE, Thomas. E. *Preto no branco*: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SLENES, Robert. *Na senzala, uma flor*. Esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX. Campinas: Unicamp, 2011.

SOUZA, Antoniele Silvana de Melo; ALVES, Francione Charapa. A feminilidade religiosa da cultura escolar em Crato-CE. *In: Ficção e Poder:* Oralidade, Imagem e Escrita. Fortaleza, 2017. Disponível em: http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1493936633_ARQUIVO_Afeminilidadereligiosadaculturaescolar.pdf. Acesso em: 12 nov. 2018.

STAMATTO, Maria Inês. Sucupira. *Um olhar na história:* a mulher na escola (Brasil: 1549 – 1910), 2002. Disponível em: https://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf. Acesso em: 01 dez. 2018.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs). H*istória e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2011.

THERRIEN, Jacques. A professora leiga e o saber social. *In:* GARCIA, Walter (Org.). *Professor leigo*: institucionalizar ou erradicar. São Paulo: Cortez, 1991.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*: história oral. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.

UCHÔA, Waldery. *Anuário do Ceará*. História do Ceará e dos Municípios. Fortaleza: s/n, 1953-1954.

URBIN, Carlos. *Admissão ao Ginásio.* Porto Alegre: WS Editor, 2011.

VATICAN. *Código de Direito Canônico*. Promulgado pelo Papa João Paulo II. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 1987. Disponível em: < https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf> Acesso em: 20 jun. 2018.

VATICAN. *Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica "Cor Orans* «. La Santa Sede. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccscrlife/documents/rc_con_ccscrlife_doc_20180401_cor-orans_sp.html#_ftn8. Acesso em: 04 jun. 2018.

VILAR, Regina Lúcia. Colégio Dom Bosco: Uma Educação com Amor. *Revista A Província*, n. 13, Crato, 1997.

DECLARAÇÃO DE REVISÃO DO VERNÁCULO

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado[1], foi procedida a correção gramatical e estilística do livro intitulado **Donêta Leite: biografia de uma educadora religiosa**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Ortográfico Lusófono, vigente desde 1º de janeiro de 2009.

Fortaleza-CE, 05 de agosto de 2021.

Yls Rabelo Câmara

DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO TÉCNICA

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a normalização técnica do livro intitulado **Donêta Leite: biografia de uma educadora religiosa**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Fortaleza-CE, 05 de agosto de 2021.

Yls Rabelo Câmara

[1] Profa. Dra. Líder do GE Filhas de Avalon – FECLESC/UECE

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

01. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente infrator no Brasil*: breve contextualização histórica. Fortaleza: EdUECE, 2014. 105 p. ISBN: 978-85-7826-199-3.
02. VASCONCELOS, José Gerardo. *O contexto autoritário no pós-1964*: novos e velhos atores na luta pela anistia. Fortaleza: EdUECE, 2014. 63 p. ISBN: 978-85-7826-211-2.
03. SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRANDENBURG, Cristine; SANTOS JÚNIOR, Francisco Fleury Uchôa (org.). *Educação e saúde*: um olhar interdisciplinar. Fortaleza: EdUECE, 2014. 212 p. ISBN: 978-85-7826-225-9.
04. SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula (org.). *Golpe de 1964*: história, geopolítica e educação. Fortaleza: EdUECE, 2014. 342 p. ISBN: 978-85-7826-224-2.
05. SILVA, Sammia Castro; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Capoeira no Ceará.* Fortaleza: EdUECE, 2014. 156 p. ISBN: 978-85-7826-218-1.
06. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (org.). *Tudo que não inventamos é falso*: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014. 488 p. ISBN: 978-85-7826-219-8.
07. PAULO, Adriano Ferreira de; MIRANDA, Augusto Ridson de Araújo; MARQUES, Janote Pires; LIMA, Jeimes Mazza Correia; VIEIRA, Luiz Maciel Mourão (org.). *Ensino de História na educação básica*: reflexões, fontes e linguagens. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p.
08. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; PAZ, Sandra Regina (org.). *Políticas, currículos, aprendizagem e saberes*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p. ISBN: 978-85-7826-245-7.
09. VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *História e práticas culturais na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 229 p. ISBN: 978-85-7826-246-4.
10. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Teologia, História e Educação na contemporaneidade*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 160 p. ISBN: 978-85-7826-237-2.
11. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério (org.). *Biografia de mulheres*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 163 p. ISBN: 978-85-7826-248-8.
12. MIRANDA, José da Cruz Bispo de; SILVA, Robson Carlos da (org.). *Entre o derreter e o enferrujar*: os desafios da educação e da formação profissional. Fortaleza: EdUECE, 2014. 401 p. ISBN: 978-85-7826-259-4.
13. SILVA, Robson Carlos da; MIRANDA, José da Cruz Bispo de (org.). *Cultura, sociedade e educação brasileira*: teceduras e interfaces possíveis. Fortaleza: EdUECE, 2014. 324 p. ISBN: 978-85-7826-260-0.
14. PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia*: pertencimento, corpo-dança afrodescendente e tradição oral africana na formação de professoras e professores – contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015. 253 p. ISBN: 978-85-7826-258-7.
15. SALES, José Albio Moreira de; SILVA, Bruno Miguel dos Santos Mendes da (org.). *Arte, tecnologia e poéticas contemporâneas.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 421 p. ISBN: 978-85-7826-262-4.

16. LEITE, Raimundo Hélio (org.). *Avaliação*: um caminho para o descortinar de novos conhecimentos. Fortaleza: EdUECE, 2015. 345 p. ISBN: 978-85-7826-261-7.
17. CASTRO FILHO, José Aires de; SILVA, Maria Auricélia da; MAIA, Dennys Leite (org.). *Lições do projeto um computador por aluno*: estudos e pesquisas no contexto da escola pública. Fortaleza: EdUECE, 2015. 330 p. ISBN: 978-85-7826-266-2.
18. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Psicologia da educação*: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. 269 p.
19. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CACAU, Josabete Bezerra (org.). *Juventudes e políticas públicas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 247 p. ISBN: 978-85-7826-298-3.
20. LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a escola*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 245 p. ISBN: 978-85-7826-296-9.
21. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a formação de professores.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 145 p. ISBN: 978-85-7826-293-8.
22. SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a sociedade.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 213 p. ISBN: 978-85-7826-294-5.
23. CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Didática e prática de ensino*: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade. EdUECE, 2015. 257 p. ISBN: 978-85-7826-295-2.
24. VASCONCELOS, José Gerardo; RODRIGUES, Rui Martinho; ALBUQUERQUE, José Cândido Lustosa Bittencourt de (org.). *Contratualismo, política e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 73 p. ISBN: 978-85-7826-297-6.
25. XAVIER, Antônio Roberto; TAVARES, Rosalina Semedo de Andrade; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Administração pública*: desafios contemporâneos. Fortaleza: EdUECE, 2015. 181 p.
26. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; CASTRO, Jéssyca Lages de Carvalho (org.). *(Auto)Biografias e formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 229 p. ISBN: 978-85-7826-271-6.
27. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; MARTINHO RODRIGUES, Rui (org.). *História, literatura e educação.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 299 p. ISBN: 978-85-7826-273-0.
28. MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; ARAÚJO, Fátima Maria Leitão (org.). *Ensino & linguagens da História.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 371 p. ISBN: 978-85-7826-274-7.
29. NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS, Larissa Meira de (org.). *Diálogos sobre Gênero, Cultura e História.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 175 p. ISBN: 978-85-7826-213-6.
30. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade II.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 471 p. ISBN: 978-85-8126-094-5.
31. MARINHO, Maria Assunção de Lima; ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (org.). *Economia, políticas sociais e educação*: tecendo diálogos. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-317-1.

32. FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACIEL, Francisco Cristiano Góes (org.). *Polifonia em juventudes.* Fortaleza: EdUECE, 2015. 234 p. ISBN: 978-85-7826-299-0.
33. SANTANA, José Rogério; BRANDENBURG, Cristine; MOTA, Bruna Germana Nunes; FREITAS, Munique de Souza; RIBEIRO, Júlio Wilson (org.). *Educação e métodos digitais*: uma abordagem em ensino contemporâneo em pesquisa. Fortaleza: EdUECE, 2016. 214 p. ISBN: 978-85-7826-318-8.
34. OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (org.). *Vidas em romaria*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 438 p. ISBN: 978-85-7826-380-5.
35. SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Educação brasileira e suas interfaces*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 158 p. ISBN: 978-85-7826-379-9.
36. MALOMALO, Bas'Ilele; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain (org.). *Cá e acolá*: pesquisa e prática no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. Fortaleza: EdUECE, 2016. 238 p.
37. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente "infrator" no Brasil*: breve contextualização histórica. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2016. 112 p. ISBN: 978-85-7826-337-9.
38. MARQUES, Janote Pires; FONSECA, Emanuelle Oliveira da; VASCONCELOS, Karla Colares (org.). *Formação de professores*: pesquisas, experiências e reflexões. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-407-9.
39. SILVA, Henrique Barbosa; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; CARVALHO, Alanna Oliveira Pereira (org.). *A democratização da gestão educacional*: criação e fortalecimento dos Conselhos Municipais de Educação no Ceará. Fortaleza: EdUECE, 2016. 144 p. ISBN: 978-85-7826-367-6.
40. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; OLIVEIRA, Roberta Lúcia Santos de (org.). *Estudos em educação*: formação, gestão e prática docente. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-433-8.
41. SILVA JÚNIOR, Roberto da; SILVA, Dogival Alencar da (org.). *História, políticas públicas e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 183 p. ISBN: 978-85-7826-435-2.
42. VASCONCELOS, José Gerardo; ARAÚJO, Marta Maria de (org.). *Narrativas de mulheres educadoras militantes no contexto autoritário brasileiro (1964-1979).* Fortaleza: EdUECE, 2016. 104 p. ISBN: 978-85-7826-436-9.
43. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade III*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 456 p. ISBN: 978-85-7826-437-6.
44. PORTO, José Hélcio Alves. *Escritos*: do hoje & sempre poesias para todos momentos. Fortaleza: EdUECE, 2016. 124 p. ISBN: 978-85-7826-438-3.
45. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues; BRANDENBURG, Cristine (org.). *Educação, memórias e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 179 p. ISBN: 978-85-7826-452-9.
46. FIALHO, Lia Machado Fiuza; TELES, Mary Anne (org.). *Juventudes em debate*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 355 p. ISBN: 978-85-7826-453-6.
47. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; SANTOS, Geórgia Patrícia Guimarães dos; CAVAIGNAC, Mônica Duarte (org.). *Educação em debate*: reflexões sobre ensino superior, educação profissional e assistência estudantil. Fortaleza: EdUECE, 2016. 243 p. ISBN: 978-85-7826-463-5.
48. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima (org.). *As voltas da avaliação educacional em múltiplos caminhos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-464-2.
49. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; MARTINS, Elcimar Simão (org.). *Ensino médio*: políticas educacionais, diversidades, contextos locais. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-462-8.

50. NUNES, Maria Lúcia da Silva; TEIXEIRA, Mariana Marques; MACHADO, Charliton José dos Santos; ROCHA, Samuel Rodrigues da (org.). *Eu conto, você conta*: leituras e pesquisas (auto)biográficas. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-506-9.
51. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Diálogos transdisciplinares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 142 p. ISBN: 978-85-7826-505-2.
51. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (Org.). *Serviço Social*: uma profissão, distintos olhares. Fortaleza: EdUECE, 2017. 278 p. ISBN: 978-85-7826-478-9.
52. VASCONCELOS, José Gerardo; XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva (org.). *História, memória e narrativas biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 191 p. ISBN: 978-85-7826-538-0.
53. SANTOS, Patrícia Fernanda da Costa; SENA, Flávia Sousa de; GONÇALVES, Luiz Gonzaga; FURTADO, Quezia Vila Flor (org.). *Memórias escolares*: quebrando o silêncio... Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-537-3.
54. CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. *O pedagogo na Assistência Social*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 122 p. ISBN: 978-85-7826-536-6.
55. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues (org.). *Docência e formação*: percursos e narrativas. Fortaleza: EdUECE, 2017. 198 p. ISBN: 978-85-7826-551-9.
56. LEITE, Raimundo Hélio; ARAÚJO, Karlane Holanda; SILVA, Lucas Melgaço da (org.). *Avaliação educacional*: estudos e práticas institucionais de políticas de eficácia. Fortaleza: EdUECE, 2017. 242 p. ISBN: 978-85-7826-554-0.
57. CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; SILVA, Lucas Melgaço da; ARAÚJO, Karlane Holanda (org.). *Avaliação da aprendizagem*: a pluralidade de práticas e suas implicações na educação. Fortaleza: EdUECE, 2017. 380 p. ISBN: 978-85-7826-553-3.
58. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (org.). *Pesquisa em ensino e interdisciplinaridades*: aproximações com o contexto escolar. Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-560-01.
59. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade IV*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 346 p. ISBN: 978-85-7826-563-2.
60. MUNIZ, Cellina Rodrigues (org.). *Linguagens do riso, práticas discursivas do humor*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 186 p. ISBN: 978-85-7826-555-7.
61. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Talvez em nome do povo... Uma legitimidade peculiar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85- 7826-562-5.
62. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Política, Identidade, Educação e História*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 172 p. ISBN: 978-85-7826-564-9.
63. OLINDA, Ercília Maria Braga de; GOLDBERG, Luciane Germano (org.). *Pesquisa (auto)biográfica em Educação*: afetos e (trans)formações. Fortaleza: EdUECE, 2017. 445 p. ISBN: 978-85-7826-574-8.
64. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *O desafio do conhecimento histórico*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 130 p. ISBN: 978-85-7826-575-5.
65. RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; FAÇANHA, Cristina Soares; COELHO, Tâmara Maria Bezerra Costa (org.). *Costurando histórias*: conceitos, cartas e contos. Fortaleza: EdUECE, 2017. 182 p. ISBN: 978-85-7826-561-8.
66. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocyana Cavalcante da; SILVA, Jáderson Cavalcante da (org.). *Interface entre Educação, Educação Física e Saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 211 p. ISBN: 978-85-7826-576-2.
67. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; JARDILINO, José Rubens Lima; SILVESTRE, Magali Aparecida; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de (org.). *Pes-*

quisa em Rede: diálogos de formação em contextos coletivos de conhecimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. 171 p. ISBN: 978-85-7826-577-9.
68. MOREIRA, Eugenio Eduardo Pimentel; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; MARQUES, Cláudio de Albuquerque (Autores). *Implantação e atuação do Sistema de Monitoramento e avaliação do Programa Seguro-Desemprego*: estudo de caso. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-591-5.
69. XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva; MATOS, Camila Saraiva de (org.). *Pesquisas educacionais:* abordagens teórico-metodológicas. Fortaleza: EdUECE, 2017. 271 p. ISBN: 978-85-7826-602-8.
70. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva (org.). *Entrelugares:* Tecidos Sociopoéticos em Revista. Fortaleza: EdUECE, 2017. 273 p. 978-85-7826-628-8.
71. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazantinha*: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-637-0.
72. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazantinha*: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-638-7 (*E-book*).
73. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba*: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-639-4.
74. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba*: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-640-0 (*E-book*).
75. SILVA, Krícia de Sousa. *"Manobras" sociopoéticas*: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-641-7.
76. SILVA, Krícia de Sousa. *"Manobras" sociopoéticas*: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-636-3 (*E-book*).
77. VIEIRA, Maria Dolores dos Santos. *Entre acordes das relações de gênero*: a Orquestra Jovem da Escola "Padre Luis de Castro Brasileiro" em União-Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 247 p. ISBN: 978-85-7826-647-9.
78. XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (Autores). *História, memória e educação*: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos. Fortaleza: EdUECE, 2018. 193 p. ISBN: 978-85-7826-648-6.
79. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica*: experiências de pesquisas. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-654-7.
80. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica*: experiências de pesquisas. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-653-0 (*E-book*).
81. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-651-6.
82. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-652-3 (*E-book*).
83. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias:* a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-650-9.

84. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias:* a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-649-3 (*E-book*).
85. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-664-6.
86. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-662-2 (*E-book*).
87. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Gênero e cultura*: questões políticas, históricas e educacionais. Fortaleza: EdUECE, 2019. 281 p. ISBN: 978-85-7826-673-8.
88. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas*: estratégias, práticas e desafios. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
89. DAMASCENO, MARIA NOBRE. *Lições da Pedagogia de Jesus*: amor, ensino e justiça. Fortaleza: EdUECE, 2019. 119 p. ISBN: 978-85-7826-689-9.
90. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito:* tradições em diálogo. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-690-5.
91. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito:* tradições em diálogo. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-691-2 (*E-book*).
92. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Autores). *Tudo azul com dona Neuza*: Poder e Disputa Local em 1968 . Fortaleza: EdUECE, 2019. 141 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
93. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas*: estratégias, práticas e desafios. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-671-4 (*E-book*).
94. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte*: experiência artística e criação na formação do jurista. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-702-5.
95. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte*: experiência artística e criação na formação do jurista. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-703-2 (*E-book*).
96. LEITINHO, Meirecele Calíope; DIAS, Ana Maria Iorio (org.). *Discutindo o pensamento curricular*: processos formativos. Fortaleza: EdUECE, 2019. 203 p. ISBN: 978-85-7826-701-8.
97. BEZERRA, Milena de Holanda Oliveira; GADELHA, Raimunda Rosilene Magalhães; CARNEIRO, Stânia Nágila Vasconcelos; FERREIRA, Paulo Jorge de Oliveira (org.). *Educação e saúde*: vivendo e trocando experiências no Programa de Educação pelo Trabalho (PET). Fortaleza: EdUECE, 2019. 233 p. ISBN: 978-85-7826-713-1 (*E-book*).
98. SUCUPIRA, Tânia Gorayeb; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO; Lia Machado Fiuza. *Quilombo Boqueirão da Arara, Ceará*: memórias, histórias e práticas educativas. Fortaleza: EdUECE, 2019. 151 p. ISBN: 978-85-7826-687-5.
99. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Debates em História da Educação e Formação de Professores*: perspectivas da educação contemporânea. Fortaleza: EdUECE, 2019. 300 p. ISBN: 978-85-7826-724-7 (*E-book*).
100. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocyana Cavalcante da (org.). *Práticas de ensino*: semeando produções científicas parceiras. Fortaleza: EdUECE, 2019. 179 p. ISBN: 978-85-7826-725-4.

101. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Exercício da escrita (auto)biográfica*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 398 p. ISBN: 978-85-7826-723-0 (*E-book*).
102. SILVA; Adryel Vieira Caetano da; NASCIMENTO; Jordana Marjorie Barbosa do; VIEIRA, Lívia Moreira Lima; LOPES, Thaynara Ferreira; CARVALHO, Rhanna Emanuela Fontenele Lima de (org.). *25 Anos de PET Enfermagem*: uma trajetória de pesquisa, conhecimento e promoção de saúde. Fortaleza: EdUECE, 2019. 215 p. ISBN: 978-85-7826-745-2 (*E-book*).
103. SILVA, Maria do Socorro Borges da. *De "mulher-maravilha" a "cidadão persi"*: professoras capulana do educar em direitos humanos. Fortaleza: EdUECE, 2019. 109 p. ISBN: 978-85-7826-753-7.
104. COSTA, Hercilene Maria e Silva; ADAD, Shara Jane Holanda Costa (org.). *Círculo de cultura sociopoético*: diálogos com Paulo Freire sempre!. Fortaleza: EdUECE, 2019. 190 p. ISBN: 978-85-7826-741-4 (*E-book*).
105. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces*: experiências do PIBID na UFAL. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p.
106. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho*: a atuação do pedagogo na educação profissional. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-774-2.
107 AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho*: a atuação do pedagogo na educação profissional. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-775-9 (*E-book*).
108. LEITE, Luciana de Lima Lopes. *Ocupar é rexistir! Práticas artísticas como tática de resistência nas ocupações do coletivo ocupArthe, em Teresina (2014)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 266 p. ISBN: 978-85-7826-779-7 (*E-book*).
109. GOMES, Wagner. *Ensino de História e interdisciplinaridade*: reflexões epistemológicas. Fortaleza: EdUECE, 2020. 185 p. ISBN: 979-65-86445-00-8. (*E-book*).
110. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces*: experiências do PIBID na UFAL. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p. ISBN: 978-65-86445-05-3. (*E-book*).
111. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenia Sobral do; CAMELO, Renata Albuquerque (org.). *Instrumentos e técnicas do Serviço Social*: desafios cotidianos para uma instrumentalidade mediada. Fortaleza: EdUECE, 2020. 411 p. ISBN: 978-65-86445-01-5.
112. NUNES, Maria Lúcia da Silva (org.). *Paisagens da história da educação*: memórias, imprensa e literatura. Fortaleza: EdUECE, 2020. 216 p. ISBN: 978-65-86445-07-7.
113. MORAES, Ana Cristina de; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas (org.). *Arte, docência e práticas educativas*: experiências e contextos. Fortaleza: EdUECE, 2020. 656 p. ISBN: 978-65-86445-25-1. (*E-book*).
114. SILVA, Maria do Socorro Borges da; FARIAS, Emerson de Souza. *Educação e direitos humanos de crianças e adolescentes*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 110 p. ISBN: 978-65-86445-29-9 (*E-book*).
115. VIANA, Patrícia Ferreira de Sousa; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *A sociopoética como inovação metodológica na pesquisa em saúde bucal coletiva, com jovens em formação*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 186 p. ISBN: 978-65-86445-34-3. (*E-book*).

116. OLINDA, Ercília Maria Braga de; PAZ, Renata Marinho (org.). *Narrativas autobiográficas e religiosidade*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 421 p. ISBN: 978-65-86445-43-5. (*E-book*).
117. ARAÚJO, Conceição de Maria Sousa. *Ensinar e aprender filosofia numa perspectiva ética*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 236 p. ISBN: 978-65-86445-48-0. (*E-book*).
118. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa*: educação como missão de vida. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-55-8 (*E-book*).
119. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa*: educação como missão de vida. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-51-0.
120. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; LIMA, Joana D'arc de Sousa; BRITO, Antônia Edna. *Práticas educativas*: múltiplas experiências em educação. Fortaleza: EdUECE, 2021. 558 p. ISBN: 978-65-86445-62-6 (*E-book*).
121. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Formação e experiências docentes*: práticas pedagógicas em diferentes contextos e cenários: perspectivas da educação contemporânea. Fortaleza: EdUECE, 2019. 475 p. ISBN: 978-65-86445-70-1 (*E-book*).
122. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (Org.). *Psicologia da educação*: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2021. 277 p. ISBN: 978-65-86445-69-5. (*E-book*).
123. SILVA, Hebelyanne Pimentel da. *Uma década de prosa*: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959). Fortaleza: EdUECE, 2021. 289 p. ISBN: 978-65-86445-71-8. (*E-book*).
124. LIMA, Caciano Silva. *Sociopoética no Brasil*: uma pesquisa com Educadores Museais. Fortaleza: EdUECE, 2021. 193 p. ISBN: 978-65-86445-79-4. (*E-book*).
125. LIMA, Caciano Silva. *Sociopoética no Brasil*: uma pesquisa com Educadores Museais. Fortaleza: EdUECE, 2021. 193 p. ISBN: 978-65-86445-80-0.
126. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ARAÚJO, Talita Medeiros de (Org.). *Pedagogia jurídica no Brasil*: questões teóricas e práticas de um campo em construção. Fortaleza: EdUECE, 2021. 453 p. Isbn: 978-65-86445-88-6.
127. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ARAÚJO, Talita Medeiros de (Org.). *Pedagogia jurídica no Brasil*: questões teóricas e práticas de um campo em construção. Fortaleza: EdUECE, 2021. 453 p. Isbn: 978-65-86445-89-3 (*E-book*).
128. CARVALHO, Scarlett O'Hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Irmã Maria Montenegro*: uma vida dedicada à educação. Fortaleza: EdUECE, 2021. 166 p. ISBN: 978-65-86445-95-4. (*E-book*).
129. SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Maria Socorro Lucena Lima*: educadora cearense referência na formação de professores. Fortaleza: EdUECE, 2021. 183 p. ISBN: 978-65-86445-98-5. (*E-book*).
130. SOUZA, Antoniele Silvana de Melo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Donêta Leite*: biografia de uma educadora religiosa. Fortaleza: EdUECE, 2021. 207 p. ISBN: 978-65-86445-96-1 (*E-book*).